O LIVRO DO POVO
ANTÔNIO MARQUES RODRIGUES

O LIVRO DO POVO

MARANHÃO
1881
O LIVRO DO Povo

Por

ANTONIO MARQUES RODRIGUES

Bacharel Formado na Faculdade de Direito
do Recife,
Cavalleiro da Imperial Ordem da Rosa
e da Real Ordem Portugueza de Nossa Senhora
da Conceição da Villa Viçosa,
Socio do Instituto Dramático e Litterario de Coimbra
na Classe de Litteratura,
Socio correspondente dos Institutos Archeologico
e Geographico Pernambucano
e Historico da Bahia,
Membro Honario da Associação Typographica
Maranhense,
Inspector da Instrução Publica da
Provincia do Maranhão,
etc. etc. etc.

NONA EDIÇÃO

Maraúca
MARANHÃO—1881.
Segundo a narração dos quatro evangelistas, S. Matheus, S. Lucas, S. Marcos, e S. João, intentamos escrever a vida de N. S. Jesus Christo, para ser lida nas escolas primárias e por qualquer pessoa do povo.

Quando começamos a realizar o nosso intuito veiu-nos a mão a Historia Sagrada do Ilm. Sr. Padre I. J. Roquette, e nella encontramos a narração dos quatro evangelistas apaixonada com fidelidade, e em muitos pontos com singela formosura, e clareza. Então, auxiliado por tão belo trabalho, e pelas obras de Royaumont e do abade Brispot, e pela própria narrativa dos evangelistas, publicamos a Vida de N. S. Jesus Christo, a qual, reunida a varios artigos úteis, forma o livro, que intitulamos: O LIVRO DO POVO.

Satisfazer uma grande necessidade do nosso ensino primário, a uniformidade dos livros de leitura, vulgarizar a história do Salvador do Mundo, os seus milagres, a sua doutrina, e os melhores preceitos de economia e ordem, tais são os fins, que temos em vista com a publicação do LIVRO DO POVO, e para alcançar tão grandioso resultado puzemos em pratica a publicidade baratíssima.

Adoptado para o uso de leitura das escolas primárias de algumas províncias, recebido e animado benevolamente pelo público, e pela imprensa, o LIVRO DO POVO teve em menos de dois annos duas edições, representando ambas o numero de 10000 exemplares, fenômeno raro nos annaes da typographia brasileira. Além de tão benignos estimulos tivemos outros testemunhos de louvor e animação, que excederam à nossa esperança, e por isso damos a cártula a honrosa carta, que nos dirigio o Exm. Sr. D. Luiz Bisco do Maranhão, e a approvação canonica do Exm. Sr. D. Maxi-oel, Arcebispo da Bahia. Documentos de tal ordem são de
valor inestimável, e fazem vir à memória, e incitam a repeter o que acerca do ensino popular já disse o venerando D. Fr. Caetano Brandão, Arcebispo de Braga, prelado também insigne em letras e virtudes, nas seguintes e memoráveis palavras. E grande loucura esperar que venha a ser melhor a geração futura, se lhe não fornecermos outros recursos, que não teve a nossa.

Concorrendo para o bem do nosso paiz, despertando pela summa barangela, em todas as classes da sociedade, a notícia de um livro, que para a inteligência e o coração do homem deve ser tão necessário como o pão para o corpo, temos fé que a recompensa dos nossos esforços, havemos de tê-la n'esta, ou n'outra vida, todas as vezes que, por via de sua leitura, a mulher seja carinhosa mãe, ou filha obediente, ou fiel esposa, e o homem ame a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo.

Maranhão—1864.

A. MARQUES RODEIGUES.
Accedendo de boa vontade ao pedido honroso, que V. S. se digna fazer-me, solicitando o meu juízo acerca do merecimento da obra, que publicou com o nome de Livro do Povo, não posso deixar de tributar o conceito, que formei d'ela, depois de a ter attentamente lido e examinado.

Acho-a muito accommodada ao uso das nossas escolas, e consequentemente apropriada à educação moral da nossa mocidade, tão desherdada e carecedora n'estes infelizes tempos de bons princípios e doutrinas seus; e que, além de estar delineada com notável sabedoria erudição, revela, como um fiel retrato, o espírito fervoroso de V. S. a bem da salvação das almas.

O seu estilo me parece o mais digne, e consentâneo da palavra de Deus, porque, usando do seu próprio valor, despreza as cúires afectadas, e segue escrupulosamente o que tanto recomenda o Apostolo das Gentes: Sermo meus, et predicatio mea, non in persuasibilitibus humana sapientiae verbis, sed in ostensione spiritus, et virtutis.

A matéria, que ella contém, é a mais importante, já pela sólida doutrina, que encerra, por cuja falta sucedem tantos peccados na Igreja, se trabe e aliena a patria, e se esquece o culto, como porque, socorrendo a primeira idade, deve ser muito proveitoso para fortificar a debil razão dos meninos, enfraquecer as paixões nascentes, e, inspirando o horror ao vicio, ensinar-lhes o temor de Deus, que quando, a razão não abandona a idade, subsiste, como diz o sabio, muito tempo no coração do homem.

Preparando disposições excelentes, apagando as primeiras impressões, que prejudicam a liberdade para obrar o bem, e fortalecendo as inclinações, e os sentimentos nobres
deve este livro operar grandes engenhios, e acrisoladas virtudes para honra da Religião e da Patria.

Rogo, pois, a Deus, que envie abundância destes livros, e a V. S. que não deixe de imprimir, e publicar quanto doutrina lhe inspirar Deus para comunicar a sua divisa palavra, que, como logo converta em cinza tanta babelonia de vicios; e como o martelo rompa e despedace os duros e obstinados seixos: como dizia o Propheta: Nunquid verba mea non sint sicut ignis, dicit Dominus et quasi malleus conterens petram.

Sou com estima e muito subida consideração

De V. S.
Att. V. e Servo Obr.

Paço Episcopal, 21 de Julho de 1863.

* LUIZ, Bispo do Maranhão.
Dom Manoel Joaquim de Cif,
da Santa Sé Apostólica, Arcebispo da Bahia, Metropolitano e Primaz do Brasil, do Conselho de Sua Magestade, de o Imperador, & & &.

Tendo lido com a maior atenção o Livro do Povo, que sujeitou ao nosso exame o seu autor o Sr. Dr. Antonio Marquês Rodrigues, achamos que este livro corresponde perfeitamente ao seu título; e não encontrando n'elle causa alguma contra a doutrina da Santa Igreja, e os bons costumes, o aproramos; e felicitamos ao seu digno Autor pelo empenho, que tomou, em publicar uma obra tão útil, e da qual podem resultar não poucos bens ao Povo Brasileiro.

Maranhão, 5 de Maio de 1863.

* MANOEL, Arcebispo da Bahia.
Invocação a Deus antes de começar o estudo.

Tu, caujo amor em cânticos
Celebram sem cessar
O mundo dos espíritos
O Céu, a terra, o mar:

Senhor, acolhe as supplicas
De pobres filhos teus!
Ilustra-nos! melhora-nos!
Ampara-nos, o Deus!

«A luz, disseste, faça-se»
E a noite em luz se fez:
Dissipe igual pródigio
À sombra em que nos vês!

Nas trevas da ignorância
Não meda o santo amor:
Ilustra-nos, amemo-nos!
Senhor! Senhor! Senhor!

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.
CAPÍTULO I

Nascimento de Nosso Divino Salvador.—Sua infância e vida oculta até seu ministerio publico.

Conceição de S. João Baptista.

No tempo de Herodes, rei da Judéa, havia um sacerdote por nome Zacharias, casado com Izabel, mulher estéril. Ambos seguiam à risca os mandamentos e os preceitos de Deus, mas não tinham filhos, se achavam em idade avançada. Um dia, exercendo Zacharias o cargo do sacerdócio, entrou no templo do Senhor a oferecer o incenso, e apareceu-lhe um anjo, posto em pé da parte direita do altar. Zacharias ficou todo turbado, e foi grande o temor, que o assaltou; mas o anjo lhe disse: «Não temas Zacharias, porque foi ouvida a tua oração, e Izabel, tua mulher, terá um filho, que se chamará João, o qual converterá muitos dos filhos de Israel, preparará um povo perfeito, e será grande diante do Senhor.» Zacharias mostrou não acreditar em tais promessas, e o anjo lhe disse: «Sabe Zacharias, que sou o anjo Gabriel, que assisto diante de Deus, e que fui enviado para te fallar, e de te dar esta boa nova; mas, desde agora ficarás mudo, e não poderás fallar até o dia em que estas cousas succedam, visto que não deste credito às minhas palavras.» Immediatamente Zacharias perdeu a
Estando Izabel no sexto mês de sua gravidez, foi enviado por Deus o mesmo anjo Gabriel a uma virgem chamada Maria, que morava na cidade de Nazareth, em Galiléia, e que era casada com José, oficial de carpinteiro, santo varão, que vivia em santa castidade com sua esposa. Apaarecendo pois o anjo na presença de Maria, disse-lhe: «Deus te salve cheia de graça: O Senhor é contigo: benta és tu entre as mulheres.» Ouvindo as palavras do celeste mensageiro, turrou-se a virgem e discorria pensativa, não sabendo o que significava tal saudação; mas o anjo lhe disse: «Não temas, Maria, pois, achatas graça diante de Deus, e conceberás, e darás a luz um filho, que será chamado Jesus o qual será grande, remirá o seu povo, e reinará eternamente, por ser o Filho do Altissimo.» —Como se fará isso, respondeu Maria, se não conheço varão? —O Espírito-Santo, lhe replicou o anjo, descerá sobre ti, e à virtude do Altissimo te cubrirá de sua sombra e por isso mesmo o fruto santo, que ha de nascer de ti, será chamado Filho de Deus. Ahí tens tu a Izabel tua parenta, que até concebeu um filho na sua velhice, porque a Deus nada é impossível.— «Então disse Maria, eis aqui a escrava do Senhor, e faça-se em mim, segundo a tua palavra.» Ditas estas palavras, o anjo desapareceu.
Dias depois a Senhora foi visitar sua prima Izabel, que morava n’uma cidade de Judá. Entrando lhe em casa a saudou, e Izabel ouvindo-lhe a voz, sentiu no ventre seu filho saltar de prazer, e inspirada pelo Espírito-Santo bradou em alta voz: «Benta és tu entre as mulheres, e bento é o fruto do teu ventre D’onde mereci eu qu’è a Mãi do Senhor me viesse visitar?»

Então contou à Virgem Santíssima como exultará o menino em suas entrainhas; acrescentando: «Bemaventurada foste em crer, porque se hão de cumprir as cousas, que da parte do Senhor te foram anunciadas.»

Estes louvores não ensoberbeceram o animo de Maria, porque atribuía a Deus a gloria de todas as graças, que lhe foram concedidas, e confessando a sua humildade, entoou este sublime cântico:

«Minha alma engrandece e glorifica ao Senhor.
«E meu espírito se transporta em santa alegria ao considerar a bondade de Deus meu Salvador.
«Porque poz os olhos em uma humilde escrava, e por isso d’hoje em diante me chamarão bemaventurada todas as gerações.
«Grandes maravilhas obrou comigo o Omnipotente, cujo nome é infinitamente santo.
«E a sua misericordia se estende de geração a geração sobre todos os que o temem.
«Assim ostenta quando quer o poder infinito de seu braço e dissipá os que no fundo do seu coração formam altivos pensamentos.
«Derriba os poderosos do seu assento, e exalta aos humildes.
«Enche de bens os que são pobres, e reduz a indigência os que são ricos;»
Decretou exaltar a Israel seu povo, lembrado de sua misericórdia.

"Para cumprir a promessa, que fez a nossos pais, a Abrahão, e todos os seus descendentes."

Deteve-se a Virgem Santíssima com sua prima Izabel perto de três meses, e pouco depois teve Izabel as dores de parto, e nasceu o grande Baptista. Vieram os parentes e vizinhos regosijarem-se com Izabel pelo nascimento de seu filho, e no oitavo dia, em que se devia circumcidar o menino, quizeram todos que se lhe pusesse o nome de seu pai Zacharias. Mas Santa Izabel opunha-se, e desejava que fosse chamado João, que era o nome dado por Deus, segundo lhe tinha anunciado o anjo. Despoderam que em sua família não havia uma só pessoa que tivesse tido tal nome, e perguntaram por acenos ao pai do menino, como queria que se chamasse. Não podendo faliar, Zacharias pediu uma taboinha, e nela escreveu: "João é o seu nome." Immediatamente recuperou a fala perdida, e a estreou entoando ao Senhor um cântico prophetico.

Ficaram tomados de espanto quantos presenciaram tais maravilhas, cuja fama correu logo pelas montanhas da Judeia. Crescendo é fortificando-se em espírito, foi S. João Baptista morar nos desertos até o dia que havia de aparecer ao povo de Israel, e pregá-lo a penitência, e anunciar lhe a vinda do Messias, isto é de Cristo o Salvador do mundo.

Nascimento de Jesus Christo = Adoração dos pastores.

Tendo voltado Nossa Senhora para a sua casa de Nazaré, meditava em silêncio no mistério, que nella Deus obrará. Porém a sua gravidez se descobriu aos
olhos de S. José o qual, como era justo, e não queria infamá-la, resolveu deixal-a secretamente. e andando com isto no pensamento, eis que lhe aparecem em sonhos um anjo, dizendo: «José filho de David, não temas receber a Maria tua mulher, porque o que nela se ge-

rou é obra do Espírito-Santo.» S. José obedeceu humildemente, ficando com Maria, e com ela viveu em perfeita virgindade. Assim cumprin-se o que fallou o Senhor pela boca do profeta Isaias: Uma virgem conceberá, e terá um filho: e appellidar-o-hão pelo nome de Emmanuel, que quer dizer: Deus connosco.
Correndo o tempo da gravidez da Virgem Maria, foi publicada uma lei de Augusto Cezar, ordenando que se descrevesse o mundo, que era o seu imperio, matriculando-e cada chefe de família na terra, onde tinha o seu solar. Por este motivo foi S. José com sua esposa à cidade de Belém, para ali matricular o seu nome, visto que era da família de David, que tinha nascido na mesma cidade. Na viagem, tendo-se completado os nove meses, a Senhora deu à luz seu filho primogenito Jesus Cristo no alpendre de uma estalagem, reservado aos animaes, visto não haver outro commodo, por ser numeroso o concurso dos que acudiam a alistá-la se, e, envolvendo seu filho em mantilhas, o reclinou no presepio.

Alguns pastores, que guardavam pela noite os seus rebanhos, perto d’aquelle sitio, viram-se cercados de grande esplendor, e ouviram a voz do anjo dizer-lhes: «Não temais porque vós trago uma feliz nova, que encenderá todo o povo de, grande alegria. Na cidade de David nasceu hoje o Salvador do mundo, Cristo Senhor, e Eis aqui o signal que vos fará conhecer: Acharéis um menino envolto em panos, e posto em uma mangerdoura.» Subitamente apareceu uma multidão numerosa de anjos, que louvavam a Deus e diziam: «Gloria a Deus no mais alto dos Ceus, e paz na terra aos homens de boa vontade.» Retiram-se os anjos, e os pastores partiram para Belém, onde acharam o menino reclinado no presepio, como o anjo lhes tinha dito, e, depois de o adorarem devotamente, se tornaram a seus rebanhos, glorificando-lo louvando a Deus.

Chegando o oitavo dia, em que se havia de circuncidar o menino, foi-lhe posto o nome de Jesus, como o anjo tinha pronunciado.
Adoração dos magos.

Estavam ainda em Belém S. José e a Virgem Maria, quando chegaram a Jerusalém os reis magos Belchior, Gaspar e Balthazar, que vinham do Oriente, e diziam: «Onde está o rei dos Judeus, que é nascido? Vimos no Oriente a sua estrela, e até aqui vimos por ella guiados, e queremos adorá-lo.» O rei Herodes, ouvindo isto, ficou turbado, assim como toda a sua corte, e convidando os Príncipes dos sacerdotes e os Escribas do povo, consultou onde havia de nascer o Christo. «Em Belem de Juda, responderam eles, porque assim está escrito pelo profeta Micheas: Nem tu, Belem, és a menor entre as cidades principais de Juda, porque de ti ha de sahir o capitão, que mandará o meu povo de Israel.»

Mandou Herodes vir secretamente os magos para lhes perguntar em que tempo tinham visto a estrela, e os mandou a Belém, dizendo-lhes: «Id e informai-vos bem quem Menino é esse, e depois que o houverdes achado, vinde-mo dizer, para eu ir também adorá-lo.»

Puseram-se os Magos a caminho e logo a estrela, que tinham visto no Oriente, lhes apareceu, indo diante delas, até que parou sobre o sitio em que estava o Menino Jesus. Entraram no presepio, encontraram o Menino com sua mãe, e prostrando-se, o adoraram, e abrindo os seus cofres, lhe ofereceram por presente ouro, incenso, e myrrha. Tributadas suas vassalagens voltaram a suas terras por outro caminho sem passar por Jerusalém, porque foram avisados em sonhos que não voltassem a Herodes.

---

Presentação de Jesus Cristo no templo.

Sendo passados quarenta dias depois do nascimento
de Jesus Cristo, levaram-no seus pais ao templo para a apresentarem a Deus, como ordenava a lei de Moisés, e ofereceram em sacrifício um par de rolas, que era o que a lei prescrevia aos pobres, visto que os ricos ofereciam um cordeiro em holocausto.

Vivia naquêle tempo em Jerusalém um idoso sacerdote chamado Simeão, varão justo e temente a Deus, a quem fora revelado que não morreria sem ver o Christo no Senhor. E por um movimento do Espírito Santo veiu ele ao templo quando a sagrada família ali estava, e possuido de santa inspiração, tomou o menino Jesus em seus braços e bem disse ao Senhor, dizendo:

«Agora, Senhor, já morrerêi em paz, segundo a promessa, que me fizeste: porque meus olhos viram o salvador que dais ao mundo. Determinastes que se manifeste à vista de todos os povos como objecto de seu respeito e amor. Ela será a luz das nações, e a glória d’Israel seu povo.

Estavam em profunda admiração Maria e José pelo que viam e ouviam, quando voltado para elles, os abençoou Simeão e disse à Maria que aquelle menino era destinado para ruina e resurreição de muitos em Israel, que seria alvo de contradicção aos homens e que estas contradicções, que patenteariam os pensamentos e íntimas disposições de muita gente, seriam para ella uma espada de dôr, que lhe traspasaria a alma.

Chegou ao mesmo tempo uma viúva por nome Anna, que tinha oitenta annos e era dotada de prophecia, e que servindo a Deus com rogos e jejuns assistia incessantemente no templo. Apenas viu o Menino Jesus, o conheceu pela mesma luz, que o dera a conhecer a Simeão, e louvou a Deus da graça que ao mundo fazia de lhe dar um Salvador.
José e Maria voltaram de Jerusalém para a sua casa e ali apareceu um anjo em sonhos a José, e lhe disse: «Levanta-te e toma o Menino, e sua Mãe, e fuge para o Egito, Fica-te lá, até que eu te avise, porque Herodes tem de buscar o menino para o matar.» José levantando-se, tomou de noite o Menino e sua mãe, e retirou-se para o Egito. Vendo então Herodes que não voltavam os Magos, e tendo sido por elas iludido, visto que haviam tomado outro caminho, ficou muito irado, e mandou matar todos os meninos de Belém e seus contornos, que tivessem dois annos e d'ahi para baixo, julgando assim abraçar em tão cruel mortandade o Menino Jesus, pois Herodes por obra o seu barbáro designio, e matando os meninos a esmo, até as criancinhas, que estavam ao colo das mães consternadas e aflíticas, fez que se cumprisse o que fora anunciado pelo propheta Jeremias: «Em Ramá se ouviu um clamor, um choro, e um grande lamento: vinha a ser Raquel chorando a seus filhos, sem admittir consolação pela falta del'elles.»

Dizem que a Sagrada Familia vivera no Egito sete annos, e sendo morto Herodes apareceu o anjo outra vez em sonhos a Jose dizendo: «Levanta-te e toma o Menino, e vai para a terra de Israel, porque são mortos os que buscavam o Menino, para o matar.» Obedeceu José, e foi para a terra de Israel; porém ouvindo que Archelau, filho de Herodes, reinava na Judéia, temeu ir para lá, e, avisado em sonhos, retirou-se para a Galiléa, e foi morar na cidade de Nazareth. cumprindo-se deste modo a prophecia, que dizia que Jesus seria chamado Nazareno.

Entretanto crescia Jesus, e se fortificava em sabedoi-
ria, e graça diante de Deus e dos homens. Todos os anos iam seus pais a Jerusalém, no dia solene da Páscoa, e Jesus os acompanhava. Quando teve doze anos, indo com elhes, segundo o costume, ficou em Jerusalém passada a festa, sem que seus pais dessem pela falta crêendo que viria com os da comitiva. Andaram caminho de um dia, e como não o achassem entre os parentes e conhecidos, voltaram a Jerusalém em sua busca, e três dias depois o acharam no Templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e fazendo-lhes perguntas, ficando todos os que ouviam pasma- dos da sua inteligência, e das suas respostas!

Maria e seu Esposo, quando o viram, se admiraram, e Jesus voltou com seus pais para Nazareth, vindo com elhes obediente, e submissa.

CAPÍTULO 2.

Pregação e baptismo de S João—Jesus dispõe-se para o seu ministerio publico

S João começa a preparar os homens para receberem dignamente o Salvador.

Correndo o anno decimo quinto do imperio de Tibe- rio, sendo Póncio Pilatos governador da Judea e Hero- des tetrarca da Galiléa, no pontificado de Annás e Caifás, João, filho de Zachariás, vivia no deserto vida austera e penitente, e veiu correndo as terras que lavam o Jordão, e ali pregava o baptismo da penitência.

Abriu o Santo Precursor a sua missão com estas pa- lavras: «Fazei penitencia, que e chegado o reino de
Deus. Para dar mais autoridade á suas vozes, pregava a penitencia com o exemplo, e vestido de pelles de camelo, com as cordas em lugar de cinto e cilício à raiz da carne, comendo gafanhotos e mel silvestre, morando n’uma cova, as suas palavras e exemplo pregavam a modestia, os despegos e retiro do mundo, e condenavam a soberba, a vaidade e todas as ruínas paixões. O seu sequito era grande; e toda a Jerusalém e toda a terra de Judéa ia buscar para confessar-lhe seus pecados, e receber o baptismo nas aguas do Jordão.

Os Saduceus, que não acreditavam na immortalidade da alma, os Phariseus, que muito blazonavam de claro conhecimento e pontual observanci da lei, e que eram soberbos, hypocritas incobertos com o manto de virtude externa, vinham também receber o baptismo. A estas pessoas falou S. João deste modo: «Raça de viboras, quem vos advertiu que fugissem da ira, que vos está ameaçada? Fazei fructos dignos de penitencia, não vos contenteis de dizer que tendes Abraão por vosso pai, porque vos declaro que poderoso é Deus para tirar das pedras filhos de Abraão. O machado já está posto a raiz das arvores, e toda a arvore, que não dá bom fruto, será cortada, e lançada ao fogo.»

Os Publicanos, ou arrecadadores de tributo, e o povo perguntavam a João: Que havemos de fazer? Quem tem duas tunicas, dé uma ao que a não têm, respondeu João, e quem tem de comer, faça o mesmo.» Da mesma sorte perguntaram-lhe também os soldados: «E nós outros o que faremos?—Não trateis mal, nem opprimais com calunias pessoa alguma, respondeu João, e dai-vos por contentes com o vosso soldo.»

Tão acertadas respostas, e uma vida tão penitente e pura, fizeram que o povo entendesse, e todos assentassem nos seus corações, que talvez João seria o Christo. Querendo arredar uma tal ideia, João lhes dizia: «Na
verdade vos baptizo em agua; mas virá outro que vos baptizará em virtude do Espírito Santo. E mais poderoso do que eu, e não serei digno de lhe desatar as correias dos sandálias. Na mão terá o crivo, e alim-para perfeitamente a eira, metterá o trigo no caleiro e queimará a palha em fogo inextinguível.

Humildade de Jesus—Tentação do demônio

Quando toda a Judéia ia ao Jordão para receber o baptismismo de S. João, Jesus Cristo, que tinha então trinta anos de idade e passava por filho de José, saiu da Galiléa, onde esperara em silêncio o tempo do ministério para que viera ao mundo, e veiu às margens do Jordão, receber com os demais o baptismismo do seu Precursor. Não pôde suportar João tão profundo abatimento e recusava-se dizendo: «A mim cumpria, Senhor, ser por vos baptizado, e vos vindeste a mim ?» Jesus o atalhou com estas palavras: «Deixa-me por ora; e assim tu e eu cumprimos toda a justiça.» Cedeu João e baptizou a Christo, que, apenas baptizado, saiu do rio, e poz-se em oração. Nesse momento abriram-se os céus e o Espírito Santo, em forma de pomba, desceu e pousou sobre Jesus, e ouviu-se das nuvens uma voz, que dizia: «Estás o filho meu muito amado, no qual tenho posto toda a minha complacência.»

Logo deixou o Salvador às margens do Jordão, e cheio do Espírito Santo, passou quarenta dias e quarenta noites no deserto sem comer nem beber. Depois de tão longo jejum, permitiu o Espírito Santo que Jesus sentisse fome e que o demônio tivesse por esse modo ocasião de o tentar. Chegou-se pois o demônio a Jesus, e disse-lhe: «Tens fome, e se és o filho de Deus
dizei a estas pedras que se convertam em pão. — Nem só o homem vive de pão, respondeu Jesus, mas de toda a palavra, que sai da boca de Deus. «Então o demônio tomou a Jesus, levou-o a Jerusalém, pô-lo sobre o pináculo do Templo e disse-lhe: «Se és o filho de Deus lança-te d’áqui abaixo, porque está escrito que Deus

mandou aos seus Anjos que tivessem cuidado de ti, e que te guardassem, e que te sustivessem em seus braços, para não magoares talvez o teu pé em alguma pedra.» A esta citação da Escritura Jesus respondeu com outra: «Dito está: não tentarás ao Senhor teu Deus.»
Não quis o demônio desistir da empreza, e transportou Jesus a um alto monte, e lhe mostrou em um momento de tempo todas as nações do mundo, e falsamente lhe disse: "Deste-te há todo este poder, e a glória dessas nações, porque elas me foram dadas; e eu adorarei a quem me parecer. Tudo isto te darei, se me adorares prostrado na minha presença." A uma tal proposta Jesus respondeu com ar soberano e divino: "Retra-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele serviras, tendo frustrados todos seus enganos, retirou-se o demônio, e os Anjos serviram Jesus com comíssão e reconhecimento corporal.

João Baptista declara que ele não é Cristo — Começa a vir "discípulos a" Jesus — Bodas do Cama.

Em quanto Jesus estava no deserto, não se cançava S. João Baptista de falar nesse e seus ouvintes, repetindo altamente o que já havia dito: "O que depois ha de vir me foi preferido, porque existia antes de mim: "Depois accrescentava: "A luz nos foi dada por Moysés, e a graça e a verdade foi trazida ao mundo por Jesus Christo.

Passada a quarentena e vencidas as tentações, Jesus Christo saiu do deserto e voltou aos sitos onde S. João andava pregando. No dia seguinte viu S. João a Jesus, e não quis perder a occasião de o dar a conhecer aos que ali estavam, e disse: " Eis aqui o Cordeiro de Deus, que tira e apaga os pecados do mundo. Este é o mesmo de quem eu disse: Depois de mim vem um homem, que me foi preferido; porque era antes de mim. Eu não o conhecia, mas o que me enviou batizar em água me disse: Aquelle, sobre que tu vires descer e pousar o Espírito Santo, em forma
de pomba esse é o que bapti-a no Espírito Santo. Eu vi o Espírito, que descia do céu, em forma de pomba e repousou sobre elle, e por isso dou testemunho que elle é o Filho de Deus.

No dia seguinte, duas horas antes do por do sol, tornou Jesus Christo a passar por aquelle sitio, e Joãó que alli estava com dous de seus discípulos, apenas o viu, exclamou: «Eis o Cordeiro de Deus.» O que ouvindo os dous discípulos seguiam a Jesus, que, voltando-se para elles, disse: «Quem buscastis ?» E elles lhe perguntaram: «Mestre, onde assistis? — Vinde, e vede, lhe respondeu o Senhor.» Foram ver a sua morada e com elle ficaram aquelle dia. André que era um dos discípulos, tinha um irmão por nome Simão, a quem disse: «Achamos o Mestre.» Veio Simão à presença de Jesus, que olhando para elle, disse: Tu és Simão, filho de João, que te chamarás Pedro.»

Querendo Jesus ir para Galilea, no dia seguinte encontrou-se com Philipe, que era de Betesda, e disse-lhe: «Segue-me.» Philipe encontrou a Nathaniel, e lhe deu a saber que descobriria o Messias prometido na Lei, que era Jesus de Nazareth. «Por ventura, lhe tornou Nathaniel, pode vir de Nazareth cousa boa?» Mas nem por isso deixou de seguir a Philipe, que o levou a Jesus o qual apenas o viu lhe disse: «Verdadeiro Israélita é este, em quem engano não há.» Atonito Nathaniel, lhe perguntou d’onde o conhecia, e Jesus respondeu: «Viste quando estas debaixo da figueira, antes que Philipe te chamasse — Mestre, disse então Nathaniel, vós sois o filho de Deus, sois o rei d’Israel.» Depois Jesus Christo lhe fallou assim: «Tu crés porque eu te disse que te vira debaixo da figueira, porém ha de ver cousas maiores que estas: Em verdade e mui verdade te digo, que d’ora em diante verás o céu aberto, e os anjos de Deus sabir e descer sobre o filho do Homem.
Tres dias depois achar-se Jesus numa boa, que se faziam em Cana de Galileia, e achava-se lá à Virgem Maria, e os discípulos de Jesus que também tinham sido convidados. O vinho começava a faltar e Maria disse a Jesus: «Elles não tem vinho.—Mulher, que vai a mim e a tinsso? respondeu Jesus. Ainda não é chegada a minha hora. «Não se molestou a Senhora com esta resposta, e, pelo contrario, disse aos que serviam a meza, que fizessem o que Jesus mandasse.

Havia na sala seis grandes talhas de pedra, que serviam para as purificações, que entre os Judeus eram de uso frequente. Cada uma levava duas ou três almudes, e Jesus mandou que as enchéssem de água, e ficaram chéias até em cima. Então disse Jesus aos serventes da meza: «Tirai agora, e levai ao mordomo.» Provar o mordomo, e como achasse que era vinho excelente, disse ao noivo: «Todo o homem põem primeiro o bom vinho na meza, e quando já os convidados têm bebido bem, então lhes apresenta o inferior. Tu ao contrario, tiveste o bom vinho guardado até agora.

Jesus lançou do templo os vendeiros.—Prediz sua ressurreição.—Dá o Baptista novo testemunho de Jesus e éprezo

De Cana partiu Jesus com seus discípulos, e parentes para Cafarnaum, mas pouco ali se demorou, porque foi celebrar a páscoa em Jerusalém. Lá encontrou Jesus no templo muitos mercadores, que vendiam bois, ovelhas e pombas, e também viu os cambistas sentados às suas mezes; que por dinheiro grosso de ouro, e prata, davam trocos míndos aos fieis que de todas as partes vinham fazer as ofertas por devoção. Indignou-se Jesus, e tendo feito de cordas um azorrague, lançou
Fora a todos do templo, assim como as ovelhas e os bois, e derribou as mezas dos cambistas, lançou por terra o dinheiro e disse para os que vendiam as pombas: «Tirai daqui tudo isto e não façais da casa de meu pai casa de negocio.» Agastaram-se os Judeus, e lhe disseram: «Que milagre nos fazes tu, para mostrares que tens autoridade para fazerestas cousas?»—Des-fazei este templo, respondeu Jesus; e eu o levantarei em três dias—Na edificação deste templo, replicaram os Judeus, gastaram-se quarenta e seis annos, e tu has-de levantalo em tres dias? Más Jesus Christo não falava do templo donde espaçará os vendedores, porém do seu corpo, verdadeiro templo de Deus, que pela morte seria destruído e ressurgiria no terceiro dia.

Fez Jesus muitos milagres em Jerusalém na festa da Pascoa, e depois foi com seus discípulos para as terras de Judéa, e lá baptisava. Também S. João continuava a baptizar nas margens do Jordão, e tiveram seus discípulos certa disputa com os Judeus ácerca do baptismo, preferindo uns o de João, e outros o de Christo. Os discípulos então disseram a João: «Mestre, o que estava contigo da banda de além do Jordão, de quem tu destes testemunho, e lhe aqui está baptizando, e todos o procuram.» E S. João lhes respondeu: «Vós mesmos sois testemunhas de que vos disse: Eu não sou o Christo: mas sou enviado adiante dele. Convém que Jesus cresça e que eu diminua Jesus Christo que veio do céo está acima de todos: fala do que viu e ouviu, e Deus, que o enviou, tudo poz em suas mãos. Jesus Christo é filho de Deus, e quem nélle crê tem a vida eterna, e quem não crê nelle e perde, e se torna alvó da ira de Deus.»

S. João Baptista não se contentou com dar testemunho de Jesus Christo às turbas do Jordão, e foi à corte do Príncipe dar testemunho a justiça. Reinava
em Galiléa Herodes Antipas, filho do grande Herodes, sob cujo reinado nasceria Jesus Cristo, e como desse grande escândalo por ter-se desposado contra todas as leis com a mulher do seu irmão, lançou-lhe em rosto o santo Precursor tão grande crime, Herodes não mostrou algum arrependimento, e pervertido pela cunhada mandou lançar em ferros a João Baptista, e o mandará matar, se não temera o povo, que o olhava como santo profeta.

Prática de Jesus Cristo com a Samaritana.

Jesus teve notícia que estava preso João Baptista, e retirou-se da Judéia, para Galiléa passando pela Samaria.

Era perto de meio dia quando entrou nos arrabaldes da cidade de Sichar, onde, fatigado do caminho, se assentou à borda do poço chamado de Jacob, rodeado de palmeiras, junto de uma herdade que tinha dado aquelle patriarca a seu filho José. Não estavam ali os seus discípulos, que tinham ido à cidade comprar mantimentos, e nessa ocasião veio uma mulher de Samaria a tirar água do poço. Entre Jesus e a Samaritana deu-se o diálogo seguinte: Jesus: Da-me de beber.—A Samaritana: Como sendo tu judeu, e não sendo da minha religião, me pedes de beber?—Jesús: Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é que te pede de beber, tu certamente lhe pediras, e elle te daria a água, que dá vida.—A Samaritana: Tu não tens Senhor, com que tirar água, e o poço é fundo. Onde tens pois essa água, que dá vida? E's acaso maior que nosso pai Jacob, que foi quem nos deu este poço, onde elle mesmo bebeu, e seus filhos, a seus gados?—Jesús: O que bebe desta água, ficará com sede, mas o
que beber da água, que eu lhe hei de dar, nunca mais terá sede por toda a eternidade.—A SAMARITANA: Senhor, dá-me dessa água, para eu não ter mais sede, nem vir aqui tirar-la.—JESUS: Vai, chama teu marido, e vem cá.—A SAMARITANA: Eu não tenho marido.—JESUS: Dizes a verdade. Tens tido cinco maridos; mas o que agora tens não é teu marido.—A SAMARITANA: Bem vejo, Senhor, que és profeta: nossos pais adoraram neste monte, e vós outros Judeus, dizeis que em Jerusalém é que se deve adorar.—JESUS: Mulher cré o que te digo: chegada é a hora em que não será nem sobre este monte, nem em Jerusalém, que cumprirá adorar a Deus. Os verdadeiros adoradores adoraram a Deus em espírito e verdade. Deus é espírito, e os que o adoram devem adorar-o em espírito e verdade.—A SAMARITANA: Sei que houve vir o Messias, que se chama Cristo e que nos houve ensinar tudo, quando chegar.—JESUS: Eu sou o Messias que fale contigo.

Nisto chegaram os discípulos e ficaram maravilhados em ver a Jesus conversando com a mulher samaritana; mas respeitosos nada perguntaram. Ela, porém, deixando o cantaro, voltou a cidade, e disse aos moradores: «Vinde ver um homem; que me disse tudo o que eu tenho feito. Por ventura será o Cristo?» ficará Jesus à borda do poço, e os discípulos instavam com elle para que comesse. «Manjar tenho para co- mer, lhe disse Jesus, que vós não conheceis.» Diziam os discípulos uns para os outros: «Será caso que algum lhe trouxesse de comer?» Então Jesus lhe explicou o manjar que era, e disse: A minha comida é fazer a vontade daquelle que me enviou, para cum- prir a sua obra. Era esta obra a salvação dos ho- mens, o seu sustento a fó dos que convertia.

No entanto chegou a mulher samaritana, e com ella muitos moradores de Sichar e pediam a Jesus que se
deixasse ficar ali com elas. Jesus ficou ali dois dias e em a sua doutrina os fortificou na fé e aumentou o numero dos convertidos. De sorte que diziam a mulher: «Não é já sobre o teu dito que nós cremos em Jesus, mas sim porque nós mesmo o ouvimos, e porque sabemos que na verdade o Salvador do Mundo.»

Préga Jesus em Galiléa—Cura o filho do Regulo—Os moradores de Nazaret querem matar a Jesus—Vocação de quatro apostos

Jesus continuava a sua jornada para a Galiléa, e começou a pregar e a dizer: «Fazei penitência, porque está proximo o reino de Deus.» A fama de seus milagres já o tinha precedido, e por isso todos lhe trouxerão os que se achavam enfermos, possuídos de varios achaques e dores.

A chava-se Jesus em Caná, onde convertera a agua em vinho, e pediu-lhe o Regulo de Cafarnaum que fosse a sua casa curar a seu filho, que estava a morrer. Jesus que conhecia os corações, e via quão imperfeita era a fé de quem o vinha rogar, disse-lhe: «Vós, se não vedes milagres e prodigios, não crêdes.—Senhor, lhe respondeu o Regulo, vem antes que meu filho morra.—Vai, que teu filho vive, replicou Jesus:» O Regulo deu crédito ao que lhe disse Jesus, e foi-se. Quando já ia andando vieram os seus criados sair-lhe ao encontro, e deram-lhe novas de que seu filho vivia. Então perguntou-lhe a hora em que o doente se achara melhor, e os criados lhe disseram «Hontem pelas sete horas o deixou a febre.» Conheceu logo o Regulo ser aquella mesma a hora, em que Jesus lhe dissera que seu filho vivia, e crêem em Jesus. Depois foi Jesus a Nazaret, onde se havia criado.
e entrou na sinagoga, segundo seu costume, e levantou-se para ler. Foi-lhe dado o livro de Isaias, e abriu-o exactamente no capítulo 61, e leu em voz alta as palavras do profeta, que dizem assim: «O espiritodó

A TRANSFIGURAÇÃO

Senhor repousou sobre mim, e por isso fui consagrado pelo Senhor que me enviou a pregar o evangelho aos pobres, a sarar aos quebrantados de coração, a anunciar aos captivos a redempção, e a publicar o anno
da graça do Senhor e o dia do perdão." Lidas estas palavras, fechou o livro; deu-o ao ministro e à vista de todos, que nela tinham fitos os olhos, falou assim: «Hoje se cumpriu esta prophecia à vossa vista.» Admiravam todos a unção das palavras que sahiam da sua boca, e diziam: «Não é este o filho de José?»

Então Jesus lhes disse: «Nenhum profeta é bem aceito na sua patria. No tempo do profeta Elias; quando houve uma grande fome por toda a terra, havia muitas viúvas em Israel; e a nenhuma delhas foi mandado Elias, senão a uma viúva estrangeira de Sidonia. Muitos leprosos havia em Israel no tempo do profeta Eliseu; mas nenhum delhas foi limpo, senão o estrangeiro Namam de Syria.» Com estes exemplos de pessoas estranhas, em quem Deus empregou a sua misericórdia, Jesus lhe deu a entender que o seu orgulho os fazia indignos de receber as graças, que concedia aos outros povos. Ouvindo isto se encheram de ira os que estavam na sinagoga, levantaram-se e lançaram Jesus fora da cidade, e conduziram à força até o cume de um monte para o precipitarem. Porém, Jesus tornou-os suspensos e immoveis, passou por meio delhas e se retirou.

Foi morar Jesus em Cafarnaum, lugar próximo do lago de Genezaret. Um dia, caminhando, Jesus pela praia do lago, viu dois irmãos pescadores, que lançavam a rede ao mar, e disse-lhes: «Vinde apoz mim, porque voz farei pescadores de homens.» Eram André e Simão, que por algum tempo já o tinham acompanhado, e que depois voltaram ao seu antigo emprego. Sem mais detença os pescadores o seguiram e, passando d'ali, viu Jesus a Thiago e seu irmão João, que na companhia de seu pai Zebedeu concertavam as redes nºuma barca e os chamou. No mesmo ponto, deixando as redes e o pai, foram em seu seguimento.
Estando Jesus na praia de Genevareth, apertado da multidão, que corria ao ouvir a palavra de Deus, viu duas barcas vazias, cujos pescadores haviam saltado em terra, e lavavam suas redes. Entrando em uma das barcas, que era de Simão, lhe rogou que a apartasse um pouco da terra, e, posto ao largo, se assentou, e começou a doutrinar o povo. Acabada a pratica, disse Jesus a Simão: «Faze-te mais ao largo, e deita as redes para pescar — Trabalhamos toda a noite, Mestre, respondeu Simão, e não apanhamos causa alguma: porém sobre tua palavra soltarei a rede.» Obedeceram os pescadores, e num só lance apanharam peixe em tanta abundancia, que a rede a muito custo era puchada, e se lhes roupia. Viram-se então, obrigados a chamar os companheiros, que estavam em outra barca, para que os viesssem ajudar, e encheram tanto ambas as barcas, que pouco faltava que elas não fossem ao fundo. Vendo a pesca de peixes, que haviam feito, ficaram assombrados os pescadores, e Simão lançou-se aos pés de Jesus, e disse-lhe: «Retira-te de mim, Senhor, porque sou um grande pecador. — Não tenhas medo, lhe respondeu Jesus, porque desta hora em diante serás pescador de homens.»

Jesus continuava a morar em Cafarnaum com os seus discípulos, e pregava na sinagoga, onde achaço-se um sabado, comessou um possesso de espírito immundo a gritar: «Que tens comosoco, Jesus Nazareno? Vieste a perder nos? Bem sei quem és, e que és o santo Deus.» Mas Jesus o ameaçou, dizendo: «Cala-te, e sai desse homem.» O espírito immundo, agitando o homem com violentas convulsões, deu um gran-
de grito, e saiu, e todos ficaram tão espantados, que uns a outros diziam: «Que é isto? Que homem é este que põe preceito com imperio até aos vértices im-
mundos, e obdecem-lhe?

Sahin Jesus da sinagoga, e foi á casa de Simão e
André, juntamente com Thiago e João. A sogra de Si-
mão estava de cama, e padecia grandes febres. Pedi-
ram-lhe os discípulos que se compadecesse della, e
Jesus chegando-se ao pé da doente, depois de a to-
mar pela mão, a fez levantar, e imediatamente a fe-
bre a deixou, e sentiu-se tão sã e vigorosa, que se
poz a servil-os, e a preparar-lhes a comida.

Por todo Cafarnaum correu a fama destes milagres,
 e acudiu logo tão crescido numero de gente, quem não
cabia nem ainda a porta da casa, onde Jesus pregava
a palavra de Deus. Estavam igualmente na companhia
de Jesus muitos phariseus e Doulores da lei, que ti-
nham vindo de todos os aldeias de Galiléa, e da Ju-
déa, e de Juresalem, para o verem e ouvirem. Eis
que apareceram uns homens, que traziam sobre um
leito um paralítico, e o procuravam introduzir dentro
da casa e pôl-o na presença de Jesus; mas não achan-
do por onde o introduzir, por ser muita a gente, su-
biram ao telhado, levantaram as telhas, fizeram uma
grandé abertura, e no meio da casa arriaram o leito
e o paralítico. Vendo Jesus tamanha fé, disse ao para-
lytico: «Filho, perdoados te são os teus peccados.» En-
tão os Escribas, e os Phariseus começaram a discorrer
comsigo, dizendo: «Que blasfemias não diz este homem?
Quem pode perdoar peccados, senão só Deus?» Mas Je-
sus, como entendesse os seus pensamentos, disse-lhes:
Que considerais vós nos vossos corações? Qual é mais
facil, dizer a este paralítico: São perdoados os peccados:
ou dizer: levanta-te e anda? Ora para que saibais que
o Filho do Homem tem sobre a terra poder de per-
doar peccados, vou dizer a este paralítico: Levanta-te pega no teu leito e vai para tua casa." No mesmo instante levantou-se o paralítico, tomou o leito em que jazia, e foi para sua casa, engrandecendo o Senhor. Os assistentes ficaram todos pasmados, e penetrados do temor, diziam: «Nunca vimos tais prodígiros.»

Depois disto saiu Jesus, e viu sentado no Telônio, ou mesa da arrecadação, um homem chamado Levi, ou Matheus, e disse-lhe: «Segue-me.» Levantou-se Matheus, deixou tudo, e juntou-se à comitiva de Jesus, e depois o convidou a um banquete, onde se acharam a mesa vários Publicanos e pecadores. Começaram os Escribas e Phariseus a murmurar, e diziam aos discípulos de Jesus: «Porque come e bebe vosso mestre com os Publicanos e pecadores?» Quando isto ouviu Jesus, lhes disse: «Os sãos não tem necessidade de médico, mas sim os que estão enfermos. Sabeis que não vim chamar os justos, mas sim os pecadores. Ida pois, e aprendei o que quer dizer. Misericordia que-ro e não sacrifício.»

CAPÍTULO 3.
Continuação do ministério público de Jesus Christo de-se a segunda até a terceira paschoa.

O milagre da piscina—Ensina Jesus que é o filho de Deos—Desculpa os seus discípulos, volta a Cafarnaum, cura e homem da mão ressuscitado, e repreende os Phariseus.

Era chegada a solemnidade da passo, e Jesus Christo partiu para Jerusalém, e foi celebrar a grande festa, segundo o seu costume. Havia perto do templo um tanque, ou lavatório, que se chamava a piscina probática. Todos os anos um anjo descia ao tanque.
revolvia a água, e o primeiro que nela entrava sabia bom de qualquer doença, que tivesse. Tinha a piscina cinco alpendres; que estavam sempre cheios de uma grande multidão de enfermos, uns cegos, outros coxos, outros ressecados nos membros, e todos esperavam o revolvimento da água. Nesse número estava também ali um homem, que havia trinta e oito anos que se achava enfermo, e Jesus, que o vio deitado, perguntou-lhe: «Queres ficar são? —Não tenho, Senhor, quem me metta na piscina, quando a água é revolvida, respon- den o enfermo, e quando desço entra nella outro, primeiro do que eu.—Levanta-te, disse Jesus, toma a tua cama e anda » No mesmo instante ficou são o enfermo, e pegou na cama, e começou a andar.

Suceddeu este milagre num sábado, e por isso os Judeus arguiam ao homem, que havia sido curado, e lhe diziam: «Hoje é sábado e não te é lícito levar a cama às costas.» — «Aquele que me curou, respon- den o homem, foi o mesmo que me disse que levasse d'ali a minha cama.» — Perguntaram-lhe então quem era esse homem, porém o que havia sido curado não sabia quem elle era, porque Jesus não estava já pre- sente. Depois achou o Jesus no Templo, e disse-lhe: «Olha que já estas são: não peques mais, para que te não succeda alguma cousa peior.» Partiu o homem, e foi logo dizer aos Judeus, que Jesus era o que o ha- via curado, e por esta causa perseguiam os Judeus a Jesus, concebendo ainda maior odio, por que não so- mente quebrantava o sábado, mas também por dizer- se Filho de Deus, e igual a Deus.

Pouco tempo depois caminhava Jesus no dia de sa- bado por entre um campo de trigo Já estava o trigo maduro, e os seus discípulos que tinham fome, come- çaram a apanhar espigas e machocando-as, as comiam. Os Phariseus vendo isto disseram a Jesus: «Ahi estão
alegrar e triunfar de prazer, porque o prêmio que de tudo haveris de receber no céu, é muito copioso. »Depois acrescentou: »Ai de vós, ricos, porque recebeste neste mundo vossa consolação; ai de vós que viveis fartos porque tereis fome; ai de vós que agora rídes, porque dia virá em que chorareis e solucaireis; ai de vós que sois louvados pelos homens, porque deste modo foram louvados e applaudidos os falsos profetas."
Para ganhar a salvação é mister edificar a seu próximo com o bom exemplo, e ganhar a lei de Deus.

«Sois o sal da terra e a luz do mundo, disse depois a seus discípulos, e pela pureza de vossa vida haver de reformar os costumes dos homens, e pela luz de vossa doutrina haver de desterrar sua cegueira. Brilhe pois vossa luz diante aos homens, como a de um candelabro, para que elles vejam vossas boas obras, e glorifiquem vos o pai que está nos céus. Não julgueis que vín a destruir a Lei, mas a preencher a e a dar-lhe perfeição. O que ensinar os mandamentos e os pozer por obra esse será grande no reino dos céus. Se vossa justiça não for mais perfeita que os dos escribas e Phariseus, não entrareis no reino dos céus. Quando fizerdes alguma oferta, e vos lembrar que offendeaste a vosso irmão, ponde vossa oferta ao pé do altar e ide-vo reconciliar primeiro com elle, e depois a poeis sobre o altar.

«Sabéis muito bem o que diz a Lei: Não commettas adulterio; e eu digo-vos que o que olhar com mãos desejos para uma mulher, já commetteu adulterio em seu coração. Diz-vos também a lei que não haver de jurar falso e eu digo-vos, que de modo nenhum jureis. Contentai-vos em dizer: Sim, sim, não, não. Ledeis também na lei: olho por olho, dente por dente, e eu digo-vos: Não resistais as ofenças ou danos que queiram fazer-vos. Antes, quando algum vos der uma bofetada na face esquerda, presentai-lhe a direita. Se algum vos pozer demanda para haver vossa túnica, abandonai-lhe ainda vossa capa. Dá ao que vos pede e não volteis as costas a quem vos pede emprestado. Emprestai sem esperar beneficio algum, fazei aos outros o que quereis que eles vos fizessem. Ouvido tendes o que a Lei diz: Amarás ao teu próximo e aborre.
fazendo os teus discípulos o que não é permitido fazer no sabbado?» Mas o Senhor lhes fez bem compreender que o santo rei David, tendo fome, comera os pães da preposição, que só aos sabbados era permitido comer, e que os mesmos sacerdotes, sem transgredir a lei, degolavam no sabbado as reses, não obstante ser proibido nesse dia todo e qualquer trabalho. Depois acrescentou: «O sabbado foi feito em contemplação do homem e não o homem em contemplação do sabbado.»

Esta mesma queixa de não guardar o sabbado lhe fez ainda os Phariseus em Cafarnaum. Estava na sinagoga um homem, que tinha a mão seca do ar e Jesus lhe disse, que levantasse a mão e, nem mesmo instante ficou vigorosa e curada. Então Jesus disse aos Phariseus: «Qual de vós não iria buscar a sua ovelha que, no dia de sabbado, tivesse cai-lo n’um poço? Ora, não valerá mais um homem, que uma ovelha? Não se poderá pois fazer bem aos homens no sabbado?» Não podiam replicar a isto os Phariseus; mas não se convençeram, e desde então começaram a se mancunmunar com os herodianos para perderem a Jesus.

Escolhe doze Apóstolos e prega no monte.

Subiu Jesus a um monte visinhol de Cafarnaum, onde passou toda a noite em oração, e quando raiou o dia chamou os discípulos e entre elles escolheu doze, e lhes deu o nome de Apóstolos, que quer dizer Enviados, pois que a pregar o Evangelho os enviava com poderes de curar enfermos e afugentar demoníos. E foram escolhidos Simão, que já chamara Pedro, André seu irmão, os dois filhos de Zebédeu (Thiago maior e
João) a quem deu nome de Boanerges, ou filhos de trovão; Filipe, Bartholomeu, Matheus, a quem tirou do telónio, Thome, Thiago menor, filho de Alpheu. e seu irmão Judas Thadeu, Simão, o Cananeu, e Judas Iscariotes, que depois entregou a Cristo.

Desceu depois com elles e n’uma planicie, que o monte ali fazia, parou, porque la se achavam as turbas, que vieram para ouvir o, forçando cada um por tocar-lhe, porque delle sabia tal virtude que a todos sarava. E como entre elles havia alguns que estavam possesso do demónio, a todos deu saúde; e tendo acabado fez a toda aquella gente uma pratica, que encerra todas as máximas do christianismo, tomando por exordio a essencia da felicidade; e ensinou:

Que a felicidade do homem não consiste n’aquillo em que elle a pôe

«Bemaventurados, dizia, são os pobres de espírito porque deiles foi o reino do céo. Bemaventurados os brandos de condição, porque esses possuirão a terra. Bemaventurados os que chorão, porque serão consolados; Bemaventurados os que tem fome e seda de justiça, porque ainda se verão fartos. Bemaventurados os que tem coração puro, porque esses verão a Deus. Bemaventurados os pacíficos, porque se chamarão filhos de Deus. Bemaventurados os que sufrarem perseguição pela justiça, porque delles é o reino do céo. Então sereis ditosos e bemaventurados quando os homens vos tiverem odio e vos perseguirem por amor de mim; quando vos carregarem de cadeias e vos disserem injurias e afrontas; quando fugirem de vós e vos lançarem de si; quando até vosso nome for delles aborrecido e abominado. Mas quando tudo isto vadeceeres por amor de mim, não vos deixeis enristecer, senão
cerás a teu inimigo; e eu digo-vos: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos aborrecem, e orai pelos que vos perseguem e injuriem, porque deste modo sereis filhos de vosso Pai celestial, que faz nascer o sol para os bons, como para os máos, e derrama a chuva sobre os justos e os injustos. Se não amardes senão aos que vos amam, que recompensa mereceis? Isso fazem os pagãos. Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito.

Necessidade d'uma intenção recta e pura, e que só tenha a Deus por objecto.

«Tendo cuidado em não fazérdes boas obras diante dos homens com o fito de que elles às louvem, porque não tereis nenhuma recompensa de vosso Pai, que está no céu Quando derdes esmolas, não saiba a mão esquerda o que faz a direita, para que a esmola se faça em segredo, porque vosso Pai que vê o que está oculto saberá recompensar-vos. Quando orardes, retira-vos ao vosso quarto. fechai a porta; e resai em segredo, porque vosso Pai vos vê. e vos dará o pago. Não amontoéis thesouro sobre a terra, onde a ferrugem e a traga o consomem e os ladrões o rouham; Porem ajuntai um thesouro no céu, onde a ferrugem e a traga o não consomem, nem os ladrões o rouham. Onde estiver vosso thesouro ali estará também vosso coração. Ninguem pode servir a dois senhores, porque ou há de aborrecer a um, e amar a outro; ou há de acomodar-se com este, e desprezar aquelle. Não podeis servir ao mesmo tempo a Deus e ao Demonio.»

«Pelo que vos digo, não andeis cuidadoso do que haveis de comer ou do que haveis de vestir. Porventura não é a vida mais que a comida, e o corpo mais que o vestido? Olhai para as aves do céu, que não la-
vram, nem semeiam, nem ceifam, nem fazem provimentos em celeiros, e com tudo vosso pai celestial as sustenta. Por ventura não sois vós mais do que elas? Olhai para os lírios do campo, vede como crescem; não trabalham, nem fiam, e com tudo vos digo, que nem Salomão em toda a sua glória, nunca se vestiu como um deles. Se pois Deus veste assim uma herva do campo, que amanhã será cortada e deitada ao fogo, quanto mais cuidado não terá de vós, homens de pouca fé?! Não vos afiljais, pois, dizendo: O que havemos de comer, o que havemos de beber, ou com que nos havemos de vestir, porque os Gentios é que se cançam por estas coisas. Porquanto vosso Pai sabe que de todas elas haveis mister. Buscai primeiramente o reino de Deus e sua justiça, e tudo vos será dado por acréscimo. E assim não andeis inquietos pelo dia de amanhã; o dia de amanhã trará seu cuidado por si mesmo; basta que sintámos o mal no dia em que elle vem.*

Para vos salvarmos é mister ocupar-vos de nossas próprias faltas e não das dos outros.

«Não julgueis, para que vos não julguem. Não condenneis, para que vos não condenmem. Sereis medidos pela medida por onde mediirdes os outros. Porque vedeis a aresta no olho alheio, e não vedeis a trave no vosso? Hipócrita tira primeiro a trave do teu olho e então verás como hás de tirar a aresta do olho de teu irmão. Fazei diligênciapor entrar pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que guia à perdição e muitos por ahí entram. Mais que estreita é a porta, e que apertado o caminho que guia à vida e quão poucos acertam com elle? Guardai vós dos falsos profetas, que vem a vós com vestidos de
ovelha, e por dentro são lobos devoradores. Por seus fructos os conheceres, por ventura dão uvas os espinheiros, ou figos os abrolhos? Assim toda a arvore dá bons fructos, e a mai arvore dá maos fructos. Não pode a arvore boa dar maos fructos, nem a arvore má dar bons fructos. Toda a arvore que não dá bom fructo, será cortada e lançada ao fogo. Nem todo o que disser: «Senhor, Senhor, entrará no reino dos ceus, mas o que fizer a vontade de meu Pai, esse entrará no reino dos céus.»

Jesus Christo será um leproso; cura um paralítico servo do centurião e ressuscita o filho da viuva Naim.

Acabado o sermão, desceu Jesus do monte, e foi seguido das turbas, que o tinham ouvido com atenção, e muito se admiravam de tão santa doutrina. Chegou n’aquelle momento um homem coberto de lepra, e lançando-se aos pés de Jesus dizia: «Se tu queres, Senhor, bem me podes curar.» Jesus estendendo a mão, tocou-o, dizendo: «Pois eu quero. Fica limpo.» Immediatamente ficou limpa toda a sua lepra, e disse-lhe o Senhor que a ninguém contasse aquelle prodigio, e que fosse d’ahi declarar ao sacerdote que estava sarado e fizesse a offerta, que a lei mandava. O leproso, porém, publicou altamente o succedido, e a fama de Jesus espalhou-se por tal modo, que não podia manifestar-se na cidade, e ia morar no deserto, onde se entretinha a orar. Lá mesmo vinham os povos de toda a parte ouvil-o, e buscar nelle o remedio de seus males.

Tinha Jesus entrado em Cafarnaum e chegou-se também a elle um Centurião, fazendo-lhe esta supplica: «Senhor, o meu criado está em casa doente de uma paralisia, e está em perigo de vida.—Eu irei, e o cu-
rarei, lhe respondeu Jesus, Senhor, eu não sou digno de que entres em minha casa, replicou o Centurião; porém, manda-o só com a tua palavra, e o meu criado será salvo. Adorou a Jesus a fé d’aquelle pagão, e disse para os que o seguiam: «Em verdade vos afirmo, que nunca achei tamanha fé em Israel.» Voltando-se então para o Centurião, disse: «Vai e assim como creste, se te faça.» E n’aquella mesma hora ficou são o criado.

No dia seguinte caminhava Jesus para uma cidade chamada Nazim, para a banda do Mediterrâneo, e seguiam-no os discípulos e a multidão de povo. Proximo das portas da cidade, encontrou Jesus um grande prestito, que levava a sepultura um defunto, filho de uma viúva, a qual acompanhava o esquife. Enterneceu Jesus por ver a afligida mã e banhada em lágrimas, disse-lhe: «Não chores» e chegando-se aos que levavam o esquife, mandou que parassem, e tocou no defunto, dizendo-lhe: «Mancebo eu te mando levanta-te.» No mesmo instante voltou à vida o que estava morto, assentou-se, começou a falar, e Jesus o entregou à sua mãe. Todos os que estavam presentes ficaram entrados de admiração e espanto, e glorificaram a Deus, dizendo: «Grande profeta se levantou entre nós, e Deus visitou o seu povo.»

Manda o Baptista dos discípulos a Jesus Christo—Resposta que elle dâ.—Jesus argumenta os Judeos, e perdão a uma peccadora.

Estava S. João Baptista no carcer e, ouvindo falar dos milagres de Jesus, enviou dous discípulos, que lhe fizeram esta pergunta. «Tu és o que has de vir, ou outro o que esperamos?» Não respondeu Jesus á per
gunda; mas fez diante delles muitas curas milagrosas, e depois lhes disse: «Ide contar a João o que vistes e ouvistes. Os cegos veem, os coxos andam, os surdos ouvem, os leprosos limpam-se, os mortos resuscitam e o Evangelho e anunçia aos pobres. Felizes os que se não escandalizarem por causa de mim.»

Retiraram-se os discípulos, e Jesus falou ao povo em abono de S. João, dizendo: «Que saíste a ver no deserto? Uma cana movida pelo vento. Que saíste a ver? Um homem vestido com roupas delicadas? Não, porque os que vestem roupas preciosas e vivem em delícias, são os que assistem nos palácios de reis. Mas que saíste a ver? Seria um profeta? Certamente vos digo, e mais que um profeta, porque d'elle está escrito: «Eis aqui envio o meu Anjo, diante de tua face, que preparará o teu caminho diante de ti.» O povo e os publicanos, que tinham sido baptizados glorificaram a Deus, ouvindo este discurso, mas os Phariseus e os Doutores da Lei não deram crédito. Jesus compadecido da dureza de seus corações, falhou d'elles com santo ressentimento e disse ao povo: «A quem compararei os homens desta geração? Por ventura não são semelhantes aos meninos, que, sentados no terreiro, dizem: 'Tocamos flauta e não dançastes; cantamos em ar de lamentação e não chorastes?' Veio João Baptista, que nem comia, pão, nem bebia vinho, e dizieis: «Elle está possesso do demônio. Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e vós dizeis: Vejam o homem glotão, e amigo do vinho, que acompanha com publicanos e pecadores!»

Considerou Jesus o pouco fructo que as cidades da Galileia, onde pregara, tiraram de tantos auxilios, que a misericordia divina lhes concedia para a salvação, e com ameaças, lhes lançou em rosto a porfiada impenitência. Depois deu graças a seu Eterno Pai, dizendo:
«Graças vos dou, Pai meu. Senhor do céu e da terra, porque escondestes estas cousas aos sabios e entendidos e as revelastes aos pequenos. Convidou então a todos a seguir-o, e disse: «Vinde a mim, vos todos que andais em trabalho, e estais carregados porque eu vos aliviarei. Tomai o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso, e humilde de coração.»

Pouco tempo depois um Pharisêu, chamado Simão, pediu a Jesus que fosse jantar à sua casa. Jesus aceitou o convite, e, quando estavam à meza chegou-se uma mulher pecadora, a qual, pondo-se por detrás d'elle, começou a regar-lhe com lágrimas os pés e beijava-os, e com os cabelos de sua cabeça os enchugava, ungindo-os com odorífero balsamo, que trazia consigo mesmo: «Se este homem fora profeta, bem saberia quem é a mulher que o toca, porque é pecadora.» O Senhor que lhe penetrava os pensamentos, falou deste modo: «Simão, tenho que te dizer uma cousa.— Fallai, Mestre, respondeu Simão.— Um credor, continuou Jesus, tinha dois devedores, um que lhe devia quinhentos dinheiros e outro cincocenta. Nenhum podia pagar a divida, e o credor perdoou a ambos. Qual dos devedores seria mais agradecido? Creio que aquelle a quem o credor perdoou maior quantia, disse Simão. Julgastes bem, replicou Jesus.» E voltando-se para a mulher, disse a Simão: «Vês esta mulher? Entrei em tua casa, não me deste agua para os pés, e ella os banhou com suas lágrimas, e os enchugou com os seus cabellos. Não me deste o ósculo de paz, e ella desde que entrou não cessou de me beijar os pés. Não deramaste oleo na minha cabeça, e ella ungiu os meus pés com precioso balsamo. Por isso te declaro que perdoados lhe são muitos pecados, porque muito amo. Depois disse para a mulher: «Vai-te em paz; tua fé te salvou.»
Jesus Cristo ensina em parábolas.

Proseguiu Jesus na sua missão e foi até à praia do lago de Genezareth para doutrinar o povo. Crescendo a multidão, que das cidades vizinhas corria a ouvir-o, subiu a uma barca e dali lhe propoz algumas parábolas, envoltas nas quais ensinou muitas verdades.

Parábola do Semeador.

«O semeador começou a semear o trigo; disse Jesus, mas com pouca ventura. Uma parte da semente do trigo caiu junto do caminho, e os homens o pizaram, e os pastores o comeram. Outra parte caiu sobre o pedregulho, e nasceu; mas logo o sol o secou e mornou, porque não tinha raiz. Outra parte caiu sobre os espinhos, e cresceram os espinhos, e o afogaram. Outra parte, finalmente, caiu na terra boa, nasceu, cresceu, amadureceu, e produziu cento por um.»

Os Apostolos não entenderam o sentido da parábola,
a o Divino Mestre lha explicou. O trigo do semeador é a palavra de Deus. diz o Padre A. Vieira, é os espírmos, as pedras o caminho, e a terra boa, em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens. Os espírmos são os corações embaraçados com cuidados, com riquezas, com delícias e nestes aloga-se a palavra de Deus. As pedras são os corações duros, e obstinados. e nestes seca-se a palavra de Deus, e se nasce, não cria raízes. Os caminhos são os corações inquietos, e perturbados com a passagem e trelap da cousas do mundo umas que vão outras que vêm outras que atravessam e todas que passam; e nestes é pisada a palavra de Deus, porque ou a desattendem, ou a desprezem. Os passaros são a figura do Demónio, que tira dos corações dos homens a palavra de Deus, que os podia salvar. A terra boa finalmente, são os corações bons, ou os homens de bom coração e nestes prende-se e fructifica a palavra divina com tanta fecundidade e abundância, que colhe cento por um.

Parábola do joio e do bom trigo.

Propoz Jesus-Christo outra parábola e disse: «O reino dos céus é semelhante ao lavrador, que semeou boa semente no seu campo, e em quanto dormíamos os moços de labraria, veio o seu inimigo, e semeou cisania, ou herva ruim, e foi-se. Cresceu o trigo, e dado o fructo, apareceu também a cisania, e disseram os criados ao lavrador: —Por ventura não semeaste a boa semente no teu campo? Pois donde lhe veio a cisania? O meu inimigo é que fez isto respondeu o lavrador. —Então os servos lhe tornaram: — Queres tu que nós vamos e arranquemos? —Não, replicou o amo, para que talvez não suceda que, arrancando a cisania, arranqueis juntamente com ella também o trí-
Deixai crescer uma e outra causa até à ceifa, e nesse tempo direi aos segadores: colhei primeiramente a cizania, e atai a em molhos para a queimar, mas o trigo recolhei-o no meu celeiro.

Como os discípulos não entrassem no entendimento desta parábola, Jesus a explicou, e disse que a boa semente são os justos, e que a cizania são os maus. Que neste mundo os bons devem soffrer os maus, visto que estão com eles misturados, mas que no fim dos secúlos serão separados, e a cizania será colhida e queimada no fogo. Então sabirão os Anjos-e, separarão os maus de entre os justos. Como o sol, resplandece-rão os justos no reino de Deus, e os maus serão precipitados na fornalha de fogo, onde haverá o choro, e o ranger com os dentes.

Outras parábolas.

A mesma verdade lhes ensinou também figurada nos pescadores, que tomam em suas redes toda a casta de peixes, e que; sentados depois na praia, escolhem o bom, e refugam o mau. Comparou o reino de Deus a um grão de mostarda, a mais pequena de todas as sementes, mas que, depois de ter crescido, é a maior.
de todas a hortaliças, e torna-se arvore, servindo os seus ramos para os passaros fazê-rem n’elles os ninhos. Comparou também o reino de Deus ao negociante, que busca boas perlas, e, tendo achado uma de grand-de preço, vai vender tudo que tenha, e a compra. Com estas e outras parábolas, Jesus Christo convenceu os seus discípulos que nada há que não devamos dar para alcançarmos o reino do céu.

Aplicando Jesus uma tempestade—Expulsa o demónio de um energumeo.—
Sara uma mulher d’um fluxo de sangue, e resuscita uma Don-zelá—Da vista a dois cegos.

Na tarde do mesmo dia entrou Jesus na barca, para passar a outra banda do lago de Genzareth, e levava consigo seus discípulos. Ao embarcar chegou-se a elle um doutor da lei, e disse-lhe: «Mestre para onde fordes te seguirei?» E Jesus lhe respondeu: «Teem as rapozas suas covas, e as aves seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde encostar a cabeça.» Nisto despediam os discípulos as turbas, mas não podiam atalhar que muitos entrassem nas barcas, que ali estavam e o seguissem.

De repente amontoaram-se as nuvens, escurceu o ar e levantou-se uma furiosa tempestade. As rajadas de vento encapelavam as ondas que alagavam a barca onde estava Jesus, e ameaçavam submergir-l-a. Entretanto Jesus dormia a somno solto na popa, reclinada a cabeça n’uma almofada, para assim provar a fé de seus discípulos que aterrados chegaram-se a elle, acordaram no e disseram-lhe: «Mestre, nada se vos dá que nos percamos? Salvai-nos, Senhor, que nos afuncamos.» Então lhes disse Jesus: «Homens de pouca fé, porque sois tão timidos? e levantando-se ameaçou os ventos, e disse para o mar: «Cala-te e emmudece.» No mesmo instante acalmou o vento, o céu tornou-se
limpo e o mar cavado transformou-se em calmaria. Jesus repreendeu ainda os seus discípulos, dizendo-lhes: 'Do que vem tanto pavor? Ainda não tendes fé?' Os discípulos, porém, e quantos estavam nas outras barca, tomados de asombrô e medo, perguntavam entre si: 'Quem é este que assustar manda com imperio aos ventos e ao mar e a quem obedecem os elementos?'

Chegaram às terras dos Gezarenos, e ali veiu a Jesus um possesso do espírito immundo, bradando: 'Jesus, Filho de Deus Altíssimo, que tens tu comigo?' Este

possesso tinha nos sepulchros o seu domicilio, e era tão maniaco, e furioso, que ninguém ousava passar por aquelle sitio. Era de tal modo vexado do demonio, que não tinha vestidos, e vagava errante e nu pelos montes, gritando e ferindo-se com pedras. Por muitas vezes tinha sido atado com grilhões, e cadeias, mas o demónio tinha quebrado as cadeias e despedaçado os grilhões, e ninguém o podia domar. Mandou Jesus ao demónio que saísse daquelle corpo, e disse-lhe: 'Que nome é o teu?—Legião é o meu nome, respondeu o demónio, porque somos muitos.' Andava ali pastando, ao redor do monte, uma grande manada de porcos, e
os demônios suplicavam a Jesus, dizendo: «Manda-nos para os porcos, para nos mettermos n’elas.» Jesus a premissão, e os demônios entraram-nos porcos, e a manada, que era de alguns dois mil, correu furiosa pelo despenhadeiro e foram precipitar-se no mar com grande violência e morreram todos afogados. Os homens, que andavam apacentando os porcos, fugiram assombrados, e foram dar a notícia à cidade e pelos campos. Sahiram muitos a ver o que tinha sucedido, e, apinhados à roda do Salvador, olhavam espantados para o energuemo, que dantes era furioso e terrível, e que nessa ocasião estava sentado aos pés de Jesus, manso e quedo, e já composto e arra- zado. Dispôs-se Jesus a entrar na barca para pas-sar outra vez o lago, e então o que fora vexado do demónio começou a pedir-lhe, que o deixasse ir na sua companhia, receiando ser de novo perseguido; mas Jesus o não admitiu, dizendo lhe: Vai ter com os teus, e conta lhes as grandes cousas que o Senhor te fez e a misericórdia que usou contigo.

Jesus entrou de novo na barca, atravessou o lago, e voltou para Cafarnaum, onde foi recebido com gran-de alegria do povo. Apenas tinha desembarcado, eis que chegou um dos príncipes da sinagoga por nome Jairo, o qual, prostrando-se aos pés de Jesus, pediu-lhe com instância, dizendo: Eu tenho uma filha, que está a expirar. Vem impor-lhe a mão para a cura, e para lhe dêres vida.» Partiu logo o Redemptor com os seus discípulos, e era tanto o povo, que o seguia, que o apertavam Ia na multidão uma mulher, que havia doze anos que sofria um fluxo de sangue, e já os médicos a tinham desenganado que não tinha cura o seu mal. Animada de grande fé, rompeu pela turba, e pondo-se por de traz de Jesus, lhe tocou na orla da tunica, e dizia consigo mesmo: «Só com lhe
tocar no vestido, ficarei sã.” No mesmo instante sentiu no seu corpo estar curada do mal, e Jesus lhe disse: “Filha, a tua fe te salvou. Vai-te em paz.”

Mal Jesus tinha acabado de falar, quando chegou um criado de Jairo anunciando-lhe a morte de sua filha, e que escusado era para Jesus o incomodar de ir mais longe. Ouviu Jesus o recado, e então disse para Jairo: “Não temas, tem fé, e tua filha viverá.”

Chegaram à casa de Jairo, e já ali estavam os tocadores de flauta, e de vários outros instrumentos musicais e muitas pessoas chorando, e fazendo grandes prantos.

“Porque chorais, disse Jesus, e fazeis tão grande alarido?

Não está morta a menina, mas dorme.” Riram-se os circunstantes, porque não sabiam que tão fácil era a Jesus resuscitar uma pessoa morta, como o outro acordá-la de dormir. Tendo feito sair todos para fora do quarto, Jesus tomou-o pai e a mãe da menina, e três de seus discípulos, Thiago, Pedro e João e chegando-se à cama, onde estava a defunta, e pegando a pela mão lhe disse: “Menina, levanta-te.” Levantou-se a menina, e, como era ja de doze annos, começou a andar, e pediu de comer, ficando todos assombrados com grande espanto.
Ao sair da casa de Jairo, seguiram no dous tegos, dizendo-lhe: «Filho de David, tende compaixão de nós.» Então disse-lhe Jesus: «Crêdes que posso fazer o que pedis?—Crêmos, Senhor,» lhe responderam. Logo Jesus lhe tocou nos olhos, dizendo: «Segundo vossa fé vos seja feito.» Abriram-se-lhes os olhos, e ficaram com vista.

Vai Jesus pregar a Nazaré—Visita segunda vez a Galiléa e manda os Apóstolos a pregar—Manda, Herodes degolar o Batista.

Depois de tantos milagres feitos em Cafarnaum, partiu Jesus Cristo para Nazaré, onde fora criado, e pregava todos os sábados na sinagoga. Ali, como da primeira vez, não foi bem recebido de seus conterrâneos, e então, expulsou-lhe de novo a sua incredulidade, e retirou-se da terra, que desmereceu sua presença e seus benefícios.

Sahiu pois Jesus de Nazaré e deu volta pelas cidades e villas de Galiléa, pregando o Evangelho e curando todas as enfermidades. Tão com ele os doze Apóstolos, e considerando na grande multidão de povos, a quem se devia anunciar o Evangelho, disse-lhes: «Ampla colheita, mas poucos segadores! Pedi ao dono da seara, que mande obreiros.» Depois chamou os Apóstolos, que eram os decretados obreiros, e lhes deu o poder de curar enfermos, afugentar demonios e dous a dous, prescritas as regras do que haviam de seguir no santo ministerio, os mandou anunciar o reino de Deus. Ordenou-lhes que não levasssem nada nas jorna-das, senão somente um bordão, nem levasssem alforje, nem pão, nem calçado, nem dinheiro, e dizia-lhes: «Em qualquer cidade ou aldeia, em que entrardes, informai-vos de quem ha nella digno de vos hospedar, e ficai ahi até vos retirar. Ao entrardes em casa, sau-
dai-a dizendo: "Paz seja nesta casa, e quando vos não receberem nem vos escutarem, sahi para fora, e sacudi o pó de vossos pés. Vede que eu vos mando como ovelhas no meio de lobos, e por tanto sede prudentes como as serpentes, e simples como as pombas. Por meu respeito sereis perseguidos, e vos farão comparecer nos tribunais, e na presença dos governadores, e dos reis, e quando vos levarem, não cuides como, ou o que haveres de falar, porque n’aquella hora vos será inspirado o que haveres de dizer. Por causa do meu nome sereis odiados; porém o que preseverar até o fim, esse é o que será salvo. Não temais aos que matam o corpo, e não podem matar a alma; porém temei ao que lançar no inferno a alma como o corpo. Não os temais, pois e dizei a verdade, porque a verdade é como o oleo, que vem à superfície da água, e nada ha encuberto, que se não venha descobrir: nem occulto, que se não venha a saber. O que a vos vos recebe, a mim me recebe, e o que não toma a sua cruz, e não me segue, não é digno de mim." Recebidas estas instruções, partiram os Apostolos, e pregaram por to-
de o paiz o Evangelho, e Deus confirmava com milagres o que elles diziam.

Nesse tempo estava João Baptista mettido n'um carcer, e ligado com cadeias; por ter expirado a Herodes o amor incestuoso, que tinha por sua cõnhada. Herodias, está mulher desenvolta, e vingativa, buscava occasião para tirar a vida ao Baptista, e achou-a no dia em que Herodes fazia annos. Nesse dia deu Herodes á sua côrte, um magnifico banquete, e a filha de Herodias dançou diante de todos, e agradou tanto a Herodes que lhe prometteu com juramento que lhe daria tudo que lhe pedisse. Mas a filha, industriada por sua mãe, pediu em um prato a cabeça de João Baptista. O rei Herodes entristecese com a petição, porém não querendo que o accusassem de faltar ao juramento, mando cortar na prisão a cabeça do santo, a qual, ensopada em sangue, foi trazida em um prato e entregue à filha, que a levou á sua mãe. Quando os discipulos de João Baptista soubaram da morte de seu mestre, levaram o corpo, sepultaram-no e foram dar parte a Jesus Cristo.

Primeiro multiplicação dos pães — Caminha Jesus Christo sobre as ondas.

Voltaram os apostolos da missão e contaram a Jesus tudo o que haviam feito e ensinado, e Jesus lhes disse: «Vinde e retirai-vos a algum logar deserto, e descançai um pouco.» Entrando pois de uma barca, passaram para outra banda, e chegaram a um logar solitario, perto de Belhesaida: mas ao desembarcaram, vieram ali Jesus muita gente, que ja o esperava, e muita outra, que se ia a ajuntando.

Teve Jesus compaixão d'aquella grande multitude de povo, porque eram como ovelhas que não tem pastor, e subiu logo ao monte, e começou a ensinar-lhes muit.
tas coisas e deu saúde a quantos enfermos lhe apresentaram.

Era já tarde, começava o dia a declinar e ninguém tinha ainda comido. Lembraram os discípulos a Jesus que já era tarde e o lugar deserto, e que despedisse aquella multidão, para que, passando as aldeias, comprassem de comer. «Não tem necessidade de se ir, disse Jesus, e dai-lhe vos outros de comer.» Ao ouviem estas palavras ficaram espantados os discípulos, porque não tinham mais do que cinco pães e dois peixes, e ali estavam quasi cinco mil homens além de mulheres e criancas. Então Jesus mandou o

povo sentar-se na relva, e tomando os cinco pães e dois peixes, levantou os olhos ao céu, deu graças, partiu os pães, cortou os peixes, mandon distribuir tudo aos que estavam assentados, e como estiveram fartos, deu um exemplo de economia, e disse aos discípulos: «Recolhem os pedaços que sobejaram para que se não percam: » Os discípulos recolheram o que tinha sobejado, e encheram doze cestos dos pedaços dos cinco pães.

Viu o povo a milagrosa multiplicação dos pães, e dizia admirado: «Este é o verdadeiro profeta, que ga de vir ao mundo » Então deliberaram aclamá-lo rei; mas Jesus, que lhes advinhou o intento, deu pressa aos discípulos que se embarcassem, e fossem espe-

O FUNÃO.
ral-o da outra banda. Retirou-se logo, e subiu ao monte onde orou quasi toda a noite. Nesse intervallo de tempo os discípulos padeçam tempestade no meio do lago, e as ondas revoltas e o vento zunindo, pela prora por tal modo os atrasava, que a barca pouco tinha passado além da praia. Depois abrandou o vento, e quasi ao raiar da alva foi Jesus ter com elles, andando firme sobre as aguas. Os discípulos avistaram pois a Jesus, que se dirigia para a barca, andando sobre o mar e tumultuando, dizendo: «É pois um fantasma!» De medo começaram a gritar; mas Jesus imediatamente lhes falhou, e disse: «Tendê confiança: sou eu, não temais.—Senhor, se tu és, lhe respondeu Pedro, manda-me que vá até onde tu estás por cima das ondas—vem, lhe disse Jesus. Então desceu Pedro da barca, e foi caminhando sobre a agua para chegar a Jesus; mas, vendo que o vento era rijo, perdeu o animal, e quando se ia submergindo, gritou dizendo: «Senhor, põe-me a salvo!» No mesmo ponto Jesus tendendo a mão, o tomou por ella, e disse-lhe: «Homem de pouca fé, porque duvidaste?». Logo se acalmou o vento, e ambos entraram na barca, e chegaram a praia designada.

Jesus confunde os Judéus, que arguiam seus discipulos que comiam sem lavar as mãos.—Lança o demónio fora da Canana; e dá saúde a um surdo-mudo

Tinham por costume os Escritas e Phariseus, em observância das tradições dos antigos, não comerem sem lavarem as mãos muitas vezes. Os discípulos de Jesus faziam o contrario, e por essa razão eram vituperados pelos Phariseus; que disseram a Jesus: «Por que não andam os teus discípulos conformes com a tradição e comem as viandas com as mãos por lavar?». Então Jesus demonstrou que na verdade os Phariseus, lavando as mãos, observavam cuidadosamente a tra-
A DONINHA.

Ihes disse Jesus. Não compreendêdeis que tudo o que de fora entra no homem nada o pode contaminar? Mas as cousas que saem da boca, vem do coração, e estas são as que fazem o homem imundo, porque do coração é que sahem os maus pensamentos, a mentira, a avareza, a inveja, a soberba, o ódio, a injúria, o furto, a fraude, os falsos testemunhos, o adulterio, os homicídios, e todos os vícios em geral.

Retirou-se Jesus para as partes de Tyro, e de Sidónia, e eis que uma mulher Cananeia, cuja filha estava possessa do espírito imundo, chegou, e lançou-se lhes aos pés, dizendo afflictâ, e em altas vozes: «Se-
nhor Filho de David, tem compaixão de mim, porque
minha filha, está miseravelmente atormentada. do de-
minio. Uma só palavra não lhe deu Jesus, e os seus
discípulos, aproximando-se, lhe pediam, dizendo:
«Despide-a, porque vem gritando atrás de nós.» Je-
sus, respondendo, lhe disse: «Eu não fui enviado, se-
não às ovelhas desgarradas do povo de Israel.» Era
a Cananeia mulher pagã, e Jesus queria dizer que não
pregava por ora aos gentios, mas sim aos Judeus, que
eram o povo, escolhido de Deus. Mas, a Cananeia pro-
tou-se em terra, adorou Jesus e disse-lhe: «Senhor,
valei-me — Não é bom, lhe respondeu Jesus, tomar o
pão aos filhos, e lançal-o aos cães. — Senhor, assim
é, replicou a Cananeia, mas também os cachorrinhos
comem das migalhas, que caem da mesa de seus do-
nos.» Na frase de Cristo, a palavra cães significa os
gentios, por causa da impureza de seus costumes, e
a palavra pão significa os favores e graças, que esta-
vam destinados para os Judeus, no caso que os não
quisesse engolir. Por isso as últimas palavras da
Cananeia chieas de humildade, de modéstia, de fé, e
de prudência, moveram a Jesus, que respondendo lhe
disse: «Ó mulher, grande é a tua fé; faça-se contigo
como queres.» Partiu a Cananeia, e chegando a casa
achou a filha repousada na cama, e já liberta do de-
monio.
Tornou ainda Jesus às praias de Genezareth, onde
lhe apresentaram um homem surdo e mudo, e lhe per-
tinram que lhe imposse as mãos e que o sarasse.
Jesus retirando-se da praia do povo, meteu os de-
dos nas oráculos dos doentes, e lhe poz saliva na boca.
Então, ergendo ao céu os olhos, suspirou e disse:
Epheta, que quer dizer: Abri-vos, e logo os ouvidos
do surdo se descerraram e a língua se lhe desprende-
ou. A multidão admirada clamava: «Jesus dá ouvir
a surdos, e falar a mudos!»


N'aquelles dias subiu Jesus a um monte, e sentado ali começou a doutrinar o povo. Concorreu uma grande multidão, que trazia consigo mudos, cegos, aleijados, e muitos outros enfermos. E Jesus a todos sarava, e a multidão, vendo fallar os mudos, ouvir os surdos, andar os coxos, ver os cegos, mostrava-se admirada, e louvava e engrandecia ao Deus de Israel. Chamou então Jesus a seus discipulos, e disse-lhes: "Olhai, te-

A RAPOSA.

nho Compaixão deste povo, porque ha já tres dias, que andam aturadamente comigo, e não tem que comer. Se os despedir em jejum para suas casas, virão a desfalecer no caminho, porque alguns delles vieram de longe.—Onde acharemos nós neste deserto pão bastante para dar de comer a tanta gente? observaram os discipulos—Quantos pães tendes abí? lhes perguntou Jesus.—Sete pães e alguns peixinhos, responderam
elas.» Jesus, tomou o sete pães e os peixes, e, dando graças, os partiu e deu a seus discípulos e os discípulos os deram ao povo. Estavam ali quatro mil pessoas, comeram todos, ficaram fartos, e dos pedaços que sobejaram, se encheram sete cestas.

Despedida a gente, passou Jesus ao mar com os discípulos, e foi além das terras de Megedão. Ali chegaram-se a Jesus os Fariseus e Saduceos, para o tentarem e pediram-lhe que lhes fizesse ver algum prodigio do seu. Jesus, porém, em vez de fazer o que lhe pediam, fez poções fatos incrédulos, que se não rendiam aos milagres, que tinham presenciado, os espontam dizendo: «Vos quando vai chegado a noite, dizeis: Haverá tempo sereno, porque está o céu rubicundo. Também quando e de manhã, dizeis: Hoje haverá tormenta, porque o céu mostra um avermelhado triste. Logo saberão conhecer, que causa progostica o aspecto do céu, e não podeis conhecer os sinais dos tempos; que os profetas deixaram signados? Esta geração perversa e adúltera pede um prodigio, e não terá outro senão o do profeta Jesus».

Chegou Jesus a Bethsaida, e lhe trouxeram um cego, e lhe rogavam que o tocasse. Jesus, tommando o cego pela mão, o tirou para fora da aldeia, e tendo-lhe imposto as suas mãos, e pondo-lhe saliva nos olhos, perguntou-lhe se via alguma coisa. Principiou o cego a ver confusamente a figura dos corpos humanos movendo-se como sombras, sem poder distinguir o delineamento dos membros, como quando se olha de noite, ou de longe, para os objectos, e por isso respondeu a Jesus: «Vejô os homens, como árvores que andam». Depois tornou-lhe Jesus a pôr as mãos sobre os olhos, e o cego ficou de todo curado, e viu distinctamente os objectos.

Saiu Jesus com seus discípulos, e foi pelas aldeias...
de Cezaréa de Filipe. No caminho perguntava a seus discípulos, dizendo-lhes: «Quem dizem os homens que sou eu?»—Uns dizem que João Baptista, mas outros que Elias, e outros que Jeremias, ou algum dos profetas, lhes responderam os discípulos.—E vós quem dizeis que sou eu? disse-lhes Jesus. Tu és o Christo Filho de Deus, respondeu Pedro.—Bemaventurado és Simão Pedro, lhe tornou Jesus porque não foi a carne e sangue quem t'ô revelou, mas sim, men, pai que está nos céus. Tu és Pedro, e sobre esta pedra edifica-

b. GATO.

rei a minha igreja, e contra ella não prevalecerão as portas do inferno. Eu te darei as chaves do reino dos céus, e tudo que ligares sobre a terra será ligado no céu, e tudo que desligares sobre a terra será no céu também desligado.»

Desde então começou Jesus a declarar a seus discípulos, que lhe convinha ir a Jerusalém, onde padeceria muitas coisas dos Anciãos, e dos Escrêias, e dos Príncipes dos Sacerdotes, e seria entregue à morte e que no terceiro dia resuscitaria.
Seis dias depois tomou Jesus consigo a Pedro e a Tiago e a João, e os levou sós a um alto monte, em lugar apartado, e poz-se em oração. De repente se transfigurou Jesus, e eleveu-se nas nuvens, e o seu rosto se tornou refulgente, como o sol, e as suas vesti-duras em extremo brancas, como tecidas de neve. Assim o viram os discípulos, quando despertaram do sonho, e também a Moisés e a Elias, que apareceram cheios de magestade, e falhavam com Jesus acerca do que havia de sofrer em Jerusalem. Logo que Moisés e Elias se separaram de Jesus, manifestou Pedro a vontade de ali se demorar, e disse: “Mestre, bom é que nós aqui estejamos; e façamos três tendas, uma para ti outra para Moisés, e outra para Elias.” Ainda falhava assombrado não sabendo o que dizia; quando veio uma nuvem luminosa, e os cobriu, ouvindo-se a voz do Eterno Padre, que dizia: “Este é o meu Filho muito amado; o Filho da minha complacencia: ouvi-o os discípulos ouvindo esta voz, caíram de braços e tiveram grande medo; porém Jesus tocou-os e disse-lhes: “Levantai-vos e não temais.” Levantaram-se os discípulos, ergueram os olhos, e não viram mais do que tão somente a Jesus.

Tendo Jesus descido o monte, e voltando aos outros seus discípulos, uma grande multidão de povo, transportada de contentamento e de admiração, correu a Saulai-o Roqueu então por entre o povo um homem e disse a Jesus: “Roge-te, Senhor, que ponhas os olhos em meu filho, porque é o único que tenho e está possuido de um espírito immundo. Pedi a teus discípulos que o expellissem, e elles não poderam.”

O filho desse homem era lunático, e o demónio o atormentava cruelmente, e o lançava por terra, no so-
go, na água, para o matar, e o pobre do moço escumava pela bocca, rania com os dentes, e mirava a olhos vistos. Trouxeram o mancebo e ainda bem não tinha visto a Jesus, quando logo o espírito imundo o começou a agitar com violência, e o fez cair por terra, onde se revolvia babando-se todo. Jesus perguntou ao pai do mancebo: «Quanto tempo ha que lhe sucede isto?»—Desde a infância, respondeu o pai e sê tu podes alguma cousa, ajuda-nos, tem compaixão de nós.—Se tu podes crer, disse lhes Jesus, tudo é possivel ao que crê.—Sim, Senhor, eu creio, repli-

cou o pai banhado em lagrimas.» Então Jesus ameaçou o espírito imundo, dizendo-lhe: «Espírito surdo e mudo eu te mando, sai desse moço, e não tornes a entrar nelle.» O demonio, dando horrendos gritos, sahiu do mancebo maltratando-o muito e deixou-o como morto; porém, Jesus, tomando-o pela mão, o levantou, e elle se ergueu, e ficou são.

Perguntaram os dissipulos a Jesus, apenas entrou em casa, porque não tinham elles podido expulsar aquelle
Demonio? «Por causa da vossa pouca fé, respondeu Jesus. Na verdade vos digo, se tiverdes fé como um grão de mostarda, nada vos será impossível, e como uma só palavra mudaréis as árvores e os montes de seu lugar.»

Jesus Cristo paga o tributo das duas drachmas. Reprime arbitrário dos distopulso, e dá regras para perdoar.

Voltava Jesus a Cafarnaum, e chegaram-se a Pedro os que cobravam o tributo das duas drachmas e disseram-lhe: «Vosso Mestre não paga as duas drachmas? —Paga, lhes respondeu Pedro: «Que te parece, Pedro? De quem recebem os reis da terra o tributo ou censo? de seus filhos ou dos estranhos? —Dos estranhos, responderam Pedro. —Logo são isentos os filhos, replicou Jesus.» Queria Jesus dizer que sendo filho da terra e filho de Deus, não devia pagar o tributo, mas depois acrescentou: «Para que não os escandelizemos. Pedro, vai ao mar e lança o anzol, toma o primeiro peixe que subir, abre-lhe a boca e acharás dentro um stater, ou moeda de quatro drachmas. Tira a moeda, e paga o tributo por mim e por ti.»

N’aquela hora chegaram-se a Jesus os seus discípilos, dizendo: «Mestre, quem julgas tu que é maior no reino dos céus?» Jesus, chamando a si um menino, o pôz no meio delles, e depois de o abraçar, disse: «Todo aquelle que se fizer humilde e pequeno, como este menino, este será o maior no reino dos céus, e o que receber em meu nome um menino, tal como este, a mim é que recebe. Se alguém quer ser o primeiro, será o último de todos, e o servo de todos, porque o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em redemção de muitos. Vede não desprezeis alguns dos vossos irmãos, porque vos declaro que os seus Anjos da guarda estão vendo in-
cessantemente a face de meu Pai, que está nos céus. E qualquer que vós der a beber um copo d'água em meu nome, em atenção a que sois cousa de Cristo, não perderá a sua recompensa. Aí do mundo por causa dos escandalos e aí do homem que os praticar, por que melhor lhe fora que se lhe pendurasse no pescoço uma mão de atafona, e que o lançasse no fundo do mar! Ora, se a tua mão, ou o teu pé te escandalisa, corta-o, e lança-o fora de ti, porque melhor te será entrar na vida eterna manco, ou ateijado, do que tendo duas mãos, ou dois pés, e ser lançado no fogo do inferno.

O TIGRE.

que nunca se apaga. Se o teu olho te escandalisa, arranca-o, lança-o fora, porque melhor é entrar no Reino de Deus com um só olho, do que tendo dous, e ser lançado no fogo do inferno, que nunca se apaga!" Querem dizer estas palavras de Jesus que devemos desprezar as cousas mais uteis e mais amadas, quando elas são capazes de nos fazer tropeçar na culpa e que devemos ser humildes e caridosos, e que tudo aquelle, que tiver orgulho, e quizer ser o primeiro, ou o maior, ofende a igualdade fraternal, que é a base da moral evangélica, e da sociedade christã. Depois disse ainda Jesus que devemos perdoar as ofensas recebidas e
que devemos perdoar sete vezes por dia, se a pessoa, que nos ofende, se mostrar sete vezes arrependida, isto é que nos cancelem de perdoar a quem de suas culpas se arrepende. Tendo Pedro perguntado a Jesus quantas vezes elle devia perdoar ao seu próximo, se sete vezes? lhe respondeu o Senhor, que não só sete, mas setenta e sete. E para demonstrar-lhe a necessidade e os lucros da prompta disposição em perdoar, propôs a parábola do rei, que, tomando contas a seus servos, achando que um lhe devia tão sobejo cabedal, que não tinha com que lhe pagasse, mandou que o vendessem, e sua mulher e filhos. O servo lançando-se a seus pés, rogava que lhe esperasse, que pagaria tudo, e o rei dispusesse a perdoar. Apenas esse desventurado sabia da presença do rei, encontrou logo outro servo que lhe devia uma pequenina quantia, e sem lhe ouvir rogos nem desculpa, o travou do pescoço, e o mandou encarcerar. Tantô que o rei soube disto, mandou chamar o servo ingrato, que pedia o perdão pa-ra si, e não o concedia aos outros e, exprobando-o de deshuman, o entregou dos algózes, para que de-le cobrassem a divida inteira.

Repregende Jesus o zelo inconsiderado de Thiago e João.—Separa setenta e dois discípulos a quem manda pregmar.—Ensiná a um doutor da Lei como se ha de amar o próximo.—Hostia se em casa de Martha.

Ia-se chegando o tempo em que Jesus havia de deixar a terra, e como era mister fosse a Jerusalém, mandou adiante alguns discípulos para que lhe preparassem hospitalidade n uma cidade da Samaria. Não quizeram os habitantes d aquella cidade receber os, e Thiago e João disseram então a Jesus: «Quereis, Senhor, que façamos descer fogo do céu, e que os abramos?» Virou-se Jesus para elles, e disse lhes: «Não sabeis que
espirito vos deve dominar. O Filho do homem não veiu
terminou dizendo-lhes: «Quem vos ouve, a mim
em vosso nome, Senhor, se nos sujeitar.» Jesus po-
rem lhes respondeu: Não vos comprazais tanto por-
que os demonios vos obedecem, e alegra-vos antes
porque vossos nomes estão escritos no céu.»
Depois disso levantou-se um doutor da lei, para ten-
tar a Jesus e lhe disse: «Mestre que hei de eu fazer pa-
ra possuir a vida eterna?—Que é o que está escripto na
lei? Como lês tu? lhe respondeu Jesus.—Amarás ao Se-
nhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua al-
ma, e de todo o teu entendimento, e ao próximo como a
te mesmo, disse o doutor.—Respondeste bem replicou
Jesus, e obra assim e viverás» O doutor, porem, que-
ria passar por homem justo e fiel observador da lei, e instava por saber quem era o seu próximo. Jesus propôs então a parábola do bom Samaritano, que pertencia a uma religião diversa da dos Judeus, e disse: Um homem baixava de Jerusalém a Jericó, e veiu a cair nas mãos dos ladrões, que logo o despojaram do que levava, e depois de o terem maltratado com muitas feridas, se retiraram, deixando-o meio morto na estrada. Aconteceu pois que passava pelo mesmo caminho um Sacerdote e quando viu passou de largo. Também passou um Levita perto d'àquellé logar, viu o homem ferido e não lhe deu socorro. Mas um Samaritano, que ia seu caminho, montado a cavallo, chegou-se perto dele e, movido pela compaixão, apeou-se, atou-lhe as feridas, banhou nelas azeite e vinho, e pondo-o sobre a sua cavalgadura, o levou a uma estalagem, pagou adiantado ao estalajadeiro, e pediu que o tratasse como a si próprio. » Não se importou pois o sacerdote com o homem ferido, e eram ambos de mesma religião. Do mesmo modo procedeu o Levita, e só o excommunicado, o esclavo Samaritano teve compaixão do pobre Judeu, que pertencia a raça dos seus perseguidores. Por isso perguntou Jesus ao doutor, para que se aplicasse a si mesmo a parábola: «Qual dos três foi o próximo do ferido?—O que usou com elle misericordia, respondeu o doutor—Pois vai, lhe tornou Jesus, faze tu o mesmo.»

- Tinham Jesus entrado em uma aldeia, e hospedou-se em casa de Martha, irmã de Maria e de Lazarro. SENTOU-se Maria aos pés do Senhor, e toda enlevada ouviu a sua palavra, e Martha, porém, andava toda afadigada na continua lida da casa, e dispensava e aparelhava tudo para tão divino hospede. Não pôde Martha sofrer a negligência de sua irmã, e apresentou-se diante de Jesus, e disse-lhe: «Senhor, a ti não se
te dá que minha irmã me deixasse andar servindo só? Dize-lhe pois que me ajude. — Martha, Martha, lhe respondeu Jesus, tu andas muito inquieta, e te embargaras com o cuidar em muitas coisas; entretanto só uma cousa é necessário, e Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada."

Jesus Christo ensina seus discípulos a orar.

Um dia estava Jesus fazendo a sua oração, e, quando acabou, lhe disse um dos seus discípulos: «Se-

nhor, ensina-nos a orar, assim como também João ensinou aos seus discípulos.» Então deu-lhe Jesus nesta ocasião, e em outras, as seguintes instruções à cerca da oração.

Puraza de intenção

Quando vos dispordes a orar, disse Jesus: perdoai aos que poderiam ter-vos ofendido, para que vosso Pai celestial vos perdoe vossos peccados. Se não lhes perdoardes, também Deus vos não perdoará.
Quando orardes não façais como os hypocritas que se mostram orando nas Synagogas e cantos das ruas para serem vistos dos homens. Também não é mister que multipliqueis muitas palavras, como fazem os pagãos pois entendam que pelo seu muito falar serão ouvidos.

Não queirais por tanto parecer vós com elas; porque vosso Pai sabe o que vós é necessário, primeiro que vós lhe peçais. Deste modo e que devés orar:

«Pai nosso, que estais no Céu, santificado seja o teu nome. Venha a nós o teu reino, e seja feita a tua vontade, assim na terra, como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje, e perdona-nos as nossas dívidas assim como nós também, perdoamos aos nossos devedores. Não nos deixeis Serem cair em tentação e livra-nos do mal. Amém.»

Pai Nosso e Bem Amado

«Alcançareis tudo o que pedirdes com firme confiança. Tudo que pedirdes a meu Pai, em meu nome, ser-vos-ha concedido, para que o Pai seja glorificado no filho. Quando pedirdes alguma coisa, em meu nome, eu vo-la darei. Se algum de vós outros pedir pão a seu Pai, acaso dar-lhe-á ele uma pedra? Ou se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Ou se lhe pedir um ovo, por ventura dar-lhe-á um escorpião? Pois se vós outros, sendo maus, sabeis dar boas dívisas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos Céus, dará beus aos que lhe pedirem? E assim tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o também vós a elhes.»

Humildade.

Como alguns tinham em si grande confiança, e julgando-se justos desprezavam os outros, propoz-lhe esta parábola: «Subiram dois homens ao Templo a fazer
oração, um Phariseu e outro Publicano. O Phariseu posto em pé, olhando a todos os outros como pecadores, orava lá no seu interior com uma refinada soberba, e dizia: «Graças te dou, meu Deus, por que não sou como os mais homens, que são um ladrões, uns injustos, uns adulteros. Nem sou também como este Publicano, e jeumo duas vezes na semana e pago o dizimo de tudo o que tenho». O Publicano, pelo contrário, posto lá de longe, metido em um canto, cheio de confusão e verdadeiramente humilhado, não ousava nem ainda levantar os olhos ao Céu, e batia nos peitos, dizendo: «Meu Deus, se propício a mim pecador.» Pois este, acrescentou Jesus, voltou justificado para sua casa, e não o outro; porque todo o que se exalta será humilhado e todo o que se humilha, será exaltado.»

Perseverança.

Serviu-se o Divino Mestre de duas comparações, pa-
Daqui conclui S. Jerónimo que todo aquele, que não recebe, que não acha e a quem se não abre a porta, é por que não pediu como devia, nem buscou com diligência; nem bateu com perseverança.

Mostra Jesus quanto necessitamos da penitência.—Sara uma mulher encerrada,—ensina a entrar pela porta estreita.

Naquelle tempo foram contar a Jesus que Pilatos, go-
Arnador da Judéia, mandara matar certos Galileus, que sacrificavam no templo. Então Jesus lhes disse: «Vós cuídas que aqueles Galileus por haverem padecido tão cruel morte, eram maiores peccadores que todos os outros da Galileia? Não eram, eu vol-o declaro: mas se vós outros não fizerdes penitencia, haveréis de acabar como esses desgraçados. O mesmo deveis entender dos desditosos Jerosolimitanos, que morreram esmagados, quando a torre de Siloe caiu sobre elas. Não eram menos peccadores que os outros moradores de Jerusalém; mas vós todos acabareis da mesma sorte, se não fizerdes penitencia.» E para que não desprezassem o tempo saudável para a penitencia de suas culpas, fez a seguinte comparação: «Um homem tinha uma figueira plantada na sua horta, e foi colher os figos, mas não achou nenhum. Então disse ao hortelão: Olha, três anos ha que procuro figos nesta figueira, e não os acho: corta-a pois pelo pé, visto que inutilmente ocupa a terra.—Señhor, deixai-a ainda este anno, por que vou escaval-a em redor, e lançar-lhe exército, respondeu o hortelão. Se cumprizer fructo, bom está; e senão, eu a cortarei depois.»
N’um dia de sábado estava Jesus ensinando na Sinagoga, e vin ali uma mulher, que estava doente havia desoito annos, e andava tão encurvada, que não podia olhar absolutamente para cima. Vendo-a Jesus, chamou-a, poz sobre ella as mãos, e disse-lhe: «Mulher, estas livre do temor. No mesmo instante ficou a mulher direita, e glorificava a Deus, mas o príncipe da Sinagoga, indignado de ver que Jesus fazia curas no dia de sábado, disse para o povo: «Seis dias estão destinados para trabalhar: vinte pois nestes a ser curados, e não em dia de sábado.» Mas Jesus respondendo-lhe disse: «Hypocritos, não desprendes cada um de vós nos sábados o seu boi, ou o seu jumento, e não os tira da estribaria, para os levar a beber? Porque razão logo não se devia curar no dia de sábado esta pobre filha de Abraão, que há desoito annos padecia?» A estas palavras ficaram corridos seus adversários, e todo o povo se alegrava de ver tantas maravilhas que fazia.

N’outra ocasião veio um homem a Jesus e perguntou-lhe se seriam muitos os que se haviam de salvar. «Porfiai a entrar pela porta estreita, disse Jesus, porque vós digo que muitos procurarão entrar e não poderão. Quando o pai de família tiver entrado, e fechar do a porta, vós outros estareis de fora, e começareis a bater á porta, dizendo: «Senhor, abri-nos: e elle vos responderá: Não sei donde sois. Então começareis vós a dizer: Não somos aquelas, que em tua presença comemos, bebemos, e a quem tu ensinastes nas nossas praças. E elle vos responderá: Não sei onde sois e afastai-vos de mim, obreiros de iniquidade.—E ali será o choro o ranger dos dentes, quando virdes que Abraão, Isaac, e Jacob, e todos os profetas estão no reino de Deus, e que ficais fora delles excluídos.»

Um sábado depois entrou Jesus em casa de um príncipe Phariseu a tomar a sua refeição. Achava-se tam-
bem ali um homem hidropico, e Jesus perguntou aos Phariseus: «E' permitido fazer curas no sabbado?» Ficaram elas caladas e Jesus pegando no homem o curou e mandou embora, e disse aos Phariseus: «Quem ha dentre vos, que, se o seu jumento, ou o seu boi cair n'uma caçamba em dia de sabbado, o não tire logo no mesmo dia?» Não lhe podiam replicar; e observando Jesus que tomavam elas os primeiros assentos na mesa, repreendeu a sua vaidade, e assim lhes disse: «Quando fores convidado a algumas bodas não te assentes no primeiro lugar, porque pode ser que esteja

ali outra pessoa mais autorisada do que tu, e o dono da casa te diga: «Dá o teu lugar a este.» Envergonhado irás então assentar-te n'outra parte, e por isso, quando fores convidado, vae tomar o ultimo lugar, para que o dono da casa te diga: «Amigo, senta-te mais para cima.» Servir-te-ha isso de gloria na presença dos que estiverem juntamente sentados à mesa, porque todo o que se exalta, será humilhado, e todo o que se humilha, será exaltado.»

Depois demonstrou Jesus que viera chamar os homens para o banquete do céu, e disse: «Um pai de fami-
lia fez uma grande ceia, e convidou a muitos. Chegou a hora da ceia e mandou um de seus servos a dizer aos convidados que viessem: porque tudo estava já aperfeiçoado. Mas todos a uma começaram a escusar-se, e disse-lhe o primeiro: Eu comprei uma quinta, preciso velar, e rogo-te que me des por escusado.—Disse o outro: eu comprei cinco juntas de bois, vou experimentá-los, e rogo-te que me des por escusado.—Eu casei, disse um terceiro, e por isso não posso ir lá. Desculparam-se os mais com outros pretextos, e o servo deu conta a seu senhor, de tudo isto. Trouxe o pai de família e disse ao servo: Vai às praças e às ruas da cidade, e traz-me cá quantos pobres e aleijados, e cegos e coxos, ricos, porque nenhum d’aquelles homens, que foram convidados, provará a minha ceia.

N’esta parábola quiz mostrar Jesus que a ceia do pai de família é o banquete, que Deus oferece a todos os homens, acende a mente troca-se pela verdade, e o mal pelo bem. Mas neste mundo existem muitos homens fascinados pela ambição, engolfados na riqueza, e que recusam tomar assento no banquete, e desculpam-se dizendo, que não lhes sobra o tempo. Esta é a razón porque os pobres ocuparão os lugares da mesa, porque têm fome, e feliz o que padece fome, por que ficará farto.

Parabolas consoladoras.

Entre as pessoas, que rodeavam de ordinário a Jesus Christo, havia muitos Publicanos e pessoas de ma vida, que gostavam de ouvir sua palavra. Os Escribas e Phariseus não cessavam de estranhar uma tal familiaridade e Jesus para os convencer de quão injustamente eram queixosos, lhes disse: «Qual de vós outros é o homem, que tendo cem ovelhas, e desgarran-
do-se, e perdendo uma não deixa noventa e nove no deserto, e vai buscar a que se havia perdido, e achando-a, a não ponha sobre seus hombros, e venha convidar os seus amigos, disendo lhes: "Congratulai-vos comigo, por que achei a minha ovelha que se havia perdido? Assim haverá mais alegria no céu pela conversão de um peccador, que sobre noventa e nove justos, que não precisão de penitência." — Ou que mulher ha, que tendo a insignificantíssima quantia de dez drachmas, e perdendo uma, não acenda a candeia, e não varra a casa, e não na busca com mui-

O QUATI.

to sentido, até que a ache? e que depois de a achar, não convoque as suas amigas e vizinhas para lhes dizer: "Congratulai-vos comigo, porque achei a drachma que havia perdido? Assim vos afirmo, que se regosijarão os anjos por um peccador, que faz penitencia." 

O filho prodigo.

Com outra parábola patenteou mais está verdade, Um homem tinha dous filhos, e o mais moço pediu a seu pat que lhe dêsse a parte da fazenda, que lhe to-

cava. Enrouxando tudo que era seu, partiu o filho ma-
is moço, para uma terra muito distante, o um paiz estranho e ali estragou em devassidões o que tinha recebido; e, apertado pela fome, viu-se obrigado a guardar os porcos de um rico lavrador. Andando relendo, faminto e maltratado, entrou em si, lembrou-se da fartura da casa de seu pai, e exclamou com a maior dor: «Ah? quantos servos têm a estas horas pão com abundância em casa do meu pai, em quanto eu aqui estou morrendo a fome? Já não posso por mais tempo sofrer este infortunio, e vou ter com meu pai, lançar-me a seus pés, e pedir-lhe perdão.» Com este louvável arrependimento, dirigiu-se à casa de seu pai, e, prostrando a seus pés, pediu ser tratado como os seus servos. Movido o pai de ternura, lhe lançou os braços ao pescoço e o beijou, em quanto o filho dizia: «Pequenino meu pai, contra vôs o não sou digno de ser vossa filha.» Esta humildade o congradou cordialmente com o pai, o qual, voltando-se para os criados lhe disse: «Vão já buscar o melhor vestido para meu filho e trazê-lo também uma vitela bem gorda, pois quero hoje dar um banquete, e que nós regostemos todos.» O irmão mais velho, que sempre tinha vivido como bom filho, mostrou-se enfadado quando ao recolher-se dos campos viu que se fazia por um dissoluto o que nunca se tinha feito por ele, que tinha sido fiel e morigerado. Mas apenas o pai soube o que se passava no seu coração, fez-lhe entender que todos os filhos eram igualmente estimados por um bom pai, e acrescentou: «Meu filho, teu irmão estava morto e agora resuscitou: esta va perdido, e nós o tornamos a achar.»
feitor, que foi acusado de ladrão. Chamou-o o amo e lhe disse: Que é isso que ouço dizer de ti? Dá conta da tua administração, porque já não poderás ser meu feitor. Vendo-se o feitor privado do seu officio, disse consigo mesmo: "Quê farei, visto que meu amo quer tirar-me a feitoria? Não posso cavai, e tenho vergonha de mendigar. Mas já sei o que hei de fazer, para que, quando for deitado fora da feitoria, ache quem me recolha em sua casa. Tendo pois chamado cada um dos devedores de seu amo disse ao primeiro: Quanto deves tu a meu amo? Cem cados de azeite, respondeu elle. —Toma tua obrigação, e escreve outra de cinq-
enta, que ficarás devendo, replicou o feitor. Depois disse a outro: E tu quanto deves? Cem córos de trigo, respondeu elle. —Toma o teu escripto, disse-lhe e feitor, e escreve oitenta. E o amo louvou o feitor mico, porque mostrou-se homem de juizo».

Com esta parábola ensinou Jesus a imitar, não a injustiça, mas a prudência do feitor, que soube gran-
gear amigos na pessoa dos pobres, e por este modo mostrou que devem os ricos, por meio da esmola, adquirir também amigos, que o recebam no Céu.
Depois contou Jesus a parábola do rico avarento. Em homem rico, disse Jesus, vestido de purpura e linhos finos, todos os dias se banqueteava, e à sua porta estava deitado um pobre mendigo por nome Lazaro. Todo coberto de chagas. O pobre Lazaro desejava fartar-se das migalhas, que caíam da meza explendida do rico avarento, mas ninguém lhas dava, e somente os cães vinham lamber-lhe as feridas. Morreu o rico avarento, que não tinha tido compaixão dos pobres, e que era menos piedoso que os cães, e morreu também Lazaro, porém ambos tiveram diverso destino. Lazaro foi levado pelos anjos ao seio de Abraão, depósito das almas justas, e o rico foi sepultado no inferno, donde via, para maior castigo, o pobre mendigo venturoso no Céu. Abraão, meu pai, clamava o rico, tem compaixão de mim e ordena a Lazaro que molhe na água a ponta de seu dedo, e me ventile refrescar a língua, porque são grandes os tormentos, que sofro nestas chamas. Abraão lhe respondeu: «Lembra-te que recebeste no mundo cabeças e delícias, e que Lazaro não teve senão males: por isso está elle agora consolado, e tu em tormentos».

A parábola do rico avarento pinta ao vivo o castigo dos ricos insensatos, que negam a esmola ao próximo necessitado, e que sendo meros depositários da riqueza, que Deus lhes concede para o bem, lembram-se unicamente de si, e não se importam que seus irmãos andem nus, tremam de frio, ou morram de fome. Por isso, na outra vida são os maus deste mundo compensados, e os pobres, ou os Lazareos, gozam no paraíso o descanso, a alegria, a bemaventurança eterna, e os maus ricos sofrem no inferno o remorso que abraça, a inquietação febril, e os tormentos dolorosos, porque não tiveram compaixão do próximo.
Jesus vai à festa dos Tabernáculos, e absolve a mulher adultera. Querem os Judeus apodrejal-o, porque diz ser o Filho do Padre Eterno.

Viera Jesus Cristo a Jerusalém pela festa dos Tabernáculos, e ensinava no templo com grande admiração dos Judeus, que diziam entre si: «Como sabe este homem as Escrituras, sem as ter estudado?»

Jesus Cristo lhes respondeu: «A minha doutrina não vem de mim, porém de Deus, que me mandou ao mundo». Muitos do povo creram nas suas palavras e Jesus retirou-se aquella noite ao monte Olíve, a fim de evitar as perseguições dos Judeus.

No dia seguinte pela manhã veio ao templo, onde se poz a doutrinar o povo, que em roda d'elle se apinhava. Ali lhe trouxeram os Escribas e Phariseus uma mulher apanhada em adultério, e pondo-a na sua presença, no meio d'aquelle povo, lhe disseram: «Esta mulher commitreu adultério, e manda Moysés na lei, que os que estão certos do crime a apedrejem. Que dizes tu?» Faziam esta questão capciosa para acusarem a Jesus de violador da lei, se absolvesse a mulher, ou de crueldade, se a mandasse apedrejar. Porem, Jesus não disse palavra, e abaixando-se, poz-se a es-
crever com o dedo na terra. Como os Phariseus per-
severavam que respondesse, Jesus então se ergueu, e
disse: "Atire-lhe a primeira pedra; quem se achar
sem culpa". E tornou a curvar-se e a escrever. Fo-
ram-se todos retirando atônitos da resposta não espe-
rada, e instigados de roedores remorses. Quando Jesus
viu que ficava só, perguntou a mulher: "Onde estão
os que te acusavam? Ninguém te condena? —Não,
Senhor", respondeu ela. —Nem eu te condenarei, tão
pouco, disse Jesus. Vai-te e não tornes a pecar.

Augmentava de dia em dia o ódio que os Judeus
conceberam contra Jesus Cristo, mas esse ódio não
lhe impedia pregar-lhes a verdade, e lhes dizia que
era a luz do mundo, e que não andaria em trevas
quem o seguisse, mas que tinham o lume da vida.

Replicaram os Phariseus. «Tu és o que dáste testa-
munho de si mesmo, e por tanto não é verdadeiro o
seu testemunho». Então Jesus respondeu: «O meu
testemunho é verdadeiro, pois sei donde vim, e para
onde vou; mas vós não sabeis donde eu venho; nem
onde vou. Julgais segundo a carne, e, se eu julgo
algum, o meu juízo é verdadeiro, porque eu não sou
só e também represento meu pai, que me enviou ao
mundo. E na vossa mesma lei está escripto que o
testemunho de duas pessoas é verdadeiro».

Estas verdades, que deslumbravam os soberbos,
esclareciam a outros que davam crédito às suas pa-
lavras. Disse que seriam seus verdadeiros discípulos,
s e fossem firmes em observar a sua doutrina, e que
entrariam na verdade, e que por ella seriam libertados.

Replicaram os Judeus que eram filhos de Abrahão, e
que, portanto, eram livres, e não escravos. «Mas quem
peça, lhes dizia Cristo, captiva-se ao pecado, e só é
livre quem dele se desvata. Sim, sois filhos de
Abrahão, mas segundo a carne, e rejeitando a verdade
vos fazeis filhos da mentira e do demónio». Depois de várias razões, que lhes deu, disse-lhes: «Não é nada a minha gloria, se eu glorifico a mim mesmo: porém meu Pai, aquelle que dizeis ser vosso Deus, é quem me glorifica. Vosso pai Abrabão desejou anciamente ver o meu dia: viu-o, e ficou cheio de gozo.—Não chegas, lhe disseram, a cinquenta anos, e viste Abrabão, que morreu há tantos séculos?—Por certo lhes respondeu, por certo que antes de Abrabão era eu». Aqui pegaram em pedras para apedrejá-lo; porém Jesus se ocultou, e saiu do Templo, evitando por então o arrojo de seus inimigos para se entregar a todo o seu ódio, quando lhe chegasse o tempo de padecer.

Jesus dá vista a um cego de nascimento. —Significa ser ele o bom pastor.—Cura dez leprosos, e ensina em que consiste o reino de Deus.

Passava um dia junto de Jesus Cristo um cego de nascimento, e os discípulos lhe perguntaram, se tinha cegado por pecados seus, ou pelos de seus pais. «Não cegou por pecados seus, nem pelos de seus pais, respondo Christo, mas sim para que nelle mais resplandeçam os prodígios do poder divino». Dito isto cuspiu no chão, fez lodo do cuspo, e untou com o lodo os olhos.
do cego, e lhe disse: «Vai, e lava-te no tanque de Siloé». Os vizinhos, e quantos o conheciam de pedir esmola, não davam crédito a seus olhos, e duvidavam, se era o mesmo ou outro parecido com elle. «Sou eu mesmo, a quem Jesus deu vista, dizia o cego a todos». Como este milagre fora feito num sábado, indignaram-se os Phariseus, e alteçavam-se com o mancebo, que tinha sido curado, mas elle respondeu-lhes: «Cousa pasmoa é que não saibais que é Filho de Deus quem com milagres da olhos a um cego de nascimento». Espaçaram-no, mas Jesus-o acolheu com bondade, e lhe disse: «Crês no Filho de Deus? — Creio, Senhor», disse o cego, e, prostrado a seus pés, o adorou.

Para confundir a vaidade dos Phariseus, que, sendo cegos, queriam servir de guia aos outros, disse-lhes: «O bom pastor abre a porta da aprisco, tira para fóra as ovelhas, caminha adiante chama-as pelos seus nomes e elhas o seguem, porque conhecem a sua voz. Porém o mau pastor, o homem mercenário, deixa as ovelhas, e foge, quando vê vir o lobo, e não se sacrifica por ellas, porque lhe não pertencem. Por isso as ovelhas não seguem o mau pastor, e fogem dele, porque não lhe conhecem a voz. Todos quantos vem são ladrões e roubadores, e não vieram senão a furtar, a matar, e a perder. Eu sou a porta do aprisco das ovelhas, e se alguém entrar por mim será salvo. Eu sou o bom pastor e conheço as minhas ovelhas, e as que são minhas me conhecem a mim. O bom pastor dá a própria vida pelas suas ovelhas». Declarando-lhes, emfim, que não oram os Judeus as unicas ovelhas por quem tinha de morrer, mas que os Gentios deviam também ser guiados ao redil, e que de todos, que lhe ouvissem a voz, faria um só rebanho, sendo elle o unico pastor.

Entrava Jesus n'uma aldeia, e saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos, que se pozem de longe, e lêvan-
taram a voz, dizendo: «Jesus, nosso Mestre, compade-
cesto de nós». Jesus tanto que os viu, disse-lhes: Ide
mostrar-vos aos sacerdotes». Partiram os leprosos, e
no caminho ficaram sãos, e um delles, que era Sama-
ritano, quando vio que havia ficado limpo, não pode
resistir ao sentimento da gratidão, voltou aí razar, en-
grandecendo a Deus em altas vozes, e veio lançar-se
aos pés de Jesus, com o rosto em terra, dando-lhe as
graças. Para patentear mais o humilde agradecimento
do Samaritano, e a ingratiuidade dos Judeus, que fica-

A MUCUGA.

ram curados, Jesus disse, como admirando-se: «Não
sararam todos os dez? Onde estão os nove? Só entre
todos se achou este estranho para vir dar glória a
Deus?! Ergue-te e vai, que tua fé te salvou».

Perguntaram os Phariseus a Jesus, quando viria o
reino de Deus, e Jesus lhes respondem: «O reino de
Deus não virá com mostras algumas exteriores, e por
isso não se dirá: Ei-o aqui, ou ei-o acolá, porque o
reino de Deus está dentro em vós». Por estas pala-
avras queria dizer Jesus: o Messias que esperais, já
veio, está no meio de vós. Os Phariseus, que estavam
cheios de orgulho, amavam as riquezas, a pompa exte-
Tendo saído Jesus para se pôr a caminho, veiu correndo para ele um mancebo nobre e rico, e pondo o joelho em terra, lhe fez esta supplica: «Bom Mestre, que devo eu fazer para alcançar a vida eterna?» — Por que me chamas tu bom Mestre perguntou Jesus. Ninguém é bom senão Deus. Tu sabes os mandamentos: Não commettas adulterio, não mates, não furtos, não digas falso testemunho, não commettas fraudes, honra a teu pai e a tua mãe, e ama ao teu próximo como a ti mesmo. Se queres ganhar a vida eterna, guarda pois os mandamentos. — Mestre, respondeu o mancebo, desde a minha mocidade, tenho eu observado à risca todos os mandamentos, o que é que me falta ainda? — Jesus amou a simplicidade com que falou o mancebo e disse-lhe: Ainda te falta uma cousa: vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no Céu. Depois vem, e segue-me. Ficou o mancebo desgostoso das palavras que ouvira, porque era muito afazendado. E foi-se todo triste, e Jesus, olhando em roda, disse a seus discípulos: «Meus filhos, quão difícil cousa é entrarem no reino de Deus os que confiam nas riquezas! Ainda vos digo mais. Que mais fácil é passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino dos Céus» Os discípulos, ouvindo estas palavras, conceberam grande espanto, dizendo: «Quem poderá logo salvar-se?». Então Jesus, olhando para elles, disse: «Aos homens é isto impossível, mas a Deus tudo é possivel». 

Quem difficulty salvar-se os ricos. — Reconheçam reservadas aos que seguem a Jesus Christo. — Parabéns dos trabalhadores da vinha.
Depois disse Pedro a Jesus: "Eis aqui estamos nós, que deixamos tudo, e te seguimos: Qual será pois o nosso galardão? — Em verdade vos afirmo, respondeu Jesus, que vós, quando no dia da resurreição estiver o Filho do Homem sentado no Trono de sua Gloria, vós, torno a dizer, que me seguirdes, também estareis sentados sobre doze tronos, e julgareis as doze tribus de Israel. E tudo que deixar, por amor do meu nome, a casa ou os irmãos, ou o pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou a fazenda, receberá cento por um, e possuirá a vida eterna.

O PORCO ESPINHO.

Depois Jesus propôs a seus discípulos esta parábola: "Um homem saiu ao romper da manhã a assalariar trabalhadores para a sua vinha, e, feito com elêss o ajuste sendo o preço um dinheiro por dia a cada um, mandou-os trabalhar. Tendo saído às nove horas, viu estarem outros na praça oitvos, e disse-lhes: Ide vós também para a minha vinha, e dar vos hei o que for justo. Ao meio dia mandou outros, assim como às três horas, e até a uma hora antes do pôr do sol, prometendo a todos dar paga arrazada. Chegada a
noite, chamou os trabalhadores, e pagou-lhes o jornal, começando pelos últimos, e acabando nos primeiros. Cada um dos que vieram à última hora teve em paga um dinheiro, assim como cada um dos que vieram às três horas; ao meio dia, e as nove. Os que vieram de manhã, e trabalharam todo o dia, julgaram que teriam maior paga; porém também estes não receberam mais do que um dinheiro, e ao recebel-o murmuravam, dizendo: Os que vieram últimos não trabalharam senão uma hora, e te os aguadaste com nosco, que aturamos o peso do dia e de caminó.—Amigos, respondeu o dono da vinha, não conviastes comigo a um dinheiro, cada um? Não vos fazeis pois aggra, e tomai o que vos pertence. Não me será licto fazer a minha vontade? Quero dar aos ultimos tanto como a vos: sou senhor do meu dinheíro, e posso dar o a quem me agradar». Deste modo concluia Jesus: «Serão últimos os primeiros, e primeiros os últimos, porque são muitos, os chamados e poucos os escolhidos».

Jesus abençoou os meninos.—Cátedra incassotável.—Resurreição de Lazaro.

Voltou Jesus para as margens do Jordão, e ali vieram muitos Judeus, e creram na sua doutrina. Então algumas pessoas lhe traziam os seus meninos; para lhes impor as mãos, porém os discípulos os repeliam com palavras asperas, e ameaçavam aos que lhos apresentavam. Jesus levou isso muito mal, e chamando a si os meninos, disse: «Deixar vir a mim os meninos, e não os embaraceis, porque dos pais é o reino de Deus. Em verdade vos digo: Todo o que não receber o reino de Deus, como um menino, não entrará nelie». Os Phariséus chegaram-se a Jesus, e querendo tental-o, disseram-lhe: «E por ventura licto a um ho-
mem repudiar a sua mulher, por qualquer causa? — Não tendes lido, lhes respondeu Jesus, que Deus creou o homem desde o principio, e fez-o macho e femea? Por isso deixará o homem pai e mãe e se unir-se-á com sua mulher, e serão dois inimigos de carne e osso, e o que Deus juntou, não deve ser separado pelo homem». Não se deram por convencidos os Phariseus, e replicaram-lhe: Mas porque mandou Moisés dar o homem à sua mulher carta de desquite, e repudial-a? — Pela dureza de vossos corações e provendo maiores males, Moisés, vos permitiu repudiar as vossas mulheres, lhes respondeu Jesus, mas no princípio não foi assim. Eu pois vos declaro que todo aquello que repu-

diar sua mulher, e casar com outra, commette adultery, assim como aquelle que casar com a que outro repudiou».

Andando pois Jesus pelas ribeiras do Jordão, caiu enfermo Lazaro a quem elle muito amava. A doença era mortal, e suas irmãs Martha e Maria mandaram chamar a Jesus para que o viesse curar. Chegou Jesus e achou que Lazaro estava na sepultura havia já quatro dias, e suas irmãs recebiam pezames de muitos Judeus. Sahiu Martha a recebel-o, e disse-lhe: «Senhor, se tu houveras estado aqui, não morrera meu irmão; mas sei que vos concederá Deus quanto lhe pedirdes. — Teu irmão resuscitará, lhe respondeu Jesus.
—Eu sei que ele ha de ressurgir na ressurreição, que haverá no último dia, replicou Martha.—Eu sou, disse Jesus, a ressurreição e a vida, e todo o que vive e crê em mim, não morrerá eternamente. Crês isto?—Creio, Senhor, que sois o Cristo, Filho de Deus, que vieste a este mundo, respondeu Martha. 

Dizendo estas palavras, retirou-se Martha, e foi chamar em segredo a sua irmã Maria, e disse-lhe que Jesus tinha chegado, e queria vel-a. Maria levantou-se logo, saiu para fora, e foi em busca de Jesus, e os Judeus, que estavam com ella em casa, e vendo que se havia levantado tão depressa, e tinha saído, foram em seu seguimento, e diziam: «Ella vai chorar no sepulcro».

Ainda Jesus não tinha entrado na aldeia, e estava no mesmo lugar, onde Martha saira a recebel-o. Chegou Maria, onde estava Jesus, e tanto que o viu, lançou-se aos seus pés, e disse-lhe: «Senhor, se tu houvesse estado aqui, não morreria meu irmão». Jesus vendo-a chorar, e os Judeus, que a seguiram, comoveu-se, e chorou, o que foi causa de dizerem os Judeus: «Vejam como elle o amava». Então foi Jesus ao sepulcro e disse: «Tirai a cama». —Senhor, elle já cheira mal, porque foi enterrado na quatro dias, respondeu Martha.—Não te disse eu, replicou Jesus, que se tu creres, verás a glória de Deus? Arredada a pedra, que fechava a entrada do jazigo, talhado na rocha, orou Jesus, e depois bradou em alta voz: «Lazaro, Lazaro, levanta-te, e sai para fora». No mesmo instante a voz de Jesus, retumbando na concavidade da sepultura, fez recuar a morte, e Lazaro se levantou com os pés e as mãos ainda ligados com as ataduras e o rosto involto n'um lenço. Mandou Jesus que o desligassem e o desenvolvessem, e os Judeus, vendo estes prodígios, abençoaram a Jesus.
Era chegada a festa da Páscoa, e antes de partir para Jerusalém, disse Jesus a seus discípulos: «Vamos em fim a Jerusalém para que se cumpra no Filho do homem o que os Profetas escreveram, isto é, que será entregue aos principes dos sacerdotes, e aos Escravos, que o condenarão à morte, e depois o entregarão aos gentios, para ser escarnecido, cuspião, acuñado e crucificado; mas no terceiro dia ressurgirá». Este faltar antecipado acerca de sua morte não compreenderam melhor os Apostolos, que nas outras vezes antecedentes, porque,

segundo o Evangelho, era um segredo, e por isso não penetravam cousa alguma do que se lhes dizia.

Continuando a jornada chegaram à cidade de Jerichó, onde morava Zacheu, um dos principaes entre os Publicanos, e pessoa rica. Procurava Zacheu ver a Jesus, para saber quem era, e não podia conseguir por causa da muita gente, porque era pequeno de estatura, e correndo adiante subiu a um sicómoro, ou figueira silvestre, que dava para a estrada. Quando Jesus chegou aquelle lugar, levantando os olhos ali o viu, e disse-lhe: «Zacheu, desce depressa, porque importa que eu fique hoje em tua casa». Desceu logo
Zacheu, recebeu gostoso a Jesus, e, vendo isto, muitos murmuravam, dizendo que tinha ido hospedar-se em casa de um pecador. Mas Jesus mostrou logo a milagrosa mudança do coração do Publicano, como o médico que apenas entra dá melhoras ao doente, porque Zacheu, posto na sua presença, disse-lhe: «Senhor, quero dar aos pobres a metade dos meus bens, e n’aquillo em que eu tiver defraudado alguém, pagar-lhe-hei quadruplicado». E Jesus o recompensou, dizendo: «Hoje entrou a salvação em tua casa, porque também és filho de Abraão, e o Filho do homem veiu buscar, e salvar o que tinha perecido».

Seis dias antes da Páscoa chegou Jesus a Bethania, onde havia pouco resuscitara a Lazaro, irmão de Martha e de Maria. Hospedou-se em casa de Simão, o leproso, e ali lhe aparelharam a comida, e estava Lazaro à meza, e Martha e Maria serviam. Nessa ocasião Maria chegou-se a Christo com um vaso de alabastro, cheio de óleo precioso de perfume de nardo, e lho derramou pelos pés, e quebrando o vaso lhe lançou o resto sobre a cabeça. Recendia a casa toda com o perfume, e os Apostolos murmuravam deste desperdício de balsamo, porque segundo pensavam, podia elle vender-se por mais de 300 dinheiros, e dar-se esse producto aos pobres. Judas Iscariotes, mais que todos, murmurava, não que tivesse a peito os pobres; mas porque era ladrão, e, como era o dispensheiro, quizera com este dinheiro dar pasto à sua avareza. Jesus tomou a si defender Maria, e lhes disse: «Deixa-a, porque a molestaí? Ella fez-me uma boa obra, porque vós sempre tendes comvosco os pobres, para que quando lhes queiraes fazer bem, lhe possais fazer; porém a mim não me tendes sempre. Esta mulher fez o que cabia nas suas forças, e antecipadamente quiz embalsamar o meu corpo para a sepultura». Em verdade vos...
digo: "Onde quer que for pregado este Evangelho, que será em todo o mundo, será também contado para a sua memória, o que esta mulher obrou".

Já se sabia em Jerusalém que Jesus estava em Bethânia, e muitos Judeus o vinham ver, e também a Lazaro, que os principes dos sacerdotes assentaram de matar, porque por sua resurreição muitas pessoas criam em Jesus Christo.

Entra Jesus triunfante em Jerusalém, e chora sobre aquella cidade.— É glorificado por uma voz que se ouve do céu.

No dia seguinte Jesus deixou Bethânia, e perto de Bethfage, villa situada na raiz do monte Olivete, dis-


A CULTIA.
Pascoa e muitos, que haviam presenciado o milagre da ressurreição de Lazaro, sabendo que Jesus vinha a Jerusalém, tomaram ramos de palma, e saíram a recebê-lo, e tanto os que iam adiante como os que o seguíam atras, gritavam dizendo: «Hosanna no Filho de David: bendito seja o rei de Israel, que vem em nome do Senhor: hosanna nas maiores alturas». Montou Jesus no jumento, coberto com a vestidura dos discípulos; e assim marchou em triunfo, para se cumprir o que tinha dito o profeta Zacharias: «Dizei à filha de Sião: Eis aqui vem o teu rei, que vem a ti cheio de doçura, montado sobre o jumentinho, filho da jumenta». Era grande a multidão do povo, e uns estendiam os seus vestidos no caminho, por onde passava Jesus; e outros cortavam ramos de arvores e juncavam com elas a passagem, e quando ia chegando a descida do monte das Oliveiras, todos os seus discípulos, transportados de gosto, começaram de chusma a louvar a Deus em altas vozes por todas as maravilhas, que tinham visto e diziam: «Bendito o rei, que vem em nome do Senhor: paz no céu, e glória nas alturas».

Alguns Phariseus, que se achavam entre o povo, não viaam com bons olhos as grandes honras, que se davam a um homem a quem queriam tirar a vida, e, não podendo refrar a indignação, disseram a Jesus: «Mestre, porque não mandas calar a teus discípulos? — Seguravos, respondeu Jesus, que as mesmas pedras clamara, se elles se calarem»; Chegaram em fim perto de Jerusalém, e ao ver a cidade chorou Jesus sobre ella, e disse: «Ah, se ao menos este dia, que agora te foi dado, conhecesses ainda tu o que te pode trazer a paz! Por ora tudo isto está encoberto aos teus olhos, porque virá um tempo funesto para ti: no qual os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão. e te
orão em aperto de todas as partes, e te derribarão
a terra a ti, e a teus filhos, e não deixarão pedra
obre pedra».
Nessa ocasião estavam em Jerusalem muitos Gen-
os, que tinham vindo adorar a Deus no dia da festa,
encaminharam-se a Filippe, que era de Bethsaida
de Galiléa, e disseram-lhe que tinham grande desejo
de ver a Jesus. Filippe deu parte a Andre, e ambos
daram a Jesus, que lhes respondeu: «E chegada a
hora em que o Filho do Homem será glorificado. Se
alguem me serve, siga-me: e onde eu estiver estará

abi também o que me serve. Se alguém me servir
meu Pai o honrará». Então Jesus quis sentir os hor-
roras da morte; e excitou em sua alma tamanha agi-
tação, que rompeu nestas palavras: «Agora presente-
mente a minha alma está turbada. E que direi eu? 
Pai, livra-me desta hora. Mas para padecer nesta
hora é que eu vim a ella. Pai, glorifica o teu nome».
De repente veio esta voz do céu, e disse: «Eu não
só o tenho glorificado, mas ainda segunda vez o glori-
carei». O povo, que ali estava, e ouviria aquella
voz, dizia que havia sido um trovão. Outros, porém,
diziam que tinha falado algum anjo, e a tal respeito Jesus lhes respondeu: «Esta voz não vem por amor de mim; mas vem por amor de vós outros. Ainda por um pouco de tempo está a luz com vosco. Andai em quanto tendes luz para que não vos apanhem as trevas, e crede na luz para que sejais filhos da luz». 

Isto disse Jesus, e retirou-se, e foi pernoitar em Bethânia.

Jesus amaldiçoou a figueira, e lanço do templo os vendedores—Préga aos Sacerdotes e Doutores.

Volto Jesus a Jerusalém, na manhã seguinte, sentindo fome, viu ao longo uma figueira, e lá a veu se acharia n’ella alguma causa. Não tinha a figueira senão folhas porque não era tempo de figos; e Jesus lhe disse: «Nunca jaras nasca fruto de ti».

D’ahi foi Jesus ao Templo, e começou a lançar foras aos que vendiam e compravam, e destruiu as mesas dos cambistas, e as cadeiras dos que vendiam pom- bás, como fizera no princípio de seu ministerio, dizendo: «Por ventura não está escrito que a minha casa é casa de oração? E vós tendes feito dela um covil de ladrões?» Os Escritores e Pharisaes ficaram indignados com este procedimento, e quiseram matar Jesus; mas não ousaram prendê-lo, porque o povo cercava e proclamava os seus louvores.

Sobre a tarde saiu Jesus de Jerusalém, onde voltou na manhã seguinte, e os seus discípulos, ao passarem pela figueira, viram admirados que estava seca até a raiz, e murchas e caídas as folhas. Então disse Pedro a Jesus: «Olha, Mestre, como se secou a figueira, que tu amaldiçoaste. —Na verdade vos digo, respondem Jesus, que, se tiverdes fé, e não duvidardes, não só fareis o que eu acabo de fazer a figueira, mas ainda se disserdes a este monte: tira-te e lança-te no mar, assim
E todas as cousas que pedirdes, fazendo oração com fé, haver de conseguir. Mas quando vos puser em oração, se têde alguma cousa contra alguém, perdoai-lhe, para que também vosso Pai, que está nos Céus, vos perdoe vossos peccados.

Depois entrou Jesus no templo, e começou a prégar ao povo, e se chegaram a ele os Príncipes dos Sacerdotes, e os Escrivãs, e os Magistrados, e lhe disseram: «Com que auctoridade fizes tu estas cousas? Quem te deu este poder para fazer estas cousas?» Esta questão fundava-se no princípio de que ninguém deve dar-se a si mesmo a auctoridade do Ministerio sagrado; mas que a deve receber, ou imediatamente de Deus, ou de Deus por meio dos Superiores ordinários e legítimos. Jesus, porém, confundiu ao seus inimigos, dizendo-lhes: «Eu também vos farei uma pergunta e se me responderdes, vos direi com que auctoridade fago estas cousas. O baptismo de João era do Céu, ou dos homens? Respondei-me.» Mas elles faziam lâ consigo este juizo, discorrendo: «Se nós dissermos que era do Céu, dir-nos-hta elle: Porque ração logo, não crestes n'elle? Se dissermos que dos homens, tememos medo do povo porque todos tinham a João em conta d'um propheta.» Por isso disseram a Jesus: «Não sabemos.—Pois
nem eu tão pouco respondo Jesus, vos direi com que
authoridade faço estas coisas."

Para dar a conhecer aquelles hypocritas qual seria o
castigo do aborrecimento injusto, e da obstinacao com
que regeitavam a verdade, que lhes anunciava, pro-
poz Jesus varias parabolas e entre ellas a seguinte:Um
homem tinha dois filhos, e chegando-se ao primeiro lhe
disse: «Filho, vai hoje trabalhar na minha vinha. — Não
quero, disse o filho, mas depois, tocando de arrepen-
dimento, foi. Chegou-se o pai ao outro filho, e também
lhe disse que fosse trabalhar na vinha. Eu vou meu
pae, disse o filho, e não foi.» Então perguntou Jesus
aos Escribas, e Phariseus: «Qual dos dous fez a vontade
de seu pae? — O primeiro, disseram elles! — Na
verdade vos digo, replicou Jesus, que os Publicanos,
e as meretziz es vos levarão a adianteria para o rei-
no de Deus. Veiu João a vos no caminho da justiça,
e não o creste,t, e os Publicanos e as mulheres de
má vida o creram. Vós outros, vendo isto, nem ain-
da fizestes penitencia, e perderéis a salvação.»

Jesucristo confunde os Phariseus e os Sudeceus.—Manifesta qual é o maior
dos mandamentos.—Louvá a esmola da viúva pobre, e
reprohebe os Phariseus.

Pensavam com razão os Phariseus que as parabolas
que Jesus propunhase applicavam a elles, e por isso
buscavam occasião de o criminarem em justiça. Já na-
quella tempo havia o abominável mistério de espías pro-
vocadores, e os Phariseus, como andavam sempre com os
olhos em Jesus para ver se o deitavam a perder, man-
daram enviados, e com elles alguns Herodianos para
que, fingindo serem homens de bem, o apanhassem no que
disseste, afim de o entregarem à jurisdição e poder
do governador. Chegaram os espías, e disseram a Je-
sus: «Mestre, sabemos que és homem verdadeiro, e
que ensinas o caminho de Deus pela verdade, e não se te dá de ninguém, porque não fazes acepção de pessoas. Dize-nos pois, qual é o teu sentimento: É lícito pagar o tributo a Cezar, ou não?» Jesus, conhecendo-lhes a sua malícia, disse: «Porque me tentais, hipócritas? Dai-me cá um dinheiro para ver.» Trouxeram-lhe uma moeda, e Jesus lhes disse: «De quem é esta imagem e inscrição?» De Cezar, responderam eles, — Então lhes replicou Jesus, dai a Cezar o que é de Cezar, e a Deus o que é, de Deus.» Os espías, não sabendo, o que lhe dizer, admiraram a resposta, e retiraram-se envergonhados.

N'aquelle mesmo dia vieram os Saduceus, que não acréditavam na ressurreição, e disseram a Jesus: «Mestre, Moyses disse: Que se morrer algum, que não tenha filho, seu irmão case com sua mulher, e deixe sucessão a seu irmão. Ora, entre nós havia sete irmãos; depois de casado faleceu o primeiro, e, porque não teve filho, deixou sua mulher a seu irmão. O mesmo sucedeu ao segundo e terceiro, até o setimo, e, ultimamente de pois de todos faleceu a mulher. A qual dos sete pertencerá a mulher na ressurreição?» Não entras, lhes respondeu Jesus, no sentido das escrituras, nem compreendes o poder de Deus. Neste mundo foi instituído o casamento para a procreação e sucessão dos
homens, e no Céu não terá lugar, porque todos serão semelhantes aos Anjos, que não casam nem casarão. E pelas mesmas Escrituras demonstrou que a respeito de Deus vivem os mortos, e que pelo seu poder hão de ressuscitar.

Nessa ocasião se chegou um dos Escribas, que o tinha ouvido disputar e vendo que Jesus lhes havia respondido bem, lhe perguntou qual era o primeiro de todos os mandamentos. «O primeiro mandamento, respondeu Jesus, e o máximo é este: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças. E o segundo mandamento, semelhante ao primeiro, é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Nenhum mandamento há, que seja maior do que estes.—Mestre, disse o Escriba, na verdade disseste bem, que Deus é um só, e que o amor o cada um de todo o coração, e amor ao próximo, como a si mesmo, é uma cousa que excede todos os holocaustos e sacrifícios.» Desde então ninguém mais se atreveu a fazer-lhe perguntas.

Estava Jesus assentado no templo de frente do gazofilacío, ou caixa das esmolas, e observava de que modo o povo deitava ali o dinheiro, e muitos, que eram ricos, faziam as oferendas com mão larga. Vê também uma pobresinha viúva, que lançava duas pequenas moedas, que importavam no valor de dois reis, e, chamando a seus discípulos, disse-lhes: «Na verdade vos afirmo, que deitou mais esta viúva, que todos os outros que lançaram no gazofilacío, porque todos os outros deram do que tinham em abundância, e ela deu da mesma pobresa, e tudo que lhe restava para seu sustento.»

Depois inventivou Jesus contra a malícia e hipocrisia dos Escribas e Phariseus, disendo: «Os Escribas e
phariseus assentaram-se na cadeira de Moisés, porém fazem tudo o que eles vos dizem; mas não obreis segundo a pratica das suas ações, porque dizem e não fazem. Ai de vós, Escribas e Phariseus hypocritas, que pagais pontualmente o décimo das couzas de pouco valor, como a erva, o endro, o cominho, a arruda e hastes deixado as causas; que são mais importantes da lei, a justiça, a misericórdia, e a fé. Ai de vós, conduzores cegos e estúpidos, que coais um mosquito e engolís um camello, e carregais os homens de obrigações, que elhes não podem desempenhar, e vós nem com um dedo vosso lhes aliviais a carga. Ai de vós Phariseus, que gostais de ter nas sinagogas as primeiras cadeiras e de que vos saudem na praça, e que por fora vos mostrais na verdade justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e iniquidade. Ai de vós, Escribas e Phariseus hypocritas, porque sois semelhantes aos sepulcros branqueados, que parecem por fora formosos, e por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda a asquerosidade e podridão. Serpentes, raças
de víboras, como escapareis vos de serdes condena-
dos ao inferno?!» E voltando-se para todo o povo, dis-
se: «Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e
apedrejas os que te são enviados; quantas vezes quiz
eu reunir-teus filhes, como a galinha junta seus pintos
debaixo das azas, e não quizesste! Vossas casas serão
devastadas, e não me vereis mais, até que digaes:
Bemdito seja o que vem em nome do Senhor.»

Jesús Cristo ensina a vigiar.—Parábola das dez virgens e dos servos
fieis.—Descrição do juízo final.

Não restava a Jesus Christo senão preparar a seus
discípulos para o segundo advento, e por isso lhes dis-
se: «O Filho de Deus virá segunda vez ao mundo quan-
do menos se esperar, e tomar cuidado não-estejão pe-
sados vossos corações com a boa comida e demasiada
bebida, e embarrasados com os cuidados das cousas
temporais, para não serdes tomados de subito. Assim
aconteceu no tempo de Noé, e assim acontecerá na vin-
da do Filho de Deus.» Trouxe-lhes o exemplo dos bons
servos, que na ausência do Senhor velam a sua espe-
ra, e concluiu dizendo: «Valei assim para que vos não
ache dormindo o Senhor quando aparecer de repente
O que a vos digo à todos: o digo, vigiain.»

Para demonstrar melhor esta verdade, sem a qual
não pode haver salvação, propoz duas parábolas: uma,
a das dez virgens, e outra, a dos servos fieis.

Dez virgens tomaram as suas lampadas acesas; e
saíram a receber o Esposo e a Esposa, para serem da
voda. Cinco d'entre elas eram fatuas e as outras cinco
prudentes, e por isso as primeiras não levaram azeite
comigo e as outras, desconfiando que o Esposo pode
ria tardar, trouxeram as vasijás cheias juntamente
com as lampadas. Tardando o Esposo, umas e outras
começaram atoscanejar, adormeceram, e pertô da meia
noite se ouviu gritar: «Eis ali vem o Esposo, sabe a recebê-lo.» Levantaram-se todas aquelas virgens, prepararam as lampadas, e as fatuas disseram as prudentes «Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lampadas se apagam.» A tal pedido responderam as prudentes: «Para que não succeda talvez faltar-nos, elle a nós e a vós, ides antes, aos que o vendem, e compri o que haveres mister.» Sairam as virgens fatuas a comprar o azeite, e nesse momento chegou o Esposo, e com ella entraram as virgens prudentes a celebrar a voda. Fe- chou-se a porta, e logo vieram as companheiras, que, achando a porta fechada, bateram, disendo: «Senhor, Senhor, abri-nos.» —Não vos conheço, lhes foi respondido, e ficaram da parte de fora. Facil é fazer a aplicação e concluir com Jesus: «Vigiai, que não sabeis o dia, nem a hora em que virá o Filho de Deus.»

Na segunda para boladisse Jesus que um homem tinha de ausentar-se a longes terras, e deu a seus servos diversas quantias de dinheiro a receber. A um deu cinco talentos, e a outro dois; a outro um, e partiu. O servo que recebera cinco talentos foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. Da mesma sorte o que recebera dois talentos ganhou outros dois; mas o que havia recebido um, cavou na terra, e ali o escondeu. Passado muito tempo veio o Senhor e chamou os servos a contas. O primeiro servo disse: «Se-
nho, tu me entregaste cinco talentos, e agora tens outros cinco mais que lucrat.—Muito bem, servo bom e fiel, respondeu o Senhor, já que fostes fiel nas coisas pequenas, dar-te-hei a intendencia das grandes. O segundo servo disse: "Senhor, tu me entregastes dois talentos, e aqui tens o dobro que gânbe com elles.—Bem está, servo fiel, respondeu o Senhor, e terás igual recompensa. O terceiro servo que havia recebido um talento, chegou-se disendo: "Senhor, sei que és um homem de rija condição, que cegas onde não semeaste, e colhes onde não espalhaste. Por isso escondi o teu dinheiro na terra, eis aqui tens o que é teu.—Servo mau e preguiçoso, replicou o Senhor, sabeis que cego onde não semeio, e que recolho onde não tenho espalhado. Logo devias dar o meu dinheiro aos banqueiros, e vindo em teria recebido certamente com juro." Tirou-lhe então o talento, e o mandou lançar na marmorra por preguiçoso e inútil.

Contadas estas parábolas, Jesus descreveu a seus discípulos como seria a sua vinda gloriosa, e o juízo final. Disse que seu segundo advento seria como um relâmpago, que fazila e passa do oriente ao poente, e que seria manifesto e conhecido de toda a terra. Que seria precedida a sua vinda gloriosa por sinaes extraordinários e espantosos, e que nessa ocasião escurecer-se-hia o sol, cairiam as estrelas, tremeria a terra, abaixar-se-iam os céus, aturvar-se-iam o trovão, e roçariam horrendas as ondas do mar, e tomaria aos homens geral consternação e abatimento de ánimo. Nesse momento solemne aparecerá no céo o Filho de Deus assentado com masteade no trono de sua gloria e cercado dos seus anjos, que, ao som estrondoso e pavoroso de trombetas, acordarão os mortos nos sepulchros. As nações do mundo serão congregadas na presença do Filho de Deus, que separará os bons dos maus, e dirá aos bons-
que lhe ficam a direita: Benditos de meu Pai, vindo possuir o reino do céu que vos está preparado: porque lhe fome, fome: me de comer; tive sede e destes me de beber; era pégrino, e recolhedes me; estava nu e cobristes-me; estava enfermo, e visitastes-me; estava no carcer, e viestes ver-me.

Os justos admirados lhe perguntarão: "Quando padeçestes vos essas necessidades, e quando vos acudimos nós?—Em verdade vos digo, lhes responderá o Filho de Deus, que tantas vezes acudistes ao menor de vos-

sos irmãos, tantas a mim mesmo acudistes." E dira também aos máus que hão de estar a sua esquerda: "Vossos irmãos padeceram fome e sede, e não lhes destes de comer, nem de beber; viveram pégrinos, ou andaram nus, e não os hospedastes, nem os vestistes: sofreram doenças, e foram presos, e não os visitastes, nem os consolastes. Ide malditos, ao fogo eterno, que está preparado para o diabo e seus satelites."

Geia do Senhor.—Lava os pés aos Apóstolos.—Instituo o Sacramento da Eucaristia.

Era chegada a festa dos paes asmos, que se chamava a Pascoa, na qual a cerimônia principal era a comida
do cordeiro. Perguntaram os Apóstolos a Jesus Cristo: onde queria que comessem a Páscoa, e Jesus enviou a Pedro e a João a Jerusalém, e disse-lhes: «Tanto que vós entrardes na cidade, sairei por vós encontrar um certo homem, que levará uma bilha d’água. Ide segundo até a casa, em que ele entrar, e direis ao dono da casa: Onde está o aposento para o mestre celebrar a Páscoa com os seus discípulos? E elle vos mostrará uma grande sala toda ornada, e ali fa-zei os preparos.» Pedro e João executaram o que lhes fora ordenado, e pela tarde veio Jesus; e a hora devida se sentaram todos à mesa.

Então disse Jesus a seus discípulos: «Muito desejei comer com vossa esta Páscoa antes de padecer.» E, conhecendo que o diabo já tinha metido no coração de Judas a tentação de o entregar, den a seus discípulos, que sempre amara, e amaria até o fim, um assinalado testemunho do seu amor.

Levantou-se da mesa, depoiz suas vestiduras pegou n’uma toalha, cingiu-se, lançou água n’uma bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos, e a enchugal-os com a toalha. Pedro, que não podia sofrer tanta humildade em seu Mestre, disse-lhe: Senhor, tu a mim me lavas os pés? — O que eu faze, tu não no sastes agora, mas sabel-o-hás depois, respondeu Jesus — Não me lavarás tu jamais os pés, disse Pedro — E se eu te não lavar, não serás parte comigo, replicou Jesus » Ou-vindo estas palavras, consentiu Pedro e accrescentou: «Senhor, não somente lavarás os meus pés mas também as mãos e a cabeça. — Aquelle que está lavado, respondeu Jesus, não tem necessidade de lavar senão os pés, porque no mais está limpo. E vós outros estais limpos, mas não todos.» Com estas palavras fazia Jesus uma allusão a Judas, que era o que o havia de entregar, por isso disse: «Não estais todos limpos.»
Depois que Jesus lavou os pés a seus discípulos, tomou logo as suas vestiduras e tendo-se tornado a pôr na mesa, disse-lhe estas palavras que são de uma ternura divina, e que já pareciam mais do céu, que da terra: «Sabeis o que vos fiz? Vos chamais-me Mestre, Senhor, e dizeis bem; porque o sou. Logo, sendo eu vosso Mestre e Senhor, vos lavai os pés, e portanto devês também lavar vos os pés uns aos outros, porque vos dei o exemplo, para que assim façais, como eu fiz. Não é o servo maior do que seu senhor: nem o enviado é maior do que aquelle que o enviou; e se sabeis estas cousas, bemaventurados seredes, se as praticardes. Em verdade, em verdade, vos digo: O que recebe aquelle, que eu enviar, a mim recebe; e o que me recebe a mim, recebe aquelle que me enviou.»

Continuaram a cela e no fim Jesus instituiu ali o Sacramento da Eucharistia. Tomando o pão deu graças, partiu-o, e deu aos discípulos, dizendo: «Este é o meu corpo, que por vós se entregará; tomai-o e comei-o.» Pegou da mesma sorte no calix, e disse: «Tomei e bebei, porque neste calix está o meu sangue, que será derramado para a salvação de todos.»

Tendo dito Jesus estas palavras, turbou-se todo no espírito, horrorizado talvez com o pensamento da traí-
ção de Judas, e assim disse aos discipulos: «Na verdade vos digo: Um de vós me ha de entregar!» Começaram os discipulos a entristecer, e atentos lhe perguntaram cada um de per si: «Sou eu Senhor? —E um dos doze, que mette comigo a mão no prato, lhes respondeu Jesus. Mas ai daquelle homem, por meio do qual será entregue o Filho do Homem: melhor lhe fora se não houvesse nascido!» Estavam ainda na duvida, e Pedro fez um signal a João o discípulo amado, que estava recostado à mesa no seio de Jesus, para lhe perguntar quem era. Então perguntou lhe João: «Quem é esse? —E aquelle a quem eu der o pão molhado, responderá Jesus.» E tendo molhado o pão, deu-o a Judas Iscariotes, e disse-lhe: «O que fazes faze o depressa.

Nenhum dos que estavam a mesa, percebeu a que proposito Jesus dizia isto, porque Judas era o que tinha a bolça, e cuidavam que o Senhor o mandava a alguma compra, ou que desse alguma esmola. Tendo pois Judas recebido o bocado, sabiu logo para fora, e Jesus disse: «Agora é glorificado o Filho do Homem, e Deus é glorificado n'elle. Filhinhos, arada estávem com vosco um pouco, e deiv-vos um novo mandamento. Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei, para que vós também mutualmente vos ameis.»

Consilíbio dos Phariseus. — Jesus pediu ahereção de Pedro. — Despede-se dos seus discípulos, e ora por elles.

No entretanto os Pontífices e Phariseus tinham-se juntado em conselho, e movidos de inveja diziam uns para os outros: «Que faremos nós de Jesus, que faz tantos milagres? Seo deixamos livre, todos crerão nellél! Nisso queriam dizer: ninguém mais crerá em nós, e a sua doutrina prevalecerá. Mas um delles por nome Cai faz, que era o pontífice d'aquelle anno, disse-lhe: «Vos estais n'uma total ignorancia, e nem considerais que
vos convém que morra um só homem para a salva-
cção do povo. » Deliberaram então prender a Jesus por
traição, e matá-lo, e nessa ocasião chegou-se Judas,
e lhos disse: «Quanto me dais, que eu vol-o entregue.
rei.» Aceitaram todos a proposta, e ajustaram que se
na o preço da traição trinta moedas de prata, e Ju-
das buscou, desde esse momento, a oportunidade para
entregar a Jesus.
Continuava, porém, Jesus a instruir a seus discipu-
los, recomendando lhes que estvessem firmes em to-
das as perseguições e que portanto lhes aparelhava o
reino, que sen Pae tinha para eles preparado; mas que
Satanaz pedira passal-os ao crivo, como se faz ao trigo,
isto é, que os queria tentar, e fazer com que caiassem.
Depois disse a Pedro: «Por ti pedi a meu Pae que tua
fe não fraqueasse, e quando te vires convertido,dá fir-
meza a teus irmãos.» Falando com todos lhes disse que
pouco tempo tinha de estar com elles, que ia para onde
eles o não podiam acompanhar; mas recomendava
que se amassem uns aos outros, e que por este amor
os conhecia por discípulos. A isto acudiu Pedro: «Onde
ides?—Não podes por agora seguir-me onde eu vou,
respondeu Jesus, mas depois me seguirás.—E porque
não posso, eu seguir-vos? replicou Pedro. Por vós darrei a vida. — Darás a vida por mim? disse Jesus. Na verdade te digo, que esta mesma noite, antes que o galo cante duas, tu me negaráss tres vezes!»

Affligiram-se os Apostolos com tão claras seguranças que Jesus dava de sua morte e tão-próxima. Para consolá-los, Jesus lhes disse que não se perturbassem, e que n'ele acreditassem firmemente, porque já, sim, para apparelhar a cada um delles seu posto na casa de seu Eterno Pai, e que tornaria para os ter consigo.

Depois acrescentou: «Se me tendes amor, guardai os meus mandamentos. Eu pedirei a meu Pai e elle vos mandará um outro consolador, que ficará com vosco para sempre, espirito de verdade, que o mundo não pode compreender. Não vos deixo órfãos, mas tornarei a vós. O que amá os meus mandamentos e os observa, esse me ama e será amado de meu Pai. Deixo-vos a minha paz e vão vos entrançar, porque já vos disse: 'Vou, mas a vós tornarei. Levantai vos e vamos.

Pozem-se todos a caminho, e andando os foi sempre instruindo, recomendando-lhes de novo a seu amor e dando-lhes varias consolações. Por fim, levantando os olhos ao Céu, disse: «Meu Pai, chegada a a hora, e glorificai a vosso Filho, para que vosso Filho vos glorifique e faça participantes da vida eterna aos que lhe confiastes. Glorifiquei-vos ab mundo e glorificai-me também agora, o meu Pai, com aquella gloria que, em vós tinha antes que o mundo fosse. Tenho manifestado vosso nome aos que me confiastes. Eram vossos e por isso guardaram a vossa palavra. Por elles rogo, por que são vossos. Pai Santo, conservai-os em vosso nome e não vos peço que os tireis do mundo, mas que os preserveis do mal. Não vos peço somente por elles, mas também por todos, que por sua pregação crerem em mim, para que sejam todos um só como vós.»
CAPÍTULO 4º
Paixão, morte e sepultura de Jesus.

Agonia de Jesus Cristo no monte Olivete.—Traição de Judas.

Era noite fechada, tinha-se acabado a Ceia e Jesus caminhou-se com os seus discípulos para o monte das Oliveiras, e passou o ribeiro do Gédron, que separava o monte da cidade. Entrou n'um horto chamado Getsemani, e disse a seus discípulos que ali o esperassem, enquanto fazia oração. Tomando consigo Pedro, Thiago e João, começou a entristecer-se e an-

O ELEFANTE.

ustiar-se, e lhes disse: «A minha alma está n'uma tristeza mortal: demorai-vos aqui e vigiai conmigo. Arredou-se delles obra de um ímulo de pedra, e posto de joelhos, orava, e sentia em si todos os abalos, que sente a natureza, quando a morte se aproxima. Por voluntário sentimento quiz representar o quanto era fraca a natureza humana. e pediu ao Padre que o sentasse da morte, que lhe ordenara de padecer, dizendo: «Pai meu, se é possível, passe de mim este cálix de amargura». Depois fazendo um grande esforço
de obediência, emendou os primeiros movimentos, nos deu o exemplo da fortaleza com que havemos de seguir a Deus, ainda quando a natureza se opõe a isso. Disse: «Todavia meu Pai, não se faça nisto a minha vontade, mas sim a tua». Posto em agonia, ora Jesus com a maior instância, e vinha-lhe um suor como gotas de sangue, que corria sobre a terra. Nesse momento apareceu um anjo, que o confortava. Jesus não tinha necessidade deste consolo, mas queria ser confortado por um anjo, para ensinar que devemos esperar de Deus o auxílio nas nossas angustias.

Acabou Jesus a oração, veiu ter com seus discípulos, e, achando-os a dormir, lhes disse: «Visto isso, não podestes uma hora vigiar comigo? Vigiai e ora para que não entreis em tentação. O espirito na verdade está pronto, mas a carne e fraca. Tendo-vos assim falado, tornou-se por segunda vez a pôr-se em oração, dizendo: «Pai meu, se este calix não pode passar sem que eu o beba, faça-se a tua vontade». Voltou de novo, e tornou a achar os discípulos dormindo, por que estavam carregados de sono, e foi orar outra vez, dizendo as mesmas palavras. Finalmente veiu acordá-los, e repreendendo-os com muita brandura, os avisou de que era chegada a hora, e disse: «Eia, erguei-vos, que já vem perto aquelle, que me ha de trair».

Ainda Jesus não havia acabado de proferir estas palavras, quando chegou Judas Iscariotes á frente de uma grande multidão de gente com espadas e paos, trazendo lanternas e fogareus, visto ser de noite. A multidão armada quasi toda compunha-se de vaga-bundos e criados do summo pontifice Caifaz, e de alguns soldados curiosos, e como não conhecia a Jesus para quem tinham ordem de prisão, Judas havia dado este signal, dizendo: «Aquelle que eu beijar, esse é:
prende-o e levai-o com segurança». Chegando-se logo a Jesus lhe disse: «Deus te salve, Mestre», e lhe deu o beijo, que era o signal. Curta, mas energica, foi a resposta do Senhor: «Amigo, a que vieste? Vendet es esse osculo o Filho de Deus?»

Adiantou-se Jesus para os soldados, que vinham com Judas, e lhes perguntou: «A quem buscam?»—A Jesus Nazareno, responderam elles. Eu o sou, disse Jesus. A estas simples palavras de Jesus manifestou-se o poder de Deus, porque no mesmo instante os homens armados recuaram, vacilaram, perderam o animo, e tremulos caíram por terra desarmados. Levantaram-se aterrados, e Jesus lhes perguntou de novo a quem buscavam.—«A Jesus Nazareno, responderam elles. Já vos disse que sou eu, replicou Jesus, e se sou eu quem procurais, deixai ir estes». Assim respondeu Jesus, para se cumprir nos discipulos a palavra que dissera, quando orava ao Padre: «Nenhum perdi dos que me destes». Então se entregou nas mãos dos seus inimigos, que se lancaram sobre Elle, e o prenderam, e Pedro, que trazia uma espada, puchou della, feriu
um servo do pontífice chamado Malco, e lhe cortou a orelha direita. Jesus, tocando na orelha de Malco a sacou, e disse a Pedro: «Mette na banha a tua espada, por que todos, que ferirem com esta espada, morrerão à espada. Acaso cuidas tu, que eu não posso regar a meu Pai, e que elle não me pora aqua logo promptas mais de doze legiões de anjos? Mas como se poderão cumprir as escrituras, que declaram que assim deve succeder, e que serái oferecido em sacrifício?»

Só a Jesus é que prenderam, e apesar de não resistir à sua prisão, prohibindo, pelo contrario, que seus discípulos o defendessem, o amarraram como a um malsentor. Na mesma hora disse Jesus aquelle tropele de gente: «Ensinei no Templo, assentei-me ali todos os dias entre vos, e não me prendestes, e agora viestes vos armados d'espadas e varapanos, para me prender, como se eu fora um ladrão! Mas todo isto assim succede para que se cumpram as Escrituras dos Prophetas!»

Jesus é levado a Caifaz.—Nega Pedro a seu Mestre.—Descoperação de Judas.

Em vez de conduzirem a Jesus à presença do juiz competente, levaram-no à casa de Annaz, que era sogro do pontífice Caifaz. Da casa de Annaz o levaram, sempre amarrado, à casa de Caifaz, que era o mesmo que no conselho se tinha feito accusador de Jesus dizendo que era conveniente que um só morresse para a salvação de todos. Na casa de Caifaz estavam em conselho todos os sacerdotes, doutores da lei, e senadores, e na presença delles Caifaz não jurou suspensão e interrogou a Jesus acerca de seus discípulos e sua doutrina. «Em publico falei a todos, respondeu Jesus e sempre ensinei na Sinagoga e no Templo, onde concorreram todos os Judeus, e nunca disse cousa alguma em se-
gredo. Porque me fazes tu perguntas? Faze-as aquelas, que ouviram o que eu lhes disse e que sabem o que eu ensinei. Assim falou, e um dos ministros, que se achavam presentes, deu-lhe uma bofetada e disse: «Deste modo é que tu respondes ao Summo Sacerdote?—Se eu falei mal, replicou Jesus, dá tu testemunho do mal, e se eu falei bem, porque me feres?» Os principes dos sacerdotes e todo o conselho buscavam algum testemunho contra Jesus, para o condemnarem à morte, e não no achavam, porque muitos, na verdade, tinham deposto falsamente, mas não concordavam os seus depoimentos. Vieram dous que o accusaram de ter dito que destruiria o Templo, e que em tres dias o reedificaria, e não por mãos de homens, como o pri-

meiro. Mas esta mesma deposição não era coherente e levantando-se Caifaz no meio do conselho, perguntou a Jesus, dizendo-lhe: «Não respondes alguma cousa aos que atestam contra ti?» Jesus guardou silencio, e Caifaz tornou a fazer-lhe outra pergunta, e com elle todos os mais: «Dize-nos se tu és o Christo, Filho de Deus?—Se vol-o digo, respondeu Jesus, não me dareis credito, e se vos interrogo não me respondereis, nem me deixareis ir. Mas d'ora em diante o Filho do Homem se assentará a dextra do poder de Deus». Então disseram elles: «Tu és pois o Filho de Deus?—Eu o sou, e vós o dissestes, replicou Jesus».
O Summo Sacerdote fez de novo igual pergunta, e ordenou a Jesus que em nome de Deus dissesse a verdade. «Eu sou o Christo, Filho de Deus, respondeu Jesus, e um dia me vereis vir sobre as nuvens do céu, assentado à direita de Deus». - Caifaz, ouvindo isto, rasgou as suas vestiduras, e disse: «Vós acabais de ouvir a blasfémia. Para que desejamos nós ainda mais testemunhos? Que vos parece? Julgai-o». Responderam todos que Jesus merecia a pena de morte, e a ella o condenaram. Então as injúrias, os insultos brutais, e as blasfemias choveram sobre Jesus. Vendar-lhe os olhos, escarraram-lhe no rosto, maltrataram-no com punhadas de bofetadas, e por mola diziam-lhe: «Adevinha quem te deu».

No meio de tantos ultrages, passava Jesus a noite em casa do Summo Sacerdote. Em baixo, no pateo, se aqueciam em uma fogueira os criados de Caifaz, e os que prendêram a Jesus. Pedro estava também ali aquentando-se, e nesse momento chegou uma das criadas, e encarando-o com atenção, disse: «Tu também estavas com Jesus Nazareno. Não eras tu dos seus discípulos?» Diante de todos negou Pedro: «Mãe eu não o conheço, nem sou dos seus discípulos, nem sei o que dizes». Então ergueu-se para sahir fora, e neste tempo cantou o galo. La para sahir quando outra criada, que o viu, disse aos que ali estavam: «Também este era com Jesus Nazareno», Tornou Pedro, a aquentar-se ao fogo, e sendo perguntado, se era discípulo de Jesus, negou pela segunda vez, e jurou que não o conhecia. Tinha passado uma hora quando um dos servos do Summo Sacerdote que era seu conhecido, o mesmo a quem Pedro cortara a orelha, afirmou claramente que Pedro era Galileu e da comitiva de Jesus. «Não é assim, lhe disse, que eu te vi com elle no horto?» Chegaram outros e disseram: «Ver-
Jadeiramente tu és dos seus companheiros, porque o teu falar te accusa de Galileu». Negou Pedro pela terceira vez, e começou a praguejar, dizendo: «Nem conheço tal homem, nem sei o que dizeis». Immediatamente cantou o gallo, e Pedro lembrando-se da palavra que Jesus lhe havia dito, que antes que o gallo cantasse duas vezes o teria negado três, saiu do pateo, e pôs-se a chorar seus pecados com copiosas lágrimas.

Ao amanhecer foi Jesus mandado a Ponce Pilatos, governador romano na Judéia. Judas, vendo a Jesus sentenciado a morte, e arrependido do crime que fizera, tornou a levar aos sacerdotes e magistrados os trinta dinheiros, porque vendera a seu Mestre, dizendo: «Pe-

O RINOCERonte

quei, porque vendi o sangue do inocente»—A nós que se nos dá? responderam eles. Lá te avenhas. Judas, porém, lançou desesperado as moedas no Templo, retirou-se e enforcou-se. Mas os príncipes dos sacerdotes, tomando o dinheiro, deliberaram que não era lícito deitá-lo na arca das esmolas, porque era o preço do sangue, e compraram com elle o campo de um oleiro, para servir de cemitério aos forasteiros. Por esta razão se ficou chamando aquelle campo Hodeclama, isto é, campo de sangue, e assim cumpriu-se a prophecia de Jeremias, que disse que Jesus seria
apreciado, vendido por trinta moedas de prata, e que se compraria com esse dinheiro o campo de um oleiro.

Jesús, acusado no tribunal de Pilatos.—E mandado Herodes, que o trata com desprezo — Barrabás é preferido a Cristo.

Os sacerdotes e anciãos do povo levaram por a Jesus da casa de Cafafaz, sogro de Annaz, para o palácio do pretor Ponce Pilatos, e ficaram na banda de fora, porque temiam manchar-se entrando em casa de um pagan, e se inhabilitarem para comer a Pascoa. Mostraram por este modo os sacerdotes um fingido escrupulo de entrarem no palácio de Pilatos no dia da Pascoa, mas se não obrassem por ódio e vingança, teriam adiado o processo de Jesus por ser aquele dia o mais solene da sua religião, e também porque a sua lei prohibia todos os dias judaicos em dia feriado sob pena de morte. Pilatos sali a uma varanda para lhes falar, e disse: Que acusação trazem vós contra este homem? — Se não fora um malfeitor, não t'o entregáramos aos, responderam eles. — Pilatos lhes disse então: «Tomarei a vós outros, e julgai-o segundo vossa lei. — A nos, replicaram os Judeos, não nos é permitido julgar de morte a ninguém». Tinham os Romanos tirado aos Judeos o direito de sentenciar a morte, e por isso responderam deste modo a Pilatos, e assim cumpriu-se o que dissera Jesus a seus Apóstolos, que seria entregue aos Gentios, para ser crucificado.

Queria Pilatos soltar a Jesus, porque não achava nelle crime provado; mas os Judeus allegaram que Jesus se intitulava Rei e Messias. Entrou Pilatos no palácio, mandou entrar Jesus, e lhe perguntou, se era rei dos Judeos. «Tu dizeste isto de ti mesmo, responderam Jesus, ou de mim t'o disseram outros? — Sou eu rei
dos Judeos? lhe replicou Pilatos. Os de tua nação, e os principes e sacerdotes te entregaram em minhas mãos. Que fizeste?—Meu reino, replicou Jesus, não é deste mundo: que se o fosse perejam por mim os meus para impedir que me houvessem as mãos os Judeos; mas o meu reino não é d'aque.—Logo, tu és rei? disse Pilatos. —Tu o disseste, respondeu Jesus. Eu o sou. Nasci e vim ao mundo para dar testemunho à verdade, e quem pertence à verdade ouve a minha voz. Pilatos, tendo-lhe dito, em tom de admiração, e não de pergunta: Que cousa é a verdade? saiu fora, e disse aos Judeos: «Eu não acho nenhum crime a este homem». Os sacerdotes e senadores accusaram então a Jesus de muitos crimes, e Jesus nada respon-

deu. «Não ouves as accusações, que contra ti formam? disse Pilatos». O Senhor, porém, conservou tal silêncio, que assombrou Pilatos. Estava pois Jesus absolvido pela prupria boca do juiz romano, e, apeçar disso, os accusadores porfiavam cada vez mais em criminal-o, dizendo que sublevara o povo com a doutrina, que pregara por toda a Judéa; começando pela Galileia. Pilatos não fez caso.
desta nova accusação de sedicioso, mas, ouvindo falar em Galiléa, aproveitou a occasião para remeter Jesus a Herodes, que nessa occasião achava-se em Jerusalem, e que era o Tetrarca da Galiléa, tendo, portanto, jurisdição nos Galileus. Havia muito tempo que desejava Herodes ver a Jesus, e presenciar alguns dos seus milagres. Herodes tendo satisfeito a sua curiosidade, e tendo perguntado muita cousa a que Jesus não quiz responder, e tendo que a imputada sedição era uma chimera, tratou a Jesus com desprezo, como se fora um louco, e reenviou a Pilatos, e por zombaria lhe mandou vestir uma roupa branca, significando por este modo que tal tentativa era mais digna de riso, que de receio ou castigo.

Nem Pilatos, nem Herodes achavam por onde condenar a Jesus, mas a raiva sacerdotal não estava ainda saciada, e, pelo contrário, os pontífices, acompanhados de um grande número de seus parciais, voltaram à presença de Pilatos, resolvidos a forçá-lo. O malfadado Pilatos, vendo-se apertado, tentou ainda outro meio para livrar a Jesus. Costumava o governador soltar todos os anos no dia da Pascoa, um dos presos, que o povo quisesse. Naquella occasião havia um preso amado, que se chamava Barrabaz, e como concorresse o povo, e pedisse a graça costume, Pilatos disse então: «Qual querais vos que eu vos solte? Barrabaz o faminora, ou Jesus que se chama o Christo? Outro sucesso veio corroborear Pilatos no desejo de salvar a vida de Jesus. Estando sentado no seu Tribunal, mandou-lhe dizer sua mulher o seguinte: «Não te embaraças com a causa desse justo, porque hoje em sonhos foi muito o que padeci por seu respeito».

Fez Pilatos o que pôde para livrar Jesus das mãos dos seus encarniçados inimigos, e insistiu na proposta
que tinha feito. Mas os sacerdotes, e senadores, tanto abalaram o povo, que pediram solto a Barrabaz, e a Jesus morto. «E que farei a Jesus, disse Pilatos?—Crucifica-o, crucifica-o, respondeu o povo —Mas que mal fez elle? Nada encontro n’elle que mereça a morte. Castigalo-hei, e depois mandarei soltar.—Crucifica-o, crucifica-o» respondeu a plebe desatinada, e impellida pelos sacerdotes invejosos.

Jesus acoutado, e coroado de espinhos.—Pilatos o sentencia á morte.—Caminha para o Calvario com a Cruz às costas e é crucificado.

Pilatos mandou acoutar a Jesus, e a sua ordem foi cruelmente executada pelos soldados. Levaram a Jesus para um pateo, e ali, no meio de toda a solda-

![Image](image-url)

O CAVALLO.

desca, tiraram-lhe a vestidura, puzeram-lhe um manto de purpura, cingiram-lhe à cabeça com uma coroa tecida de espinhos, metteram-lhe na mão direita uma canna, em vez de sceptro, e por zombaria o saudavam como rei, e com os joelhos em terra o adoravam,
dizendo: «Deus te salve, rei dos Judeus». Depois lhe davam bofetadas, cuspiam-lhe no rosto, e com a cana lhe feriam a cabeça. A vista de espectáculo tão doloroso, persuadiu-se Pilatos que os Judeus teriam compaixão de Jesus, e saiu do palácio com elle, para mostrá-lo ao povo, e dizer que não achava n’ellie crime algum. Mostrou a Jesus ferido, banhado em sangue, coroado de espinhos, coberto com a purpura, atadas as mãos, e disse: «Ecce homo, que quer dizer: Eis aqui o homem». Mas os Judeus clamavam: «Temos uma lei pela qual deve morrer, pois que se diz Filho de Deus, e cada vez gritavam mais: crucifica-o, crucifica-o!»

Attonito e estranhado da dureza e porfiada furia dos Judeus, voltou Pilatos ao pretório, e perguntou a Jesus d’onde era, mas Jesus não lhe respondeu palavra. «Nada me dizes? Não sabes que tenho poder de crucificar-te, e poder de te soltar?» disse Pilatos.—Não o terias sobre mim, respondeu o Senhor, se te não fosses dado por Deus, e por este motivo maior culpa que tu cometesteram os que a ti me entregaram. Nem a sua resposta, nem o seu silêncio, atamaram os esforços de Pilatos para o seu livreiro, mas os Judeus clamaram: «Es inimigo de Cesar, se não castigas esse homem, que se queira fazer rei». Esta perfida ameaça triumphou da fraqueza de Pilatos, que teve medo das aquelhes clamores, que punham em dúvida a sua fidelidade ao imperador. Pilatos era empregado público, podia ser demittido, e cedeu a tão ignobil receio. Trouxe fora do pretório a Jesus, e, sentado no seu tribunal, disse isto por ironia, a ver se apasiguava os Judeus: «Pois eu hei de crucificar o vosso rei?» «Os Judeus, mostrando-se aqui, mais romanos que o proprio Pilatos, responderam hipocritamente: «Nós não temos outro rei senão a Cesar».
Pilatos vendo que nada aproveitava, e que aumentava o tumulto, mandou vir água, lavou as mãos à vista do povo, e disse: «Eu sou inocente do sangue deste justo. Vós o vedeis. — Câia seu sangue sobre nós e nossos filhos» respondeu o povo. Não tendo tranquillo e desassembrado o espírito, como cumpre a um juiz, que vai dar uma sentença de morte, e não havendo novas testemunhas, nem documentos e provas, que lhe fizessem mudar a convicção, Pilatos abafou o grito da consciência, e concedeu asinal o que pediam os Judeos. Mandou pois soltar a Bar-

O BURRO.

rabaz; e proferiu a condamnação de Jesus, e por temor sacrificou a vítima, que podia salvar, não ficando menos culpado de que se tivera condenado por maldade.

Então se apossam de Jesus, tiram-lhe a purpura e lhe revestem sua roupa, e o levam ao Calvario, lugar do suplicio, chamado Golgotha na língua hebraica. Lançam-lhe nos hombros a pesada a cruz, na qual havia de ser crucificado, e tanto que sairam de Jerusalém, assalariaram a Simão Cyreneu, que vinha da
cidade, para que apoz do Senhor levantasse a cruz e o ajudasse. Entre o tropel de inimigos, que triunphavam de verem levado à morte o que tão injustamente aborreciam, havia grande turba do povo e mulheres, que seguiam o Filho de Deus chorando e batendo nos peitos. Voltou-se Jesus para estas santas mulheres, e disse: «Filhas de Jerusalém, não choreis sobre mim; porém chorai sobre vós e vossos filhos, porque tempo virá que serão afortunadas as entranhas que não deram fruto, e os peitos que não criaram. 
Nessa ocasião os homens dirão aos montes: Cai sobre nós, e aos outeiros: Cubri-nos. Se assim tratam o madeiro verde, que farão do seco?» Quer dizer: Se com tanto rigor se castiga o inocente... que esperam os culpados? Facil é de ver que Jesus dizia antecipadamente o que aconteceria a Jerusalém, que passados anos, recebeu o merecido castigo, sendo sitiada, reduzida pela fome, incendiada, e arrazada por Tito, filho do imperador Vespasiano.

Chegados ao Calvário ofereceram a Jesus vinho temperado com feij e mirra, visto que era uso dos Judeus darem aos que iam padecer vinho confeito com roborativos. Mas o que deram a Jesus, para aumentar-lhe ainda o sofrimento, era muito-amargo e por isso não o quis beber. Depois o crucificaram entre dois ladrões, e assim realizou-se a prophecia de Isaias: «Entre malvados o pozeram».

Fez Pilatos um título que denotava a causa política da condenação de Jesus, e mandou que fosse pregado na cruz, por cima da cabeça. Dizia o título: Jesus Nazareno, Rei dos Judeos. Os princípios dos sacerdotes ficaram ofendidos, e rogaram a Pilatos que não puzesse Jesus, Rei dos Judeos, mas sim Jesus, que intitulava Rei dos Judeos. Pilatos respondeu: «O que escrevi, está escrito».
Estava Jesus Cristo pregado na cruz, e ali mesmo confirmou com o exemplo a sua doutrina, e pediu a Deus pelos seus perseguidores, dizendo: «Perdoai-lhes meu Pai, porque não sabem o que fazem». Os soldados, que o tinham crucificado, repartiram entre si os seus vestidos. Como, porém, a túnica fosse in-consutil, isto é, sem costura, porque era toda tecida de alto a baixo, disseram para os outros: «Não nas rasguemos, porém lancemos sorte sobre ella, a ver quem na há de levar». Deitaram pois os dadós, sor-

A ZEBRA.

taram a túnica, e assim cúmpriu-se a prophécia do santo rei David, que diz: «Repartirão meus vestidos entre si, e lançarão sortes sobre a minha vestidura».

Em todo este tempo não se tirava o povo de diante da cruz, a olhar para Jesus, e a dizer-lhe blasfemias sobre injurias. Os princípios dos sacerdotes, e os magistrados, também o motejavam e diziam-lhe, movendo as cabeças: «Olá, tu, que destrues o Templo de Deus, e que o reedificas em tres dias, livra-te a ti
mesmo descendo da cruz. Quem salvou os outros, que se salve a si, e livre-te Deus, já que nêle confias. Os soldados que para o guardar estavam sentados junto da cruz, o insultavam como os maus, dizendo: «Salva-te d’ahi, se és rei dos Judeus». Até um dos ladrões, que estavam crucificados a seu lado, blasfemava e dizia: «Se tú és o Cristo, salva-te a ti mesmo, e a nós». O outro ladrão, porém, o repreendeu assim: «Não temes a Deus, condenado como nós ao mesmo suplicio? Quanto a nós, padecemos pelo que fizemos; mas este que mal fez elle?». E recorreu a Jesus, dizendo: «Senhor, lembra-te de mim, quando fores em teu reino.—Em verdade te digo, lhe respondeu Jesus que hoje serás comigo no paraíso».

Entre a turba, que rodeava a cruz, estavam algumas das mulheres de Galileia, que seguiram a Jesus e com o seu cabelo o suportavam e também ali estavam os que o condenaram e de longe viam o cruel suplicio. Mas a Santíssima Virgem Maria, Maria Magdalena e outra Maria estavam chegadas à cruz, e João, filho de Zebedeu, junto da Virgem. Jesus vendo sua Mãe e ao pé de si o discípulo que amava, disse a sua Mãe: «Mulher, eis o teu filho». E ao discípulo: «Eis tua Mãe». Depois, segundo afirmam os Santos Padres, ficou a Virgem Maria morando em companhia do discípulo virgem a cujo cuidado Jesus a encommendara, e não nós admiremos, diz S. Ambrosio, que tão divinamente João farejo, dos altos mistérios da religião, quando tinha consigo o santuário, que encerrava o autor delles.

Não era ainda meio dia, quando puseram Jesus Christo na cruz, e pouco depois começou o sol a escurecer, e as trevas enlutaram o ar até as três horas. Então bradou Christo: Eli, Eli, lamma Sabbactham, e que quer dizer: Meu Deus, Meu Deus, porque m
“desamparaste?” Alguns, que não sabiam a língua hebraica, interpretaram estas palavras de outro modo, e julgaram que chamava Elias em seu socorro.


De repente se rasgou por si o vêu do templo, em duas partes de alto a baixo, o sol tornou-se escuro, tremer a terra, estalaram e partiram-se as pedras, abriram-se os sepulcros: e muitos corpos de Santos, que eram mortos, resurgiram, e apareceram em Jerusalém a muitas pessoas. Tantos prodígios asom-
braram o centurião e os soldados que guardavam Jesus, e de espavoridos clamaram: «Na verdade este homem era Filho de Deus». Todo o povo que presenciou o espectáculo, ficou assombrado, e voltavam a casa batendo nos peitos.

Não queriam os Judeus que o corpo de Cristo e os dos ladrões com elle crucificados ficassem o sábado na cruz, e pediram a Pilatos que lhes fossem quebradas as pernas e tirados dali. Quebraram pois os soldados as pernas aos dois ladrões, e a Jesus não, porque viram que já estava morto; mas um soldado lhe atravessou o lado com a lança e imediatamente sahiu da ferida água e sangue. Ainda neste ponto compriu-se a prophecia de Moysés, que diz no Exodo: «Não quebreléis dele osso algum».

José de Arimatéia, homem rico e poderoso, e que era discípulo oculto de Jesus, porque temia os Judeus, mas que de seu crime não tivera parte, cobrindo então animo, pediu licença a Pilatos para sepultar o corpo de seu Divino Mestre. Sendo concedida a licença, José de Arimatéia comprou um lenço para amortalhar a Jesus, desencravou-lhe o corpo da cruz e o desceu com Nicodemos, o senador, que de noite viera também tomar parte no funeral. Ambos amortalharam o corpo do Salvador, ao uso Judaico, perfumaram-no com aromas, e embalsamaram-no com uma composição de myrrha e de álvoes. Havia ali um horto, e nelle um sepulcro talhado de novo na rocha, o qual foi estreado com o corpo de Jesus, e rodando um grosso penedo, para lhe fechar a entrada, se retirem. Também assistiram à sepultura Maria Magdalena, e as outras mulheres que viram a morte do Salvador.

Morto e sepultado Christo na sexta-feira, tendo-se ajuntado os príncipes dos sacerdotes e phariseis.
aram a Pilatos, e lhe disseram: «Lembramo-nos, senhor, que disse aquele embusteiro, quando vivo, que resurgiria três dias depois de morto. Mandai guardar o sepulcro, visto que podem os seus discípulos roubar de noite o corpo, e dizerem depois ao povo que resurgiu. Assim cairemos n'um segundo erro peior que o primeiro». Pilatos deferiu a suplicia, e foi sellado o sepulcro, e puzeram-lhe guardas.

CAPITULO 5.

Depois da resurreição de Jesus Christo até à sua ascenção.

Resurreição de Jesus Christo. — Aparece à Magdalena e as santas mulheres.

Sellada a pedra do sepulcro, e postos os guardas, houve um horrível terramoto. A pedra saltou pelos ares, caíram por terra os soldados atonitos, e cheio de magnificencia, resurgiu o Senhor. No domingo seguinte, que para os Judeus, era o primeiro dia da semana, partiu Maria Magdalena, e as outras santas
mulheres com aromas, e chegaram ao sepulcro; apontar do sol. Somente as penaisava pelo caminho a grandeza da pedra, que era preciso arredar: mas quando chegaram, viram-na a grande distância do sepulcro, visto que tinha sido arrojada pelo abalo de terramoto, e viram também os soldados ainda fulminados pelo terror, e cahidos como mortos. De modo a pedra e os guardas não impediram as santas mulheres de entrar no sepulcro; mas ficaram assombradas por verem que não estava dentro o corpo do Senhor.

Maria Magdalena correu logo aos Apostólos, e disse a Pedro e a João: «Levaram-me o meu Senhor e não sei onde o puseram». Acodem os dois discipulos ao monumento, e João, que chegou primeiro, abaixando-se, mas não entrando, viu por terra os lençóis. Pedro, que chegou depois, entrou e viu os lençóis e o sudário com que cobriram o rosto do Senhor, dobrados e postos de parte. Um e outro, assim como Maria Magdalena, assentaram que tinham levado o corpo de Jesus, porque ignoravam o que as Escrituras, e mesmo Jesus Cristo, lhes repetira tantas vezes: Que necessitava que resuscitasse dos mortos. Assim pois voltaram Pedro e João, e pelo caminho admiravam todas estas coisas.

Magdalena ficou só, chorando, inquieta e inclinada para o sepulcro, e nesse momento viu dois anjos vestidos de branco no lugar em que estivera o corpo de Jesus, que lhe perguntaram porque chorava. — «Levaram-me o meu Senhor, disse ella, e não sei onde o puseram». E dizendo isto olhou para traz e viu um homem em trajes de hortelã que lhe disse: «Mulher, porque choras? e que procuras?» — «Senhor, respon- den ella, se tu és quem d'aqui o tirou diz-me onde o puzeste, e leval-o-hei». Deu-se então o Senhor...
Conhecer chamando-a pelo seu nome de Maria, e ela exclamou *Rabboni*, que quer dizer *Meu Mestre*, e quiz beijar-lhe os pés*. Não me toques, lhe disse o Senhor, porque ainda não subi a meu Pai; porém vai a meus irmãos (os Apostolos) e dize-lhes que eu vou subir a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus*. Estavam os Apostolos muito aflitos, quando ela lhe contou que tinha visto o Senhor; porém não foram crédito a semelhante nova.

Não tornaram em si da angústia as outras santas mulheres que ficaram no sepulcro, e não achavam o corpo de Cristo, e muito mais quando viram na pedra assentado um anjo, cujo aspecto era como um relam-

![O Carneiro](image)

...ago, e a vestidura alva como a neve. Ficaram as santas mulheres assombradas de terror; mas o anjo lhes disse: «Não tenhais medo, porque sei que vindes buscar a Jesus, que foi crucificado. Jesus já aqui não está, porque resuscitou como tinha dito, e vinde e vede o lugar onde estava posto. Parti e dizei a seus discípulos, e a Pedro, que elle vai adiante de vós esperar-vos em Galileia, como lhes prometera» Logo se lembraram da promessa, e à nova da resurreição lhes acalmou o terror que lhes tinha causado a apparição...
do anjo. Sabiam do monumento para irem dar parte aos Apóstolos do que sabiam, e nesse momento viram a Jesus que as saudava, e transportadas de alegria e assombro se chegaram a beijar-lhe os pés e adorá-lo. «Não temais, lhes disse Jesus, e ide dizer a meus Irmãos, que vão à Galiléa, que lá me verão».

Jesus dá-se a conhecer a dois discípulos e a Pedro.—Apparece aos Apóstolos

Dirigiam-se nesse mesmo dia dois discípulos a Emáus, vilá arredada duas leguas e meia de Jerusalém, e falavam nos extraordinários sucessos daqueles três dias, quando se lhes juntou Jesus, e com elles (sem que o conhecessem) caminhava ao lado. Perguntou-lhes de que falavam, e que motivos tinham de tristeza. Um delles, chamado Cleofas, lhe disse: «Tu só és forasteiro em Jerusalém, e não sabes o que ali se tem passado estes dias? Não sabes que falamos de Jesus Nazareno, que foi um varão profeta, poderoso em obras, e em palavras diante de Deus e de todo o povo, e que foi condemnado à morte pelos nossos magistrados, e crucificado? Esperamos nós que resgatasse Israel, e ha tres dias que succederam estas cousas. É verdade que algumas mulheres que estavam com nosco, nos espantaram dizendo, que foram de madrugada ao sepulcro e não acharam o seu corpo, mas que lhes apareceram anjos, os quaes afirmaram que elle vive. Alguns dos nossos foram tambem ao sepulcro, e acharam que era assim como tinham dito as mulheres, mas a elle não se viram».

D’aqui tirou Jesus motivo para lhes exprobar a sua incredulidade, e lhes disse: «O estultos e tardos de coração para crer tudo o que anunciaram os profetahas! Por ventura não era necessário que Jesus Christo padecesses estas cousas, e que assim entrasse
na sua glória?» Depois lhes explicou quanto delas disseram as Escrituras, começando por Moisés, e acabando pelos profetas. Chegados à villa, Jesus fingiu que ia para mais longe, porém elas o detiveram dizendo que ficasse na sua companhia, porque se fazia tarde, e que o dia estava na sua declinação. Jesus entrou com os dois u'uma casa, e estando sentado com elás à mesa, tomou o pão e o abençoou, e tendo-o partido lh'o dava. Subito se lhe descerraram os olhos, viram o que antes não viam, e co-
nheceram a Jesus, que desapareceu-lhes logo de diante dos olhos. Então disseram um para o outro: «Não é certo que nos ardia o coração quando pela estrada nos explicava as Escrituras?» Levantando-se na mesma hora, voltaram para Jerusalém, e acha-raram juntos os Apostolos que diziam que o Senhor havia resuscitado e aparecido a Pedro. Os dous discípulos contaram também o que lhes havia acontecido no caminho, como conhecêeram a Jesus ao partir
o pão. Alguns discípulos, porém, não acreditaram tal notícia.

Estando nessa mesma tarde os Apostolos à mesa, e as portas fechadas, lhes apareceu Jesus e disse: «Paz convosco: sou eu, não temais». E tendo-os assim saudado, os arguiu de incrédulos, e duros de coração, que não criam em sua resurreição, nem se rendiam ao testemunho dos que o viram resuscitado. Encheram-se os Apostolos de espanto e medo, e o tinham por fantasma, quando Jesus, para os socerar, lhes disse: «Porque estáis vós perturbados, e que pensamentos são esses, que vós sobem aos corações? Olhai para as minhas mãos e pés, porque sou eu mesmo Apalpaí e vede: um espírito não tem carne, nem ossos, como vós vedeis em mim». Dizendo isto, mostrou lhes as chagas nas mãos, nos pés e nos lados.

Enlevados de pasmo e de alegria, não podiam os Apostolos ainda crer no que viaam. Então Jesus lhes perguntou se havia alguma cousa que se comesse, e elas lhe apresentaram uma posta de peixe assado e um favo de mel. Não precisava Jesus de sustento que só cabe á vida mortal, e não à eterna, que pela resurreição tomara, mas pediu de comer para convencer mais sensivelmente os Apostolos que era ele o próprio, e que tinha com certeza resuscitado. Tendo comido, é dado o resto aos Apostolos, disse pela segunda vez: «Paz seja convosco. Assim como o Pai me enviou a mim, também eu vos envio a vós». Tendo dito estas palavras, assoprou sobre elas, e disse-lhes: «Recebei o Espírito Santo, e serão perdoados os pecados a quem vós os perdoardes. e retidos a quem vós os retiverdes».

Não se achava S. Thomé com os mais Apostolos quando Jesus a elhes se mostrou do modo que acaba-
mos de narrar, e quando lhe contaram que tinham visto o Senhor, disse: «Eu se não vir nas suas mãos a abertura dos cravos, e se não metter o meu dedo no lugar dos cravos, se não metter a minha mão no seu lado não hei de crer». O Filho de Deus, que encaminhava ao estabelecimento da fé de sua resurreição estas incredulidades, não desamparou a Thomé. Oito dias depois, estando Thomé e os seus discípulos outra vez dentro do mesmo sitio a portas fechadas, veiu Jesus, poz-se em pé no meio, e disse: «Paz seja convosco. Mette, disse então a Thomé, o teu dedo aqui, e vê as minhas mãos. Chega também a tua mão,
e mette-a do meu lado: e não sejas incredulo, mas fiel.—Meu Senhor e meu Deus! exclamou Thomé já mudado.—Thomé, replicou Jesus, crestes porque vistes: bemaventurados os que não viram e creram».

Varias aparicaes de Jesus Christo.—Estabelece a S. Pedro cabeça de sua Igreja.—Da as ultimas instruções a seus discipulos, e sobe ao cén.

Pedro, Thomé, Nathaniel, e os filhos de Zebedeu e outros discípulos de Jesus estavam juntos na praia de Genezareth, e disse-lhes Pedro: «Eu vou pescar—
Também nós outros vamos contigo, responderam-lhe os mais. Sairam pois, e entraram n’uma barca, mas naquella noite nada apanharam. Chegada a manhã, veiu Jesus pôr-se na ribeira, e perguntou aos discípulos, não sendo por elles conhecido: «Tendes alguma cousa que comer?—Nada, responderam elles:—Pois lançai a rede para a parte direita da embarcação, e achareis, disse Jesus». Lancaram elles a rede, mas já a não podiam trazer acima, que tão grande era a carga de peixe, e João, vendo este milagre, disse a Pedro: «É o Senhor».

Pedro e outros discípulos vieram na barca, trazendo a rede cheia de peixes, e, tanto que saltaram em terra, viram uma braça postas, e um peixe em cima dellas, e pão. «Dai cá dos peixes, que agora apanhastes, disse-lhe Jesus, e vinde jantar».

Acabado o jantar perguntou Jesus a Simão Pedro: «Simão, filho de João, tu amas-me mais do, que estes?—Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo, lhe respondeu Pedro.—Apascenta os meus cordeiros, lhe disse Jesus». Perguntou-lhe segunda vez: «Simão, filho de João, tu amas-me?—Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo, lhe respondeu Pedro.—Apascenta os meus cordeiros, disse-lhe Jesus» Perguntou-lhe ainda terceira vez: «Simão, filho de João, tu amas-me? Ficou Pedro commovido, porquê julgava que Jesus duvidasse do seu amor e lhe respondeu: «Senhor, tu conheces tudo, tu sabes que te amo». Jesus, querendo com o triplice testemunho do amor de Pedro compensar as tres vezes que o negara, lhe confiou então as suas ovelhas, isto é, o cuidado das almas, e o governo visivel da Igreja, e disse-lhe: «Apascenta as minhas ovelhas. Em verdade, em verdade, te digo: quando tu eras mais moço, tu ti cingias, e iás para onde te dava a vontade; mas quando já fores velho,
estenderás as tuas mãos, e outro será o que te cinja, e que te leve para onde tu não queiras». Com estas palavras significava Jesus o gênero de morte, que havia de sofrer S. Pedro, o qual, como seu Mestre, foi crucificado.

Diversas vezes mostrou-se Jesus ainda aos Apóstolos durante os quarenta dias que, depois de sua resurreição ficou no mundo, e assim procedeu para lhes confirmar com muitas provas que estava vivo, e conversar com elhes acerca do reino de Deus. Deu por fim varias instruções aos Apóstolos, explicou-

lhes o sentido das Escrituras, e disse que em seu nome pregasse a penitência e remissão dos pecados a todas as nações. Ratificou a missão que lhes déra, dizendo: «Todo o poder me foi dado no céu e na terra, ide por todo o universo pregar o Evangelho, e doutrinai os povos, baptisando-os em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Os que crerem serão salvos, e os que não crerem serão condenados». 

O LLAMA.
Depois de se manifestar a seus discípulos várias vezes na Galileia, apareceu-lhes pela última vez em Jerusalem, onde lhes deu ordem que ficassem até a vinda do Espírito Santo. Os que estavam presentes lhe perguntavam dizendo: "Senhor, dar-se-ha caso que restitugas neste tempo o reino de Israel?—Não é da vossa conta saber os tempos, nem momento, que o padre reservou ao seu poder, lhes respondeu Jesus; mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e me sereis testemunhas em Jerusalem, em toda a Judéia, e Samaria, e até às extremidades do mundo».

Estas foram as últimas palavras de Jesus sobre a terra. Levantou as mãos, abençoou os discípulos, e foi-se elevando ao céu, envolvido n'uma nuvem refulcente de ouro e azul, que pouco a pouco o foi escondendo a seus olhos. Ainda os Apostolos seguiam atentos a nuvem até a perder de vista, quando dous aneanes vistos de branco subitamente apareceram, e disseram: "Varões da Galileia, porque estais olhando para o céu? Este Jesus, que deixando-vos se elevou ao céu, assim virá como o vistes subir».

FIM DA VIDA DE CRISTO.
ASSUMPTOS DIVERSOS.

O VIGARIO.

N'uma freguezia a primeira pessoa digna de respeito é o vigario. Nas alegrias e nas tristezas da vida o vigario acompanha sempre as suas ovelhas, e é o seu anjo da guarda. Baptisa a creança, abençoa os noiv-

vos, consola o afflicto, e conforta o moribundo com a esperança de uma vida melhor. É na igreja onde a influencia moral do vigario se manifesta. Ali, no recinto sagrado, ajoelham-se os homens, as mulheres, os meninos, o rico e o pobre, o fidalgo e o plebeu. Ali, do alto da cadeira, mostra aos grandes a pequenez de sua origem, e aos pequenos a grandeza dos seus des-

linos. Ali, na altura do Evangelho, apresenta os mais bellos modelos e preceitos de fraternidade. O homem
orgulhoso ouve a predica e sabe da igreja mais modesto: o culpado mais arrepentido: o rancoroso, mais benigno, e o desgraçado mais resignado.

Na freguezia o vigário é, para assim dizer, o único professor de moral, e governa as ovelhas com uma santa liberdade. Não as abandona um só instante, desde o berço até a sepultura, na missa, na predica, no confessionário, no baptismo, no casamento, no leito da morte. É o senhor, o possuidor, o director dos seus segredos, alegrias, tristezas, increduldades, e terrores. O dogma, a penitencia, a absolvição, os bons e maus desejos, as inimisades, vinganças; erros e arrependimentos, tudo vê, tudo ouve, tudo sabe. Amedronta as consciências e tranquilísa-as: castiga e ao mesmo tempo consola. Não há coração que se lhe não abra, choupana humilde que não visite; pobres que não console, e não teme o frio, o calor, a chuva, a tempestade e as molestias contagiosas. Nascido quasi sempre no meio do povo, criado e alimentado com o povo, conhece melhor as suas necessidades que os grandes do mundo, os seus interesses, fraqueza, desejos, costumes, defeitos, qualidades, vícios e virtudes. Sabe melhor quais são os remédios que precisa o povo, quais são as palavras que se lhe deve dizer, quais os males do corpo e da alma que devem ser curados.

Ha discordia entre pai e filho, marido e mulher, irmãos, amigos e visinhos? Ninguem vai ao juiz de paz, mas sim ao vigário. Nenhuma obra de caridade se realiza na aldeia, haja o dinheiro que houver, sem que o vigário seja consultado, tome nela parte, dé-lhe a direção, e lh'imprima o caracter de simplicidade, desinteresse e duração. O céu desprende a chuva e o trovão? Lá vai o vigario à igreja, ora em comum, e pede a Deus que afaste o flagello, e de
prosperidade dos bens da terra. Ora também pela salvação dos mortos, e pede a Deus o orvalho do céu, os tesouros da graça, e as esperanças infinitas da immortalidade. Se o vigário prega ao povo o respeito para com os grandes, prega também aos grandes o respeito que devem à justiça. Se recomenda ao pobre a resignação na desgraça, re-

commenda também ao rico, nos dias prospeiros, a caridade.

São estas as qualidades, que devem ornar a pessoa de um homem vigário, o humilde discípulo de Cristo, e que muito bem descreveu no seu livro popular Mr. Cormenin, conselheiro de estado, e um dos
homens célebres da França. Em geral os vigários da França, e dos outros países da Europa, não des- 
mentem as qualidades reconhecidas por Mr. Côme- 
lin e a razão é porque esses vigários não se envol- 
na política, não querem ser eleitores, nem deputados, 
e antes querem os bens do céu, que os da terra. O 
vigário político, assim como o professor primário, ou 
o magistrado político, é o maior flagelo que pode ter 
o povo, porque um tal vigário recebe o insulto dos 
seus adversários, perde a força moral, mancha as 
vestes sacerdotalas, ateia as paixões, odeia, vinga-se, 
divide o rebanho em vez de uní-lo, torna-se lobo em 
vez de pastor, e sacrilegamente renega as palavras 
de Christo, que disse: O bom pastor deve derramar o 
sangue por suas ovelhas.

O vigário, não sendo político, pode ser o anjo 
consolador das suas ovelhas e dar com mãos largas, 
o pão do espírito e o pão do corpo. Neste caso 
torna-se o conciliador, o conselheiro das famílias, 
que, fascinadas, pela sua inteligência, moralidade, e 
bons exemplos, depositam n'ele a mais cega con-
fiança: Torna-se o promotor do progresso moral, 
intelectual e material, e guiado pela fé, nada o po-
derá desanimar. Pelos seus conselhos e pelo ensino 
pode tornar inteligente, moralisada, rica e laboriosa 
qualquer população ignorante, pervertida, pobre e 
ociosa. Na Calabria um vigário tomou posse de fre-
guezia agreste e inculta. O povo era miserável. 
ignorante, supersticioso, fanático e mau. Não des-
animou o vigário, ensinou a ler aos meninos, inoculou 
o povo o amor ao trabalho, ensinou a semear o trigo, 
a plantar a oliveira e a parreira, pediu a cada paro-
chiano que plantasse e cultivasse anualmente um 
certo número dessas árvores uteis, e passados anos, 
agreste e inculta freguezia estava cultivada como um
ardim. O trigo, dava abundantes serras: a uva e a
zeitona convertiam-se em vinho e azeite: o povo gas-
tava o necessário, vendia o superfluo, vivia feliz, e por
uma vez o trabalho afugentou a ignorancia e a miséria.
Entre muitos outros sacerdotes, dignos discípulos de
Christo, e por consequencia amigos da humani-
idade, citaremos Oberlin e Mr. Vincent.
Filho de um professor da cidade de Strasbourg, Fre-
erico Oberlin nasceu em 1740 e morreu em 1826.
Oberlin fez os seus primeiros estudos no Gymnasio,
onde professava seu pai, e em 1763 recebeu o grão
de doutor em philosophia, formando-se depois em the-

O B U F A L O .

logia. Pobre mas cheio de fé, e abrasado do amor
a humanidade, Oberlin aceitou em 1767 o curato de
Ban de la Roche, situado perto de Strasburg. Os ha-
itantes de Ban de la Roche, eram nesse tempo vícti-
mas dos dous maiores flagelos do homem: a ignorans
e a miséria. Alimentavam-se de fructas e herva-
destres, não tinham estradas, e a terra estava co-
meria de florestas. A vida parochial de Oberlin foi do
principio ao fim uma serie de deveres a bem das suas
almas, e hoje a sua memoria é por todos venerada.
O seu primeiro cuidado foi fundar escolas. Estava Ober-
lin convencido que a ignorância crassa dos habitantes de Ban de la Roche seria o maior obstáculo, que haveria de encontrar na realização de seus melhoramentos. As pessoas ignorantes falam mal, compreendem mal e dos outros mal se fazem entender. Possuem poucas recordações, poucas ideias, e a sua conversa é pobre como a experiência, e encerra-se num pequeno número de ideias vulgares, e de repetições fastíduosas e insignificantes. Quase nada sabem do passado, não sabem o que se passa além do lugar onde vivem, e aquilo que seus pais não disseram, e o que não viram, lhes parece incrível e impossível. Assim, quando alguém os convida a afastarem-se do caminho da rotina, persuadem-se que se lhes desejara a desgraça, e consideram como inimigo todo o homem que lhes aconselha a menor mudança nos seus hábitos, ainda mesmo que seja para seu verdadeiro interesse. Foi isto que dolorosamente experimentou o jovem Oberlin nos primeiros dias de sua residência em Ban de La Roche. Apeaz da sua prudência e brandura, foram no princípio mal recebidas as suas tentativas para destinar as terras incultas, abrir os caminhos necessários para a comunicação das aldeias vizinhas, propagar a cultura das árvores frutíferas, e melhorar a das batatas e do linho, que mais convinham ao terreno arenoso de Ban de la Roche. Houve até mesmo contra elle uma conspiração que foi atalhada pela sua paciência, coragem e vontade.

Dar por si mesmo o exemplo, n’aquilo que desejava, que fosse feito pelos camponeses, foi o meio empregado por Oberlin, com mais vantagem. Atalhos mui frequentados atravessavam dois campos do presbiterio. Nesses campos, à vista do povo que passava, Oberlin poz-se a trabalhar com um criado, abriu valas de quatro a cinco pés de profundidade; plantou árvores de fruto, e lançou em roda a terra própria e necessaria
para o seu crescimento. Procurou toda a casta de boas árvores, como a primeira, maceira, cerejeira, amêndoa, e nogueira; fez um grande viveiro, que preparou no jardim, e esperou a ocasião em que os seus paroquianos, vendo e desenvolvimento das árvores diariamente expostas, viessen pedil-as voluntariamente, O seu desejo não ficou malogrado: o gosto do plantio das árvores espalhou-se, e a arte de enxertar, que tinha ensinado a muitos dos seus paroquianos, foi geralmente praticada. Quando queria abrir ou alargar um caminho, de pois deter, alcançado o direito, pegava n'um

avião, escolhia os lugares mais dificies, e punha-se a trabalhar, não se importando ter as mãos arranhadas pelos espinhos, ou pisadas pelas pedras. Assim despertava a emulação: os camponezes trabalhavam ao mesmo tempo em diversos pontos, e Oberlin, montado a cavalo, ia de um lugar a outro, e dava por toda a parte conselhos e ordens uteis. Antes da sua chegada a Bau de la Roche atravessavam-se os regatos mais largos sobre arvores tombadas, e logo Oberlin tratou de construir algumas pontes, e pelo seu exemplo muitas outras foram feitas depois.

O BIZONTE.
O bem que o digno sacêrdo te não podia fazer por si mesmo, fazi-o fundando a associação e criando prêmios de animação. Para fazer face a estas despesas, pedia donativos e promovia subscrições, que facilmente alcançava das pessoas ricas de Strasbourg. Muitas vezes, durante a noite, percorria a cavalo a distância que vai de Ban de la Roche a Strasbourg para solicitar a caridade a favor de seus paroquianos, ou defender os seus direitos perante os magistrados. Via com pezar que, se por ventura um instrumento dos seus paroquianos se inutilisava, era preciso que tivessem a mão o dinheiro para comprar outro, e além disso perderem um dia inteiro, para se provever no mercado distante. A fim de evitar um tamanho inconveniente abriu um armazém, onde mandou vender os instrumentos pelo preço do custo, e a crédito, pagando os rachadores de lenha no corte da madeira, e os cultivadores na ocasião de venderem o gado, as batatas e o linho, únicos recursos, que tinham nessa época os habitantes de Ban de la Roche. Na paróquia não havia um só homem de ofício, e os habitantes quando precisavam dos seus serviços, o que sucedia muitas vezes, viam-se obrigados a fazer viagens de muitas léguas, e perderem tempo e trabalho. Oberlin sondou a disposição dos mancebos, escolheram os mais inteligentes, fornecê-lhes roupa, e os poz a aprender ofícios. Alguns anos depois a paróquia possuía carroceiros, ferreiros, ferradores, carapinhas, pedreiros, sapateiros, etc. Este melhoramento deu os mais felizes resultados, porque muitos indivíduos tiveram subsistência honesta, e espalhou-se o gosto dos trabalhos mecânicos.

Oberlin introduziu algumas indústrias na sua paróquia, principalmente as de fiar e tecer algodão. Velhos, mulheres e meninos, condemnados antes à miséria e à preguiça, durante o rigoroso frio do inverno,
encontram neste recurso trabalho e subsistência. Com-
pron un grande número de livros uteis, e dava e em-
prestava aos seus paroquianos mais instruídos. Nas suas
conversas particulares, ou as reuniões semanais, que
dava em sua casa, anunciava e explicava as impor-
tantes descobertas feitas na agricultura, e os aconte-
cimentos da época. As suas comunicações eram a-
companhadas sempre de observações judiciosas, e sem-
pre tendiam para um fim religioso e moral. Creou uma
caixa económica, onde elle e os seus amigos foram os
primeiros, que depositaram o fruto de suas economias.

O ZEBU.

Deste modo baniu o mendicidade: e graças a seu eu-
sino, a mã fe, a falta do pagamento de qualquer quan-
tia pedida emprestada à caixa económica, era uma no-
doa indelével; e que rara vez se manchou os seus
paroquianos. O benefício desta instituição foi imenso.
Quando um habitante de Ban de la Roche, laborioso e
honesto, achava-se, por alguma desgraça, embarraga-
do em pagar a dívida, confiava ao parocho o seu es-
tado, o qual achava sempre meios de salvar-o de uma
perda, a não ser ella inevitável. Chamou os credores,
muitas vezes, pobres e alcançava delles a quitação, salva o infeliz da desonra, e emprestava-lhe ainda alguma quantia, para ajudal-o nas precessões da família, e continuar com os seus trabalhos agrícolas.

Seria longo trabalhão narrar todas as invenções engenhosas, que inspirou a Oberlin a caridade esclarecida, que abrazava a sua alma. Basta dizer que em vida teve o amor dos seus paroquianos e a recompensa dos governos. A Convenção em França lavrou um decreto agradecendo, em nome da patria, os serviços prestados por Oberlin na propagação da instrução primaria, e o rei Luiz XVIII o nomeou cavaleiro da Legião de Honra. Poucas virtudes podem merecer o mesmo respeito de governos opostos, como a republica e a realeza, e conservarem a sua pompa em tão grandes distancias!

Em 1846 o padre Vicent foi nomeado abade de Broussan, pequena aldeia de 300 habitantes, perto da cidade de Toulon, em França. As terras incultas da aldeia, o espírito de rotina, a ignorância e a pobreza dos habitantes comoveram o coração evangélico do abade Vicent, que cogitou logo dar pelo ensino as suas ovelhas o pão do corpo como o do espírito. Pediu e alcançou da autoridade local a necessaria licença para abrir gratuitamente uma escola primaria na abadía. Abriu duas aulas, uma para meninos, e outra para meninas, sendo a primeira dirigida por elle, e a segunda por sua mãe, e ambos ensinavam a infancia a leitura, a escrita, a aritmética, e principios de geografia, historia, e musica vocal. Satisfeito com o progresso de seus jovens discípulos, o abade Vicent observou em alguns demasiado gosto pelo estudo, e repugnância para os trabalhos físicos. Para atalhar o mal, começou a cultivar um campo, nas horas do recreio, com seus discípulos, e procurou dar-lhes por este modo o habito de trabalho manual, inspira-lhes o gosto da agricultura.
Mais tarde, um dos ricos proprietários da visinhança, o conde D'Estiennes d'Ortés, lhe emprestou uma pequena quantia e o bom abade Vicent bateu de porta em porta, pediu em nome da caridade, comprou terras, instrumentos, animais, e fundou a escola agrícola de S. Izidoro. Fundada em 1848, a escola agrícola de S. Izidoro tinha 54 órfãos no ano de 1855, e apresentava 66 no ano de 1860.

Dos bons vigários depende, pois, em grande parte a felicidade pública. A este respeito acrescentaremos ainda, segundo escreve Malte Bluu, o exemplo dos vigários da Noruega, não menos caridosos que os dos di-

...
quer outro melhoramento agrícola. Por isso não é raro encontrar-se nos sacerdotes da Noruega distintos bi-
tanicos, mineralogistas, economistas, e agrónomos.
Tão magníficos resultados são devidos, por sem du-
da, à boa organização dos seus seminários, e imita-
do tão úteis exemplos, principalmente na parte rela-
tiva à agricultura, os governos do Piemonte e da Ye-
manha tornaram obrigatório nos seminários o estudo
da agricultura e economia rural. Em França foi ten-
tado um ensaio deste gênero no século XVIII, e úl-
mamente foi restabelecido pelo sabio bispo de Rodez.
Devemos também apresentar a opinião, que formava
Napoleon sobre tal assumpt. Lê se no Memorial de
S. Helena que Napoleon desejava fundar cursos de
agricultura nos seminários, para que o sacerdote, se-
do por sua natureza o médico da alma, fosse também
o médico do corpo, e o educador das populações rurais.
Deste modo o clero francês, podendo-se a frente dos
melhoramentos agrícolas, havia de recuperar com fa-
cilidade a antiga e salutar influência que a política e
a industria fizeram passar para outras mãos.
Longa seria a lista de bons vigários, brasileiros, se
porventura tivéssemos de fazer uma honrosa menção
de seus nomes; porém o espaço nos falta; e basta di-
zer que para a realização de milagres de civilização,
como os de Oberlin e Vicent, são necessárias só duas
coutras: fé e moralidade. A fé dá a perseverança, for-
talece o animo, e, na phrase do Evangelho, sendo
mesmo do tamanho de um grão de mostarda, é capaz
de transportar montanhas: a moralidade infunde o res-
peito, o amor, a confiança, e faz abrir a caridade to-
das as portas.
OS MAMIFEROS.

Os mamíferos são os animaes que tem mamãs. Todos nascem vivos, e chamam-se por isso, vivíparos, e dividem-se nas seguintes ordens: bímanos, quadrumanos, carnívoros, marsupiais, roedores, desdentados, pachidermos, ruminantes e cetáceos.

O homem é o único mamífero bímano, porque tem duas mãos.

A BALEIA.

O orangotango e outros macacos, são quadrumanos, porque tem quatro mãos. Alimentam-se de frutos, e do mesmo modo que o homem tem duas mamãs no peito, cinco dedos nos pés e mãos, e muitas outras semelhanças.

O morcego, o ouriço-cacheiro, o urso, o texugo, o furão, a doninha, a raposa, o gato, o leão, o tigre, a
onça, o lince, o lobo, o cão, o coati, a hiena, o chacal, e a phoca são carnívoros, porque alimentam-se de carne, e quasi todos têm unhas nos dedos, que são umas vezes chatas, e outras, agudas e cortantes.

O cangurú e a mucura são marsupiais, porque têm um saco por baixo do ventre, no qual se mettem os filhos, durante o tempo que se pegam às mães, ou se refugiam, quando se espantam de alguma cousa.

O porco espinho, a lebre, o coelho, a cutia, o rato, o castor, o coatipuru e a marmota são roedores porque não podem apanhar, dilacerar, ou dividir os alimentos, e só com os dentes incisivos atacam e roem os pães, raízes e cascas de árvores, hervas, grãos, e frutos.

Os desdentados não tem dentes incisivos, e por isso não podem roer, e comem somente folhas, como a pregaça, ou insectos, como o tamandua, ou raízes, insetos, e cadáveres, como o tatu e o panholim.

O elefante, o javali, o porco, o rinoceronte, o hipopótamo, o cavalão, o burro e a zebra são pachidermos, porque temem cascos, em vez de unhas, o couro grosso, e comem somente hervas, folhas, grãos e raízes.

O veado, o rangífero, o carneiro, a cabra, o camelto, o dromedario, o lhama, a girafa, o boi, o bufalo, o bizontre, e o zebu são ruminantes, porque fazem voltar a comida a boca, depois de a ter engolido, para a mastigar de novo, e comem somente grãos, folhas e herva.

O bezerro marinho e a baleia são cetáceos, porque não tem pés, e as mãos são em forma de barbatanas. Embora vivam sempre na água, não são peixes, porque amamentam os filhos, que nascem vivos, e respiram o ar, esguichando a agu pelas ventas.
O orangotango—é o maior dos macacos, e de todos os animais é o que mais se parece com o homem. O seu corpo é coberto de pelo grosso e ruivo; não tem rabo; alimenta-se de frutos, ovos e insetos; habita nos bosques; resiste com paos e pedras quando é agredido, e são seus braços tão compridos, que, estando em pé, chegam ao chão. Anda em bandos nas regiões da Ásia, e somente doméstica-se, quando é agarrado em pequeno. No estado doméstico, sendo bem tratado, serve à mesa, abre garrafas, enche os copos; limpa os pratos, e faz todo o serviço de um criado, ao menor signal do dono. Dizem que um orangotango pode lutar com dez homens, e que na sua colera, pegando um homem pelas pernas, o escacha de meio a meio.

O morcego—tem duas manas no peito, nas quais faz os filhos dependurados, e voa rapido e subtilmente, durante o crepúsculo e a noite, apanhando no vôo insetos e borboletas. Uma larga membrana, que lhe cobre os quatro membros, lhe forma as asas, que são de uma pele dura, e quasi transparente. Esconde-se du-
rante o dia, e pendura-se nos ramos das árvores pelos pés, com a cabeça para o chão, envolvido nas suas azas. Alguns morcegos são frugívoros, porque sustentam-se de frutos; outros, são insetívoros, porque vivem de insetos; e outros são carnívoros, porque behem o sangue dos animaes. Ha uma especie de morcegos muito grandes chamados *vampiros*, com carne os povos das ilhas do oceano indico, e principalmente os chineses, acham muito saborosa e a coem como a de gallinha.

O ourico cacheiro—não chega a ter um pé de comprido, e tem o focinho aguçado, a cauda muito curta, e o carpo coberto de espinhos. Vive nos sivos e bosques da Europa; nutre-se em parte de frutos, e em parte de pequenos animaes, e recolhe-se em curvas. Quando é atacado, faze-se em um novelo e apresenta espinhos por toda a parte. Só a raposa tem a astucia de o desdobrar, embora lhe fique o focinho e a goela ensanguentados.

O ursa preto—habita as florestas da Europa, America do Norte, e Azia. Tem a cabeça enorme, os olhos pequenos e vivos, o corpo alto e desaguitado, o rabo curto, e os dentes e garras formideaveis. Recolhe-se em grutas, onde passa o inverno a dormir, e só come a carne dos animaes, quando é apertado por fome desabrida. Fôra disso alimenta-se de raizes, frutos adocicados, e mel, que é a sua comida favorita. A sua pele é muito estimada para barretinas: a banha é excelente para pomadas, e para a panela: e a carne, pê; e presuntos desumados são reputados iguaria saborosa. No estado selvagem o ursa é feroz e desconfiado; mas no estado domestico, amansa-se, e, preso a uma corda, faz tregeitos desengraçados a voz do dono, ou de um instrumento.
O texugo—tem a pele coberta de cerdas pretas e brancas, tão asperas, que delles se fazem escovas e pinceis. É amistíssimo de mel, como o urso preto, e por isso anda sembem à cata das colmeias, e desenterra os ninhos das abelhas silvestres. É animal preguiçoso, desconfiado, e solitário, que vive nos bosques e lugares ermos da Europa. Foge da luz; passa três quartas partes da vida a dormir, e quando sai é para buscar de comer.

A doninha—é um animalinho comprido, e de um ruivo uniforme. Como a raposa, a doninha exhala um cheiro fetido, rondando sem cessar em roda das casas, e procura introduzir-se de noite nos galinheiros e pombas. Quando entra num galinheiro, mata de preferência os frangos e os pintos, fazendo-lhes uma única ferida na cabeça, e os leva um a um. Também não perdona aos ninhos das perdizes, codornizes, e outras aves, e gosta mais de sangue e miolos que de
carne. Caça as toupeiras, cobras, ratos, e passarinhos, e quando anda é aos pulos, dando pequenos saltos desiguais e precipitados.

O FURÃO — é um animal mais pequeno que a doninha, e tem o corpo alongado, focinhão agudo, o pelo melado e os olhos vermelhos. É inimigo mortal do coelho, e, apesar da flexibilidade dos seus membros, tem vigor bastante para o atacar na cova, e lhe sugar o sangue. Na Europa os caçadores aproveitam-se deste instinto sanguinário, e armando redes nas tocas do coelho, soltam o furão, que se interna profundamente; e o faz saltar para fora, a cair nas redes que lhe armaram.

A RAPOZA — é ruiva com a extremidade da cauda branca ou preta, e persegue os coelhos e galinhas. A sua astúcia é proverbial: exhala um letídio, que lhe é particular, e excede ao lobo no instinto de fazer covas para seu domicílio. Caça durante a noite; anda sempre coberta de pulgas, e o seu grito, ou regongo, assemelha-se de algum modo ao uivo do cão.

O GATO — distingue-se pelas unhas cortantes e agudas, que facilmente encolhem-se para entre os dedos. A sua língua é Erinizada de papilas espinhosas, e por isso arranha quando lambe. Os gatos trepam pelas árvores: saem mais de noite do que de dia por verem muito bem na obscuridade; aborrecem a água e a humidade; e preferem a carne dos animais, que apanham vivos, a qualquer outra.

O LEÃO — pela grandessa dos saltos, valor e força muscular, o leão é considerado como o rei dos animais. Não ataca o homem senão aportado pela fome, e tem uma clina espessa, chamada juba, que lhe garante a cabeça, o pescoço, e os hombros. E implacável na vingança; nutre-se dos animais, que apanha...
bita nos desertos d’África, aonde solta rugidos atroantes e medonhos.

O tigre—habita nas regiões mais quentes da Ásia, e é tão grande e forte, como o leão, porém muito mais cruel, porque muitas vezes mata somente para beber o sangue da vítima. A sua pele é de um louro vivo, marchetado-transversalmente com listas negras. O tigre, assim como o leão, a onça, e todos os gatos, encolhe as unhas cortantes e agudas, tem na língua papielas espinhosas, e anda mais de noite que de dia.

O FALCÃO.

A onça—ou tigre d’America, tem a pele amarelada, com manchas louras, circundadas de preto. A onça é pouco inferior em força a um tigre, ou leão; mata um cavalo, ou um boi, n’um momento, e os arrasta por uma ladeira acima com muita facilidade. Ha no Brasil caçadores tão destemidos, que desafiam e esperam a onça com um forçado, e quando ella se lhes arremessa, que é sempre em pé, mettem-lhe o forçado no pescoço, e matam-na á faca.
O lince—vive no norte da Europa, tem o pêlo comprido e pardo, a cauda curta, e as orelhas guarnecidas de um pincel de pêlo nas suas extremidades. Os antigos erradamente julgavam que a urina deste animal se transformava em pedra preciosa, e que tinha o olhar tão penetrante que via através dos muros.

O lobo—é muito voraz, tem as orelhas direitas, e a cor parda. Vive quasi sempre solitário, e não se reúne em bandos, ou alcateias, senão quando é apertado pelo frio e fome, e só neste caso ataca o homem. Devora os carneiros, e é tal a sua força e agilidade que muitas vezes foge dos cães, levando um carneiro seguro na boca. O lobo tem as mesmas formas do cão, mas é diferente na índole, e na espécie, havendo entre elas antipatia invencível. Os cães pequenos, vendo o lobo, ou sentindo-lhe o cheiro, começam a tremer, e deitam a fugir, para se enroscarem aos pés do dono; porem o mastim, ou cão de filha, conhecendo as suas forças, corre sempre ao combate, que ordinariamente acaba pela morte de um dos contendores.

O cão—é o fiel amigo do homem. Há diversas raças de cães, e mencionarêmos aqui as seguintes: o galgo, que é esbelto e alegre, tem as pernas mui compridas e finas, o corpo esguio, o focinho grande e afilado, o pêlo rente, e apanha as lebres, tomando-lhes as voltas sem as perder de vista; o perdigueiro, cujo olfato é extremamente fino, e levanta as perdizes, que são matas no ar pelo caçador; o mastim, notável pela coragem, e força, e que faz parar um touro, o conserva preso, mordendo-o no focinho; o rafeiro, o cão de pastor, que tem o pêlo comprido e arripiado, guarda os rebanhos de carneiros, ajuntando-os que se degarram, e os defende contra os animaes ferozes; o caça da Terra Nova, que tem o cauleiro felpudo, nada com facilidade, e em occasião de naufrágio segura o don
pelo pescoço, ou pela roupa, e salva-lhe a vida. Os pretos Cumbucas e Chevas comem a carne do cão, e os chinezes também são por ella muito apaixonados, vendendo-a nos seus açougues em tanta quantidade, como entre nós a de vaca.

O coati—tem as pernas curtas e grossas, o pelo comprido e mole, o focinho delgado e prolongado, e a boca muito grande. Quasi sempre anda de noite, e entre-se de ovos, aves e insectos. Domestica-se de sorte que acompanha o dono, como um cão.

A HIENA—tem o rabo curto, o pelo das costas levantado, formando uma especie de clima; e come os ossos e cadáveres, que desenterra. São os seus dentes tão grossos e fortes, e os musculos dos queixos tão volumosos, que facilmente quebra os ossos dos maiores quadrupedes, não havendo força que possa arrancar-lhe o que uma vez tiver agarrado. Por causa desta circunstancia, os árabes consideram a hiena como o símbolo da tenacidade. Os antigos diziam que este

A AGUIA.
animal: mudava de sexo todos os anos, imitava o som da voz humana, e fascinava a tal ponto os outros animais, que ficavam quietos; não se podendo mover. Mais estas patranhas são tidas na conta que merecem.

O chacal—tem com pouca diferença o feitio do lobo, porém é mais pequeno, e a sua cor é de um amarelo claro. Habita na Ásia e África, e anda em alcatéias de 300 e 400, guiados por um chefe experimentado. Vive de pequenos animais, e faz-se temido pelo número, atacando toda a especie de gado, e entrando com insolência nas estribarias e curraes. Quando ali não encontra cousa alguma devora o couro dos arnezes, botas, e sapatos. Como a liena, o chacal desenterra os cadaveres para comer a carne putrida.

A phoca—é um animal ambíbio, porque vive tanto na terra, como na agua. A sua cabeça é redonda, mui parecida com a do cão, e a parte inferior do corpo com o rabo de um peixe. Alimenta-se de peixes, tem o olhar expressivo, e demestica-se e familiarisa-se muito com o homem.

A mucura—ou sarigue d'America, tem as oreilhas compridas, o focinho pontudo, e os dentes fortes e agudos. Exhala um mau fetido, e como a raposa, introduz-se de noite nos galinheiros, para matar as galinhas. Durante o dia, trepa nas arvores, e esconde-se por entre as folhas, à espreita dos passarinhos. De cada vez pare a mucura 12 ou 14 filhos, que nascem com os olhos fechados. Apezar da mucura ser do tamanho de um gato, os filhos nascem tão pequenos, como ratinhos, e então é cousa mui curiosa de se ver essas pequenas criaturas agarrarem-se com afinco nas tetas da mãe, crescerem com rapidez, e sairem e entrarem na bolsa, que a mãe tem por baixo do ventre.

O porco espinho—este animal tem o corpo coberto de espinhos, em lugar do pelo, e o focinho grosso,
troncado, e curto, como o do porco. Os seus espinhos são mui compridos e fortes: erriça-se à vontade, e antigamente se julgava que elle podia dardejar os espinhos contra o inimigo. Desconfiado e timido, como todos os roedores, o porco espinho esconde-se de dia nas suas cova profundas, e sai de noite para procurar a comida, que se compõe ordinariamente de raízes e grãos. Presentindo o inimigo, soge imediatamente, e se não alcança o escondrijo, enrosca-se, e apresenta por escudo os fortes espinhos.

O MÓNIO.

A LEbre—é de um pardão arruivado e tem as ore- 
has compridas e a cauda curva. A sua carne é muito 
estimada, e o pêlo é empregado em certas manufactu-
ras. Não se encova, dorme no chão, e quando a ca-
vam, corre velozmente na campina, chiando, e fazen-
do muitos giros.

O COrlho—é menor do que a lebre, e apenas o 
perseguem vai em direitura para sua cova, que tem
um grande número de saídas. Vive em sociedade, e produz muito no estado doméstico, mas neste caso não é sua carne tão saborosa, como a dos bravos.

A cutia—tem as orelhas pequenas, o cabelo avermelhado é rijo, apenas signal da cauda, e três dedos nos pés e quatro nas mãos. Como o coelho, abre casas, aonde se esconde, e corre com a mesma ligeiressa. Rói o caju, o côco, e outros frutos do mato, e muitas vezes, quando come, assenta-se de cocoras.

O castor—é amfibio, e tem dois a três pés de comprimento. As suas orelhas são curtas eredondas e tem cinco dedos nos pés e mãos, reunidos por membranas, e a cauda totalmentechatá, e coberta de escamas, como a do peixe. Faz represas nos rios, formando estacadas, que tem de ordinário 100 pés de comprido, e 12 de espessura na base, e do mesmo modo levanta casas, aonde mora, cortando as estaesas com os dentes, e amassando e alisando o barro com a cauda; que lhe serve de trilha! As casas têm duas saídas, uma para terra, e outra para dentro d'água, e por esta ultima foge, mergulhando, quando é atacado. Além disso, cada casa acomoda muitos pares de castores, e tem dois e tres andares, sendo nos que ficam debaixo d'água, aonde estão as cascas dos vegetaes, que são as suas provisões para o inverno. O castor anda em bandos de 100, 200, e 300: a sua pelle é muito estimada para chapéos, e dizem que a sua carne tem o mesmo sabor que a do peixe.

O coati-puru—ou esquilo, é um pequeno, elegante e esperto animal. Tem o olhar vivo, as orelhas direitas, e a cauda longa, e guarnecida de pêlo comprido e espesso. Alimenta-se de frutos, e vive sobre as arvores, nas quaes aninha-se, trepa e salta com ligeiressa e graca.
A marmota—é de um trigueiro amarelado, habita nos Alpes, o distingue-se pela cabeça chata, corpo refeito, e cauda curta. Vive de hervas, e recolhe-se durante o inverno em buracos subterrâneos, que enche de feno, passando ali os maiores frios um letargo mortal.

O ornitorrino—é um animal curioso da nova Holanda, mais aquático do que terrestre. É do tamanho de uma cutia e coberto de um pêlo curto e macio. Tem os olhos pequenos e luzidios, e a cabeça, em vez de acabar em focinho, continua com uma espécie de bico de colher, semelhante ao de pato. Nas suas mãos e pés há membranas entre os dedo e unhas; o rabo é achatado, e os machos teem no calcanhar um esporão, que faz feridas perigosas, porque transmite ao golpe a secreção venenosa de uma glândula, que tem na base. A pele é tão dura que resiste à bala, salvo na cabeça:

O tatú—ou armadilho, é um animal coberto de escudelas escamosas, que o defendem, como couraças, e
a cabeça e a cauda são igualmente escamosas. Há diversas espécies de tatus, como o bola, o peba, e o ca-
nastra. Nutrem-se de frutos, raízes, insetos, ou ca-
daveres, e cavam buracos, onde moram.

O PANGOLIM—é outra espécie de tatu, que tem o corpo coberto de escamas grandes, duras, e cortante, situadas umas sobre outras à maneira de telhas. Vive na África, alimenta-se somente de formigas, e quando é atacado, enrosca-se em forma de bola, e apresenta o cortante das suas escamas por toda a parte.

O TAMÂNHA BANDEIRA—tem o corpo coberto de pelo grossoeiro e escuro, com uma lista cinzenta e preta de cada lado, em forma de banda. Tem o focinho muito comprido; as pernas, curtas e grossas; o rabo gade-
lhudo e arqueado sobre o pescoço, e a língua pegajosa e finíssima, que se estende pelos formigueiros, aonde apanha o cupim; seu único alimento. Posto que não tenha dentes, resiste à onça, deitando-se de costas, e nessa posição a abraça, e enterrar-lhe as unhas grandes, afiadas e curvadas. Nesta horrível pe-
leja muitas vezes ficam mortos os dois combatentes, agarrados um ao outro.

A PREGUIÇA—não tem cauda e são os seus braços maiores que as pernas, movendo-se por isso dificul-
tosa e lentamente. Conta-se que depois de haver devorado todas as folhas de uma árvore, deixa-se cair ao chão, para se arrastar e outra árvore; gastando mu-
tos dias no caminho, por mais curto que seja.

O ELEFANTE— é o maior quadrúpede conhecido. Tem dois enormes dentes, cuja substância é o marfim, e uma tromba, que lhe serve para apanhar a comida, chun-
pas as coisas líquidas, arrancar as árvores, pegar nos objectos mais pequenos, como um dedal, uma moeda ou uma agulha. Este animal tem os olhos vivos e pe-
quenos, ac abeça grandíssima, as orelhas largas e pen
dentes, o couro grosso e aspero, e como o rinoceronte e o hipopótamo, vive de hervas, frutas, e folhas. No estado selvagem é sociável, anda em bandos de 300 e 400, corre em defesa dos companheiros, e no estado doméstico é tão dócil que, sendo tratado com brandura, obedece ao menor aceno, e deixa-se montar e carregar, levando as costas grandes pezos, ou muitas pessoas.

O javali—é o porco no estado selvagem. Tem as orelhas direitas, o corpo mais refeito, a cabeça maior e as pezas, ou colmillos, mais compridos, que o porco doméstico. É feroz; alimenta-se de raízes e batatas, e faz muito dano aos campos cultivados.

A PÊGA

O porco—distingue-se pela golotoneria brutal, que chega a tal ponto, que muitas vezes devora os próprios filhos, no momento de nascerm. A asperosa das suas cordas, a dureza da pele, e a espessura do toucinho o tornam pouco sensível. O porco é um animal muito útil ao homem, porque a sua banha e toucinho servem para tempero da panella; as entranhas e o sangue, para a fabricação das salchichas, e com a sua carne saborosa fazem-se presuntos, linguíças, paíos, salchichões, e salame.

O rinoceronte—é um animal estupido e feroz, que tem um, ou dois cornos no nariz, conforme a especie
e, depois do elefante, é o maior quadrupede conhecido. Tem a voz grunhidora, como a do porco, e a sua pele forma pregas profundas e regulares, que o fazem parece armado de couroça. Quando luta com o elefante, procura metter-se-lhe por debaixo da barriga, visto ser mais pequeno, e estripal-o, porque de outro modo o elefante, o envolve na tromba, e o esmaga. O seu beço superior, que pode estender-se até seis ou oito polegadas, move-se em todos os sentidos, e com elle arranca as raízes e apanha a herba, como o elefante com a tromba.

O hipopotamo — é amíbio, estupido, feroz, o seu corpo muito mágico, quasi grosso como o do elefante, as pernas curtas, a pele espessa, e os dentes por tal modo ríos que ferem fogo, batendo uns nos outros. Vive nos grandes rios da África; é nadador e mergulha bem: nutre-se de vegetaes aquáticos, e ataca e esmaga todos os seres, que o inquietam. A substância dos dentes deste animal é mais dura, e menos alterável do que o marfim, e por este motivo é empregado no fabrico das dentes artificial.

O cavalo — é um belo e inteligente animal. Nas caçadas, nas corridas, galopa e vence grandes distancias. Em guerra, entusiasta-se com o resplendor e o estrepido das armas, embriaga-se com o fumo da pólvora, e, ao som do clarim, levanta as orélias, sacode as olhas, morde o freio, escarva o chão, espuma, relinchã, estremece, precipita-se de encontro ao inimigo, e decide a victória: na paz, modera o ardor marcial, e presta valiosos serviços ao homem, transportando pesadas cargas ou lavrando a terra. Dos cavalos de séla, é de guerra, os mais belos são os da Andaluzia, e os mais sofredores e próprios para as fadigas, são os da Aribia. Os árabes são o povo, que dão melhor apreço ao cavalo, e dizem que o seu propheta Mahomet conside
rava em primeiro lugar a mulher, e depois o cavalo, como as criaturas mais perfeitas do mundo.

O burro — é um animal humilde, sofredor e sobrio. Nos primeiros annos é alegre, e mesmo bonito; mas com a idade, e mãos tratamentos, perde as formas engraçadas; e torna-se indocil e teimoso. No Poitou, no Limousin, e outras partes da França, o burro pucha, o arado e lava a terra; na Borgonha os vinhateiros fazem-no puchar carroças e conduzir estacas e sarmentos; nos paizes montanosos, é um bom animal de sela, porque tem o pé firme, e nas grandes cidades serve de cavale-
a grandeza e cauda semelhantes às de burro, pele umas listas transversais, brancas e pretas.

O veado — ou corço da Europa, tem o pelo raso, cauda curta, as pernas altas e delgadas, uma fina no canto interno de cada olho, chamada lacrima, na cabeça, uma linda armação. Este lindo animal muito ligeiro na carreira, é e timido; mas torna-se furioso no tempo do cio. Na no Brasil variárias casas de veados, como o galheiro, o campeiro, o catango, e o veado do mato.

O rangeiro — é de umarrussado escuro, e tem os esgalhos da armação acabando em palmas achatadas. Na Laponia, país quasi sempre coberto de neve, ainda de não ha bois, carneiros e cavalos, o rangeiro é único animal que fornece aos pobres habitantes a carne, o leite, a lã, e a pele, que lhes serve para o vestuário, tendas, trenós, cordas e calçado. Além disso, pucha o trenó, ou carro sem rodas, que anda sobre a neve, fazendo num dia viagens de 30 leguas. O rangeiro é tão util para o Lapão, como o camelo para o arabe do deserto.

O carneiro — é o mais delicado e o mais fraco dos animaes domésticos. Todos os anos dá a lã; infelizmente desprezada em muitas partes do Brasil, havendo paizes, que produzem quantidades enormes, como a Australia que fornece anualmente ao commercio milhões de libras! Além da lã, que serve para a fabricação de baetas, casimiras, e outros tecidos, o carneiro dá os seguintes produtos: a carne, que, é muito estima pela sabor e quantidade; o sebo produto igualmente importante; o leite serve para o fabrico de queijos de grande nomeada, como os de Roquefort, Mont'd'Or; a pele que depois de surrada, é empregada na fabricação de sapatos, luvas, chapéus, pergaminhos e outros objectos; e o estrume, que é considerad
como um dos de primeira qualidade. Entre as diversas raças de carneiros, distinguem-se os meris de Hespanha, e os Dishleys ou Leicesters de Inglaterra. Os merinos são estimados pela sua lã fina, abundante, e macia, e os Dishleys pela abundância de carne, pesando cada um, termo médio, 400 libras de carne limpa!

O camelo—tem duas córcovas, o pescoço comprido, o cor de um pardo anegrado, figura extremamente disforme. Comendo hervas duras, arbustos espinhosos, e algumas tamaras, o camelo carrega o peso de 30 ar-

obas, e nos árvores ardentes da Arabia faz viagens de 6 a 20 leguas por dia, e até 40, sem parar, sendo por isso chamado pelos árabes o navio do deserto. Pode passar seis e oito dias sem beber, porque de uma só vez bebe uma grande quantidade d'água, que se conserva pura no estomago, e de contínuo lhe sobe à boca para a refrescar, e apagar-lhe a sede. Ao menor aceno de à voz do dono, o camelo curva-se e joelha-se para receber a carga on ser descarregado. Os árabes aproveitam-lhe a carne, o leite, o pelo comprido e macio, que serve para a fabricação dos vestidos, e até a bosta

O PARDAL

![Pássaro]

- [Image of a bird]
secada ao sol, que é empregada como lenha, para
sar e cosinar a comida.

O DRÔMEDARIO—é uma especie de camelo, que tem
uma só corcova mui povoada de cabelo, e demasiado
mente, levantada. Tem calos nos cotovelos das mãos
pes, sobre os quais dorme com tal arte, que de gran
de maravilha toca com o corpo na terra. Como o ca-
melo, é empregado no transporte das mercadorías,
seria impossível aos homens atravessar os desertos
da Arabia sem estes animaes.

O LLAMA—é natural das regiões montanhosas do Po-
rú. Tem ordinariamente quatro pes e meio de altura.
o pescoço comprido e coberto de lã, e as orelhas pe-
quenas e movedicas. Tolerá mais a sede que o cam-
elo, e carrega pesos, que nunca excedem a carga de um
jumento. A sua carne, quando é novo, é saborosa;
pele fornêce excelente couro, e a lã, ou o pelo, serve
para fabricação de ricos estofos.

A GIRAFÁ—habita o centro d'Africa, e é o mais alto
dos animaes quadrupedes, porque chega a ter 18 pes
de altura. O seu pescoço é muito elevado, e na cabeça
crecem-lhe uns pequeninos cornos, que estão sempre
revestidos de pelo. É animal muito manso: nutre-se
de folhas de arvores, e a sua pele é esbranquiçada
salpicada de malhas louras.

O BOI—tudo é util neste animal; a carne, o couro, os
chifres, o cabelo, as unhas, o sebo, os ossos, e o esterco.
O boi é excelente animal de trabalho, e no carre
no arado presta grandes serviços ao agricultor. Na
Inglaterra, o hoi Durham é o verdadeiro typo da raça
de engorda, havendo bois desta raça, engordados no
estábulo, que chegam a pesar mais de 70 arrobas Em
Ayr, na Escocia, e em Friburgo, na Suissa, existem
as melhores vacas leiteiras, havendo muitas que dão
80 quartilhos de leite por dia. O touro servê principal
nte para a propagação da espécie, e a natureza deste animal indocil e atrevido. No tempo do crepúsculo, muitas vezes furioso, não desampara as comheiras, fere o ar com mugidos prolongados, traz mortíferas pelejas com touros rivais, e as da peleja aguçam os chifres nas pedras, ou nos ramos das árvores. Mas, a castração tira-lhe as forças, amodora-lhe a impetuosidade, amortece-lhe os impulsos, amolda-o ao trabalho, e torna-o mais pesado, mais vagaroso, mais paciente, e mais dócil.

O BUFALO — é de um trigueiro anegrado, gosta muitos pantanos, e é mais forte, e de peior condicção, que o boi. Acha-se domesticado na Grécia e Italia, e fazem-no por um anel de ferro, passado através do septo das ventas.

O BIZONTE — ou bufalo d'America do Norte, vive em grandes manadas no estado selvagem, domestica-se acentuado, e sua carne é muito estimada. O bizonte tem uma corcova sobre as espadas, e toda a parte interior coberta de uma lã muito fina e comprida.

O ZEBÚ — ou boi gebo da India, tem sobre as espadas um lobinho, ou corcova de gordura. Na India há castas de zebús, que se distinguem pelo tambo. Uns se fazem notar pela grande estatura, e os não excedem em corpo a um carneiro grande.
O bezerro marinho—habita os mares do norte da Europa; nutre-se unicamente de mariscos de conchas e plantas marinhas, e é tão corpulento que chega a pezar 100 arrobas. Tem olhos grandes e vivos, e duas grandes presas, cujo marfim é mais duro, mais compacto, e, portanto, mais estimado que o do elefante. É sociável, anda em bandos, e nada com força e agilidade; mas em terra os seus movimentos são pesados e violentos. Com as presas arranca as plantas e mariscos e aferra-se nos rochedos quando quer dormir, e assim fica muitas vezes pendurado, quando a mare se retira. Além do excelente marfim, um bezerro marinho pode dar meia pipa, de azeite, e o seu couro serve para correões das carruagens.

A baleia—é um colosso, que chega a ter 100 pés de comprido, e uma largura proporcional. Habita os mares do norte, e como a phoca, e o bezerro marinho, parece e amamenta os filhos. Vive somente n'água e tem os olhos pequenos, que excedem pouco aos do boi, e dois orifícios por onde respira, e expulsa a água em forma de repuehos, que chegam a altura de 30 pés. Debaixo da pele tem um tocinho olioso, donde se extrai azeite, e por isso os navios baleeiros vão todos os anos à sua pesca. Mettidos n'uma lancha, os pescadores procuram a baleia, e ferem-na com um harpão, atado n'uma corda muito comprida. Logo que a baleia é ferida, mergulha, e leva consigo o harpão e a corda, e morre por fim esvaiada em sangue. Mas é tal a sua força que muitas vezes, puchando, com rapidez a corda, mette debaixo d'água a lancha e os pescadores, ou, com uma rabanada, arremessa tudo pelos ares.
passando um dia a cavalo por um sitio onde havia uma gente para assistir a um leilão, parei movido da posidade. Em quanto não chegava a hora aprasada, conversavam os circunstanciões sobre política, e mormente acerca dos pesados impostos que o povo estava pagando. Um deles, olhando para um respeitável ancião, decentemente vestido, que ali se achava, lhe dirigiu a seguinte pergunta: «E ving. Sr. Abraham, que dissa de tudo isso? Não concorda em que tão pesadas tribuições hão de por fim arruinar totalmente o

**O Roubínol**

Isso? Que havemos de fazer neste caso?» O ancião, mais de considerar algum tempo, respondeu: «Se querem conhecer o meu modo de pensar, eu o exposto em poucas palavras, porque a bom entendedor, a palavra basta.»

Vendo que todos se dispunham a onvile-o com atenção, falou no seguinte termos:

«Meus, caros amigos e concidadãos, não duvido que tributos sejam mais fortes; contudo, se não tivesse-nos que pagar se não aquelas que a lei nos impõe, talvezbramos facilmente satisfazê-los, mas temos outros...
ainda mais pesados, a saber: a nossa preguiça, que
nos sujeita ao dobro do imposto que pagamos ao es-
tado; o nosso orgulho ao tresdobro, a nossa extrava-
gância ao quadruplo.

Estas contribuições são de natureza tal, que não é
possível aos exactores fazer a mínima redução, nem
sentar-nos delas, todavia se quizermos seguir um
bom conselho, ainda poderíamos ter alguma esperan-
ça de melhorar a nossa sorte, por quanto, como re-
fero o bom homem Ricardo no seu almanak: Deus
disse ao homem trabalha, que eu te ajudei.

Se houvesse um governo que abrigasse o povo a
contribuir regularmente com a décima parte do seu
tempo para o serviço público, achar-se-ia por certo
mais dura semelhante condição, mas nós, pela maior
parte, somos confeccionados pela nossa preguiça de uma
maneira mais tárrea, pois se se calcular o tempo
que passamos n uma absoluta ociosidade; isto é, sem
fazermos coisa alguma, ou a dissiparmos os nossos
haveres, conhecer-se-ia que digo a verdade.

Quanto tempo não passamos entregue ao somno
a.celm do que é necessário? E porque acontece assim?
Porque nos esquecemos, sem dúvida, de que a raposa
da dormir não apunha galinhas; e de que teremos
tempo de sobejo para dormir, quando estivermos na
sepultura. Se o tempo é o mais precioso de todos os
bens, «desperdical-o, como diz o bom homem Ricar-
do, é a maior de todas as prodigalidades, visto que
o tempo perdido não recupera, e que quando julga-
mos ter tempo suficiente para fazer alguma cousa, e
quando elle nos vem a faltar».

Temos portanto coragem, e trabalhemos enquanto
puderemos. Com actividade faremos mais obra com me-
nos trabalho. «A preguiça, como também diz o bom
homem Ricardo, torna tudo difícil, quando o trabalho
tudo facilita. Aquele que se levanta tarde, agita-se o resto do dia, e vê chegar a noite, quando apenas dá começo a seu trabalho. A preguiça caminha tão lentamente que a pobreza não tarda alcançá-la. Deitar-se tarde, e erguer-se cedo, é o melhor meio de conservar a saúde, a fortuna e a inteligência.

Que significam as esperanças, e os votos que fazemos por tempos mais venturosos? Na nossa mão está tornar o tempo mais feliz, sabendo empregar-o convenientemente. "Quem trabalha, não deve ter ambições; pois aquelle que vive de esperanças, expõe-se a morrer de fome. Não há proveito sem trabalho. Um ofício equivale a um capital em terras. Uma profissão é um emprego que reune honra e proveito. Portanto, aquele que for laborioso não deve temer a miséria pois a fome detém-se à porta do homem inteligente, sem se ter ver a entrar-lhe em casa. A justiça tão pouco penetrará, por isso que o trabalho paga as dívidas, dando a ociosidade as augmenta."

Não é necessário achar tesouros, nem ser herdeiro de parentes abastados. "A actividade, como diz o bom homem Ricardo, é a mãe da prosperidade, e Deus ajuda a quem trabalha. Lavremos as nossas terras enquanto o preguiçoso dorme. Trabalhemos incessantemente desde pela manhã até a noite, visto que não sabemos..."
se no dia seguinte o poderemos fazer. Por isso diz com muita razão, o bom homem Ricardo: Vale mais ter um hoje do que dois amanhã. — Guarda o que comer e não guardes o que fazer.

Não nos envergonharemos, por ventura, se fosse mos criados de um bom amo que nos chamasse preguiçoso? Pois bem, suponhamos que somos o amo de nós mesmos, envergonhemos-nos de nos entregarmos a ociosidade, quando temos tanto que fazer em nosso beneficio, no da nossa família, e a bem da nossa patria.

Levantemo-nos ao romper do dia, para que quando o sol alumiar a terra não possa dizer: «Eis ali um preguiçoso, que ainda está a dormir.» Com vontade e perseverança fazem-se maravilhas:— Água mole e pedra dura, tanto dá até que fura. Com trabalho e persistência consome um ratinho cortar uma amarra.

Eu já parecendo avistar alguém perguntar-me: «Não será lícito ter alguns momentos de ocio?» Me responderei como o que diz o bom homem Ricardo: Empreguemos bem o nosso tempo, se quizermos ter direito ao descanso; e não pertamos uma hora, já que não podemos contar com um só minuto. As horas vagas podem até ser empregadas em alguma cousa útil.

Só ao homem diligente é dado gozar dessa especie de ocio, que o preguiçoso, ajo sabe destruir. Vida socegada, como diz o bom homem Ricardo, e vida envergada, são cousas muito diversas.

Julgamos, por ventura, que a preguiça proporciona maiores prazeres do que o trabalho? En- nam-se, pois, e como também diz o bom homem Ricardo: A preguiça causa cuidados, e o ocio sem necessidade, dá lugar a grandes dissabores. O trabalho pela contrário, traz consigo commodidades, abundancia considerações. Os prazeress correm avaroz d'aquelles que fogem d'elles A fiamdeira laboriosa nunca faltu no
para camisas. Mas, além do amor do trabalho, é necessário ter constância, resolução e cuidado. Con-
vém muito ver as nossas cousas com os próprios olhos, e não nos fiarmos demasiadamente nos outros. Como observa o mesmo bom homem Ricardo: Nun-
ca vi arvore alguma a cada instante transplantada, nem família continuamente em mudança prosperarem tanto como aquellas que são estaveis. Tres
mudanças equivalem a um incêndio. Conservemos a nossa loja, e
ella nos conservará: Quem quer vai, quem não quer manda, isto é, se quizermos que os nossos negocios te-
nham bom resultado, ocupemos-nos delles nós mesmos:
do contrario encarreguem disso a outrem. Para que
o lavrador prospere, deve elle proprio dirigir a char-

A ANDORINHA.

rua. O olho do dono engorda o cavallo. A falta de cui-
dado causa mais prejuízo do que a do saber. Não vi-
igar os operarios equivale a por a nossa bolsa á sua
disposição. A demasia da confiança nos homens é a
causa da ruina de muita gente, pois nas cousas deste
mundo, não é pela fé que temos nos outros que nos
salvamos muitas vezes, mas sim não tendo nenhuma

Se vmes. quizerem ter um servo fiel e seu amigo,
perguntar-lhe não o que devem fazer ? Servir-se a si
mesmos, responderei eu. O bom homem Ricardo
aconselha tambem a circumspeção e o maior cuida-
do até nas cousas de menor importância, porque,
como acontece frequentes vezes, um leve descuido
pode produzir um grande mal. A falta de um cavalo, diz ele, perde-se a ferradura; a falta da ferradura, perde-se o cavalo e à falta do cavalo, perde-se o próprio cavaleiro, porque o inimigo o alcança, aprisiona ou mata, e tudo por não ter feito caso de um cravo na ferradura do seu cavalo.

Não bastasse, meus caros amigos, o que fica acerca do trabalho e da atenção que devemos dar a tudo que nós dize respeito; é necessário também que sejamos econômicos, se quisermos tirar bom resultado do fruto do nosso trabalho. Se um homem não souber poupar a medida que vai tendo algum ganho, morrerá sem real depois de haver passado toda a sua vida em contínua fadiga. «Quanto mais gorda é a cozinha» diz o bom homem Ricardo, «mais magro é o testamento», e nós os brasileiros: «Boa meza mau testamento.»

Muitas fortunas se dissipam: apenas adquiridas, desde que as mulheres e os homens de humilde condição abandonem os seus mistérios para figurarem fazendo despesas, que as suas poses não comportam, «Se quisermos ser ricos, diz o bom homem Ricardo, «aprendamos não só como se ganha, mas também como se poupa.» Se as Índias não enriqueceram os espanhóis foi porque os seus gastos excederam aos seus lucros. Renunciemos pois a nossos louros desperdícios, e teremo menos razão de nos queixarmos do rigor dos tempos, do excesso dos impostos, e dos avultados gastos da nossa casa, «porque, como diz o bom homem Ricardo, «o vinho, a incontinência o jogo, e a ma vontade diminuem as fortunas, e multiplicam as necessidades. Custa mais a sustentar um vício do que educar dois filhos». Julgai-vms, talvez, que dar um chá a miúdo, ter um prato mais ao jantar, uma ou outra vez, mais algum luxo de vestir, e dar-se a divertimen-
As repetidas vezes, são coisas que não podem ter grandes consequências; mas lembrem-se do que disse o bom homem Ricardo: "De muitos poucos se faz um muito." Lembrem-se que bebendo-se uma garrafa de cerveja todos os dias gasta-se diariamente 100 reis, e por ano 18250. Com o produto desta, e de muitas outras despezas, miudas e superfluas, podemos comprar muitas coisas necessárias.

O BELA FLOR.

Evitemos pois as despezas miudas, por isso que basta um pequeno rombo para fazer ir um navio ao fundo. A mez lauta conduz muitas vezes à mendicidade. Os loucos dão os banquetes, e os sabios aproveitam-se delles.

Eis-nos aqui reunidos para um leilão de objectos curiosos e de valor, que vms. contam comprar por pouco
dinheiro pensando assim que isso é bom; com tudo, se se não acautelarem, será para alguns um verdadeiro mal, visto que se esses objectos lhes não forem realmente necessários, serão sempre demasiado caros, por muito barato que os compram. Não percamos pois de vista estas maximas do bom homem Ricardo: «Aquele que comprar o superfluo, não tardará a vender o que lhe fôr mais necessário. As compras baratas tem causado a ruina de muita gente. É loucura empregar o seu dinheiro para comprar um arrependimento.»

Todavia, é o que infelizmente todos os dias está acontecendo aquelas que ignoram estas maximas.

«O homem prudente», diz também o bom homem Ricardo, «aprende na desgraça d’outrem; o insensato raras vezes aprende na sua própria desgraça.» Ha tal que para brilhar na sociedade, priva a barriga do necessário alimento, e reduz a família a passar quasi sem pão. «As sedas, os setins e os veludos», como diz o bom homem Ricardo, «tiram muitas vezes o calor à cozinha.» Por causa das suas estravagancias, tem muitas pessoas de alta categoria ficado reduzidas à pobreza, e na dependência daquelas a quem dantes desprezavam: mas que souberam melhor governar-se pelo seu trabalho e economia. Isto prova, segundo diz o bom homem Ricardo: «Que um aldeão em pé, é mais alto que um fidalgo de joelhos. Talvez que aquelas que mais se queixam tenham herdado de uma boa fortuna; mas sem conhecerem os meios pelos quais foi adquirida disseram consigo mesmo: «Agora é dia e nunca será noite. Tão pequena despeza n’uma fortuna como a minha, nenhum desfalque lhe poderá causar.» Mas em verdade, «as crianças e os loucos» como muito bem diz o bom homem Ricardo, «imaginam que vinte peças e vinte annos nunca se acabam. Donde se
ura e não se põe. Falta fazer. Quando o poço está seco, é que se conhece o valor da água.

Querem saber, meus amigos quanto vale o dinheiro? Peçam-no emprestado. Aquelle que pretender contrair um empréstimo, deve contar com tormento. Outro tanto succederá aquelas que confiam dinheiro a certa qualidade de gente, quando tem de lhe pedir o que lhes devem. Agora, porém, não é disso que tratamos.

Quanto ao que eu há pouco lhes disse, observa o bom homem Ricardo: «A mania de figurar é uma extravagância funesta. Antes de consultarmos a nossa fantasia, consultemos a nossa bolsa. A validade é um

mendigo que fala tão alto como a necessidade, mas é ainda mais insaciável.» Quem compra uma cousa de gosto, precisa logo de mais de dez, pelo menos para conduzirem umas com as outras, ou para completar o sortimento. Por isso muito bem diz o bom homem Ricardo: «É mais fácil reprimir a primeira fantasia, do que satisfazer a todas as outras que lhe seguem.»

Ha tanta loucura pois no pobre em querer arremedar o rico, como na ra em inchá-lo para se tornar tão grande como o bôi. Os navios de alto bordo podem aventurar-se, fazendo-se ao mar, mas as embarcações de pequeno lote jamais devem perder a terra de vis-

O PICA PEIXE PEQUENO.
ta. Similares loucuras não ficam impunes por muito tempo, porque, como diz o bom homem Ricardo: «O vaidoso almoça com abundância, janta com a pobreza e ceia com a vergonha.»

E com efeito, que fruto se tira dessa ostentação, dessa vaidade a que tudo se sacrifica? Sem aumentar o mérito pessoal, excita a inveja e apressa a ruína das nossas fortunas. Que loucura não comete aquele que se enche de dividas para ocorrer a tais superfícieades.

Como neste leilão, meus amigos, se vende a praso de seis meses, foi talvez este engodo que levou alguns que aqui se acham a concorrer à elle, por isso que, não tendo dinheiro disponível, acham a facilidade de satisfazer a sua fantasia sem imediato desembolço. Mas, ah! sabem bem o que fazem quando compram fiado, ou contratem alguma divida? Desde logo ficam na dependência do creador, concertando-lhe direitos sobre os seus bens e a sua pessoa. Não pagando no prazo ajustado procurar-se-á evitar a presença do creador, e não se lhe falar senão com pejo e com certo receio; degradando-se o devedor até a pedir-lhe mil vergonhosas desculpas. Pouco a pouco perde a sua franqueza e finalmente deshonria-se com mentiras as mais evidentes e desprezíveis, pois, segundo diz o bom homem Ricardo: «O primeiro erro é contrair dividas; o segundo, mentir. Aquilo que tem por costume endividar-se, anda sempre com a mentira a garupa.»

Quando se compra a praso, pode acontecer que o comprador não tenha na lembrança o dia do pagamento «mas advirta-se que os creadores,» como diz o bom homem Ricardo, «tem melhore memória que os devedores e formam uma espécie de seta supersticiosa, que observa, com o maior escrúpulo, todas as épocas do calendario. O dia do pagamento chega quando menos nélle se pensa, e o creador vem exigir o embolço da
quantia que emprestou, sem que o devor tenha dado as necessárias providências. Se, pelo contrário, o devor trata de satisfazer a sua divida, o praso que a princípio lhe parecia tão longo, parecer-lhe-hadema, siadamente curto, a medida que se for aproximando.

«A Quaresma é muito breve», como diz o bom homem Ricardo, «para aquelle que tem de pagar pela Pascoa». Conservemos pois a nossa liberdade e a nossa independência. Sejamos laboriosos e livres; sejamos económicos e independentes. Talvez julguem algumas pessoas, que me estão ouvindo, acharem-se n’un es-

tado de tal opulencia, que lhes permitte setisfazer ás suas fantasias; mas é preciso poupar afim de estar prevenido, não só para o tempo da velhice, mas tam-
bem para qualquer adversidade que possa sobrevir.

«O sol da manhã não dura todo o dia. O ganho é incer-
to e eventual, mas a despeza é certa durante toda a vida. E mais fácil construir duas chaminés do que conservar uma só com fume», como diz o bom homem Ricardo; «assim antes ir para a cama sem ceiar, do que acordar com dívidas. Adquirir quanto se poder,
e poupar o mais que possível fôr, eis o verdadeiro segredo para ter dinheiro.»

Quando possuir-mos essa pedra philosophal, não teremos motivo para queixar-nos das vicissitudes dos tempos, nem da dificuldade de pagar os impostos. Com quanto, meus amigos, esta doutrina seja conforme à razão e à sabedoria, não confiemos unicamente no trabalho e na nossa prudência e economia. Tudo isto será inútil sem a benção do Céu. Imploremo-a pois humildemente; não sejamos insensíveis às desgraças do nosso próximo, e de-mos-lhe consolação e socorro.

Não nos esqueçamos de que Job foi pobrissimo, e que depois veio a ser mui venturoso.

Nada mais direi sobre o assunto pois «a experiência é uma escola, onde os lições custam caro: mas é a única em que os insensatos podem aprender, se bem que pouco proveito taram della. Lembreom-nos», como diz o bom homem Ricardo, «de que aquelle que não admite conselhos, não considere que, ainda quando não ouvir a razão, ella, mais tarde ou mais cedo, se fará ouvir.»

Assim acabou o velho «Abrahaem» o seu discurso.

Os circunstantes ouviram-no com atenção e até pareciam approvar as suas maximas; com tudo não deixaram de praticar imediatamente o contrario, pois apenas começaram o leilão, cada qual fez compras das mais extravagantes, apezar das saudáveis advertencias do velho «Abraham» e do receio que todos tinham de não poderem pagar os impostos. Quanto a mim, conheci que aquelle ancião havia estudado cuidadosamente as obras de «Benjamim Franklin», e tirado vantagem de quanto aquelle apostolo da humanidade havia dito pelo espaço de vinte e cinco annos, sob o que a necessidade do «trabalho e da economia» Resolvi aproveitar-me tam-bem de que lhe ouvira, para me emendar; e não ob-
stante ter-me demorado à porta do leilão com fim de comprar panno para uma casaca, entendi que era mais conveniente aos meus interesses ir-me remediando com a que tinha.

Leitor, se te for possível fazer o mesmo, ganharás tanto como eu.

RICARDO SAUNDERS.

AS AVES.

As aves são animais «oviparos», porque nascem do ovo, e são particularmente organizadas para voar, por que tem o pescoço muito comprido e flexível; a cabeça pequena e pontuda, para melhor fender o ar; e as azas e penas da cauda, que servem para se mover, dirigir e sustentar no vôo.

Os costumes das aves são dignos de atenção, e na sua existência há fenómenos curiosos, como as «emigrações», ou viagens: a «muda», ou renovação das penas; e a «nidificação», ou construção dos ninhos
Certas aves, ora sos, ora em bandos, fazem viagens annuaes, em época certa, obrigadas pelo rigor do frio, ou pela seca. As «andorinhas» começam a emigrar, quando o frio mata moscas e insetos, que lhes servem de comida: «o cisne», o «ganço», e outros palmipedes, que vivem de moluscos, peixes, e herbas, deixam os países do norte da Europa, quando os frios do inverno gelam as aguas e cobrem a terra de neve, o «grou», a «cegonha», e outras aves ribeirinhas, que se alimentam de vermes ou reptis, nos terrenos humidos, emigram quando cessam as chuvas, e a mesma causa obriga as pombas dos nossos sertões a emigrar, em bandos numerosíssimos, e procurar sequiosas a agua que lhes falta.

Uma vez por anno, durante a primavera, ou antes da postura, as penas das aves caem e são substituídas por outras. A isto chama-se «muda», e nessa occasião as aves padecem e ficam apáticas triste e silenciosas, comendo pouco, e vivendo escondidas e immoveis. A muda raras vezes,exece o espaço de um mez, e quando as aves adquirem novas penas, então recuperam o vigor e vivacidade.

Na fabricação dos ninhos e que particularmente se admira a sagacidade, a inteligência, a constancia, e paciencia, que Deus concedeu às aves, inconstantes por natureza. Algumas fabricam o ninho de um modo grosseiro, no alto dos recheados, como a aguia; outras fazem uma cova na areia, e com ella cobrem os ovos; que devem ser chocados pelo sol, como o abstruz, outras levantam nos pantanos uma pyramidê de lodo, sobre a qual chocam os ovos, abrindo as compridas pernas, e ponho-se a cavallo, como o flaminho; ou fazem o ninho no chão, como a perdiz; ou nas velhas torres, como o grou, a cegonha e a coruja; ou nos telhados, como o pardal, ou nas cornijas das casas, como a andorinha; ou nos
buracos das paredes, como o pombo; ou nas plantas dos lagos, como a jaçanã; ou no alto das árvores, como a pega; ou nos buracos dos troncos, como o tucano e o papagaio; ou dependurados nos ramos, como o japu; ou nos pequenos arbustos, como o beija-flor.

As aves são divididas em seis ordens, a saber: aves de rapina; passaros; aves trepadoras; aves galinaceas; aves pernaltas; e aves nadadoras, ou palmipedes.

As aves de rapina alimentam-se de carne, tem o bico recurvado, pés curtos, dedos armados de unhas mui

fortes, e seguram a preza com as garras de um pé, e a devoram sustidas nas do outro, como o abutre, o condor, o falcão, a aguia, o mocho etc.

“Os passaros” tem tres dedos para diante, e um só para traz, como o corvo, a pega, a ave do paraízo, o beija-flor, o pica-peixe pequeno, a poupa etc.
«As aves trepadoras» têm nos pés dous dedos padiante, e dous para traz, e trepam de vagar pelos troncos em busca de insectos, como o picapau, ou em busca de fructos, como o tucano e o papagaio.

«As galinaceas», ou aves pesadas, voam pouco, vivem principalmente de grãos, como o pombo, a perdiz, a cordoniz, o pavão, o faisão, o galo a galinha d'Angola, o peru etc.

«As aves pernaltas» tem as pernas altas e nuas. Umas, que são ribeirinhas, entram n'água e nos pantanos, para pescar, embora não nadem, como a garça, o guará, colhereira, o grou, a cegangha, ou o jaburu, e outras habitam os terrenos secos, ou arenosos, e comem hervas e grãos, como o abruz e o caspa;

Finalmente, «as aves nadadoras», ou palmipèdes, tem os dedos dos pés reunidos por membranas, e passam a vida sobre as águas, como o cisne, o gaúcho, o pelican, o pato, e a marreca.

—O abutre tem uma parte do pescoço despojada de penas, e vive de carnes corruptas, e as mais infecladas. No Egyto, e em outros países quentes, é muito estimado, porque devora os cadáveres, e purifica a atmosfera. Habita nas rochas escarpadas, e voa tão alto, que perde-se de vista. Além do urubu, há no Brazil uma especie da abutre, chamado «urubú-rei»; que destroem muitos reptis, e tem o pescoço nu, o papo pelado, as palpebras vermelhas, o iris alvissimo e uma grande caruncula vermeitha e azul na base do bico.

—O condor é uma especie de abutre, que vive nos Andes, e é celebre pela sua enorme grandeza, tendo segundo dizem 15 a 18 pés de uma ponta da aza a outra. Levanta nas garras facilmente os carneiros, e ataca até os veados e bois.

—O falcão é um pouco maior que uma galinha e tem os pés amarelllos e verdes. Tem os dedos nus ar
adaptos de unhas mui curvadas, e a cabeça coberta de penas, e os olhos grandes. O falcão é um terço menor do que a fêmea, e é empregado na caça da alienaria ou volatiria, por causa do seu animo, força, docilidade, e rapidez de voo.

— A aguia tem as asas muito compridas, e os tarsos grossos, curtos, e emplumados até os dedos. A aguia tem sido celebre em todos os tempos, e foi chamada a «rainha das aves» pelo seu valor e poder do seu voo. Recolhe-se nas mais altas montanhas, vive aos pares, e ataca os passaros, a lebre, a raposa, e o carneiro.

O TUCANO.

— O macho é uma ave de rapina e nocturna, que tem o bico recurvado, a cabeça grande, e uma fisionomia singular, porque são os seus olhos redondos esbulhados, e bordados de um circulo de penas rias e finas. Os seus pés são cobertos de penugens, inclusive os dedos, e a luz do dia fere-lhe por tal modo os olhos, que fica imóvel, fazendo gestos e trejeitos ridículos. Esta ave tem as asas curtas, o voo fraco, e as penas tão macias, que não fazem estrepido, quan-
do vôo. Abriga-se nas árvores, apodera-se dos ninhos alheios, e o seu clamor é triste.
—O corvo é do tamanho de um galo, e a sua plumagem é negra e lustrosa, e uniforme, com furtacões verde e violeta. Umas vezes reune-se em bandos, e vai de muito longe pelo cheiro buscar os animais corruptos, e outras vezes procura nas plantas húmidas o verme que desenterra, ou grão semeado. É passaro desconfiado e sagaz, porém apesar disso deixa-se domesticar e aprende a falar.
—A pega é de uma bela cor preta, com furtacões azul e vermelha nas asas e cauda. Tem uma mancha branca sobre as asas, o peito branco, e o rabo comprido e puntudo, Vive aos pares, sobre as árvores, acometendo os pimentos e pergaminhos, e devora muito grão. A sua tagarelice é proverbial, assim como o instinto de furtar e esconder os objectos que encontra.
—A ave do paraizo habita nas Molucas, e vive de especiarias. É de um luxuro castanho, e tem as penas amarelas na parte superior da cabeça, e verdes douradas na garganta. As penas das ilhargas são delgadas, e duas vezes mais compridas, do que todo o corpo. Tem a cauda curva e saem-lhe da rabadinha duas asteas, que excedem ainda muito em comprimento as penas das ilhargas. Pensou-se muito tempo que este admirável passaro não tinha pés, a vozava sempre.
—O pardal tem as asas variadas de preto e pardo, tendo os machos a garganta preta. É parasita, e em grandes bandos come o trigo e o milho nos campos, e nas eiras. Faz o ninho nas árvores e telhados, reproduz de um modo espantoso, e na Europa tem o povo julgado este passaro daninho à agricultura. Mas a ciência prova que é mais útil do que prejudicial, porque devora diariamente milhares de lagartas e insectos nocivos às plantas.
O canário é natural das Canárias, e tem-se domesticado a tal ponto, que faz o ninho nas gaiolas, e cria os filhinhos. Depois do rouxinol, o canário é o passaro que melhor canta, sendo o seu canto sonoro, harmonioso, e valente. Com facilidade, aprende arias, e a sua cor varia segundo os indivíduos, sendo umas vezes de um amarelo palido uniforme, e outras vezes, ombreado de verde.

O rouxinol, ou rei dos passaros cantores, é um passarinho pardo, arruivado por cima, e esbranquiçado por baixo. Acoita-se nas árvores; alimenta-se de insetos; não canta enquanto os filhinhos não têm saído dos ninhos; e na Europa, durante as sere

A PÉRDIZ.

nas noites de estio, desprende na solidão as suas deliciosas harmonias. Quando se dispõe a cantar, começa por um prelúdio timido, abafado, e quasi indeciso; porém depois anima-se aos poucos, entusiasmase-se, e desenvolve plenamente os recursos do seu canto incomparável, não havendo passaro que o possa imitar na brandura, ou energia dos gorgelos, ora mais e variados, ora prolongados, rápidos, e brilhantes.

A carraca é o mais pequeno passaro da Europa. E ruiça, tem a cauda curta sempre alevantada, corre pela terra, e acouita-se em pequenos buracos.
— A andorinha é um passaro cujo vôo é o mais rápido, extenso, e fácil, e calcula-se que n'uma hora vence o espaço de 40 leguas! Ha diversas espécies como a andorinha dos chaminés, que faz o ninho nesses lugares: a andorinha da china, que nidifica nas cavernas dos rochedos, à beira do mar. A andorinha ordinária vive de insectos, que apanha voando, e tem a cor preta com reflexos brilhantes, a cabeça chata, o bico pequeno, os pés curtos; e as azas tão compridas que excedem muito a cauda.

— O beija-flor, ou chupa mel, tem o bico mui delgado, e a sua língua, na forma de tubo, é susceptível de grande alongamento, e lhe serve para chupar o mel das flores, e apanhar os imperceptíveis insectos, que nelas se abrigam. É admirável, não só por ser a mais pequena ave que se conhece, como pelas variadas cores da sua plumagem, que refletem como as pedras preciosas e os mais polidos metais. Inviste impetuoso as flores, dando um pequeno grito, rapido e agudo, e move as azas tão ligeiramente, que parece estar suspenso e parado no ar. Alguns beija-flores mostram na garganta a mais bela cor do topacio, mudando para verde dourado, e outros apresentam na parte superior da cabeça, e na garganta, as cores do rubi e do topacio, ou a cor do ouro derretido no cachorro fugindo umas vezes para verde, e outras para azul. O beija-flor fabrica admiravelmente o seu ninho, que tem de altura e largura uma pôlegada, e a fêmea põe n'elle dois ovos, que são cada um do tamanho de uma semente de guandu. Muitas vezes, porém, o ninho delicado vem a ser a preza das grandes aranhas.

— O pica peixe pequeno, ou martinet, da Europa é um lindo passaro, que tem os pés muito curtos, e o bico muito comprido e pontudo. A plumagem, na parte superior do corpo, é azul, declinando para esverdeado.
O seu peito é verde-azulado, e, na parte inferior, predomina um ruivo vivo. A sua garganta é esbranquiçada, tendo uma fita ruiva em cada lado do pescoço, e uma grande e frondosa lista azul celeste ao longe das costas. Vive a pesca, e pousa-se nas árvores, ou nas pedras, à beira dos rios, afim de se precipitar nos pequenos peixes, que se aproximam à superfície da água.

A pôupa é também um passaro da Europa, que em o bico delgado e arqueado, a plumagem ruiva, e as asas negras atravessadas por listas brancas. Apresenta uma longa pôupa na cabeça, formada de penas compridas e ruivas, terminando em preto, e dispostas em uma fileira dobrada as quais este passaro alevanta a sua vontade. A pôupa vive de insectos, e é muito admirada, porque frequenta os estercos.

O picapau, tem os pés curtos e fortes, e o bico direito, delgado, comprido e agudo. Trepa nas árvores, agarrado à casca, para descobrir e comer os vermes, que nella se escondem, e neste exercício é favorecido não só pela forma de seus pés, como também pela cauda, que lhe serve de escora por ser composta de penas muito rígas.
— O tucano é o passaro que tem maior bico. É negro em todo o corpo, à exceção do peito, cujas penas brilhantes são vermelhas e amarelas. O tucano doméstico se faz facilmente e nutre-se de frutos. Gira muito, voo em bandos, e acouta-se nos buracos das árvores, onde faz o ninho.

— O pombo, no estado selvagem, vive nos bosques e acouta-se sobre as árvores. No estado doméstico, sai livremente a buscar sua vida nas campos e a femea faz uma postura de dois ovos quasi todos os meses. A cor dos pombos é muito variada: uns tem a cor aluz de ardozio, ou cinzenta escure, com o peito arruivado, e o pescoco furtacores; outros, completamente branco.

— A perdiz da Europa, é do tamanho de um pombo anda aos pares, faz o ninho no chão, e vive nas planícies e campos cultivados, ou nas montanhas que produzem urze e tojo. Há duas espécies: a perdiz acinzentada, que tem o ventre cinzento, e as ilhargas malhadas de ruivo, distinguindo-se o macho por uma malha no peito cor de castanha, em forma de ferradura, e a perdiz arruivada, que tem o bico e pés vermelhos. Há no Brasil diversas espécies de perdiz, como a sabelé, a mandu, e a pecuapa.


— O pavão, originário das Índias, é a mais formosa das aves. A sua cabeça e o pescoco são de um azul de safira carregado, forta cor verde e violeta, e nas penas do martinet apresenta o mais brilhante verde dou
O PAVÃO.

---

O PAVÃO, tem a plumagem variada de pardo, verde escuro, e ouro dourado, com o pescoço, e poupa verdes. Tem a cauda alongada em ponta, cujas penas intermediárias cobrem as outras a maneira de telhado. Esta linda ave se cria por toda a Europa, nos parques, para isso destinados, não só como ornato, mas também porque a sua carne é excelente.
—O gallo tem na cabeça uma crista carnosa, e barbilhões da mesma natureza, que estão pendentes abaixo do bico. As suas penas lustrosas, com reflexos metálicos, formam sobre a sua cauda um arco majestoso. Revolve a terra para achar o grão, ou bichinhos e cada vez, que bebe, levanta a cabeça para engolir a água. E' extremoso pelas suas galinhas, e, quando acha a comida, chama-as, e parece que não sente prazer em comer, senão quando ac reúne em roda de si. Não consente a presença de outros galos, e quando algum aparece, corre furioso, e peleja até que morra, ou obrigue o rival a ceder o campo. Neste último caso, bate as azas com estrepito, e canta a vitória.

—A galinha d'Angola apresenta barbilhões carnosos nos dois lados da base do bico, e uma eminência no alto da cabeça. Esta ave tem a cauda curva e igual e a plumagem de um cinzento azulado, salpicada de pintas brancas.

—O peru, a maior e a melhor das aves domesticas, tem a cabeça calva, semeadas de papilas e barbilhões carnosos, pendentes do pescoço. Sobre a cabeça apresenta um apêndice cônico, membranoso, e mole, o qual o macho estende muito abaixo do bico, e o encolhe à sua vontade. Segundo as afecções do peru, esta pele muda instantaneamente de cor branca para azul, e para vermelha cor de sangue. No seu peito se ata um pincel de cerdas bastante compridas, e com as penas do uripigio, que são tão compridas, e ríjas, como as da cauda, o peru forma o leque, ou roda, como o pavão. Gorgoreja ao menor barulho, e, quando faz a roda, entona-se e arrasta a aza. O peru é o emblema do tolice orgulhosa.

—O abestruz é a maior das aves, e habita nas regiões quentes e arenosas da África. Tem 8 e 10 pés de altura, o pescoço delgado e comprido, a cabeça
muito pequena, e as azas tão curtas, que lhe não servem para voar, mas somente para auxiliar a sua carreira, que é mais rápida que a dos melhores cavalos. As suas pernas são muito altas e muito fortes, e tem só dous dedos nos pés, dirigidos para diante. A sua plumagem é parda; malhada de branco, e as penas da cauda são mui formosas, largas flexíveis, finas, e macias; e por isso empregadas nos chapeós, e outros ornamentos das senhoras. O abestruz é excessivamente estupido, e indistinctamente, e com facilidade engole tudo quanto se lhe apresenta, como seixos, vidros ou pedaços de metal. Não choca os seus ovos, mas
cobre-os ligeiramente com areia, e se põem de guarda a elles, até que o calor do sol os faz brotar. Os arabes fazem ao abestruz uma viva guerra, não só para lhe arrancar as delicadas penas, como para lhe comer a carne.

—O casoar, ou ema d'Azia, iguala quasi ao abestruz na grossura, porém não é tão alto. A sua cabeça e uma parte do pescoço são calvas e coloridas de vermelho azul, e tem na cabeça um casco ósseo, cônico, e de cor parda. As suas penas tem barbas tão curtas, que se assemelham a pelo, ou crinas. É voraz como
o abestruz, corre com a mesma velocidade, e faz o ninho do mesmo modo. Serve-se do bico para defender-se, e dá com as penas e pontas das asas tão fortes pan-
cadas, que lança por terra um homem, e o põe em perigo.

—A garça da Europa é toda branca, e tem na ca-
beça uma poupa da mesma cor. Devora muito peixe, e reúne-se em bandos numerosos para fazer o ninho que fabrica nos mais altos ramos das árvores, ou no
chão, entre plantas aquáticas, pondo, três ou quatro
ovos de uma bela cor verde mar. As penas da sua
poupa são muito procuradas, para ornar os toucados
das senhoras; e os penachos dos chapéus armados dos
generaes. A garça, como todas as aves ribeirinhas,
passa horas esquecidas, firmada n um só pé. Nesta
posição permanece imóvel, como esquecida, e volta
somente a cabeça, estende o pescoço e o bico, para
apanhar algum peixe, que apareça.

—A cegonha é uma grande ave branca, tendo as
pennas das asas pretas, e o bico e os pés vermelhos.
Não foge do homem, e busca de preferência os telha-
dos e campanários. Destroem serpentes, e outros reptis,
e por esta causa é muito venerada pelos povos. Ausen-
ta-se dos países frios, quando se aproxima o inverno,
e emigra para os países quentes, onde visita o ninho,
quê deixou no anno anterior, para fazer as reparações
necessárias ou construir um novo; se o achou des-
truído. As cegonhas, quando chega o tempo da emi-
gração, fazem preparativos estrondosos, e de algum
modo solemnes. Ajuntam-se em bandos, exercitam-se,
executam evoluções, e partem, elevando-se tão alto
nos ares, que perdem-se de vista. Durante os prepara-
tivos da partida, ouvem-se contínuas grasnadas e estalos
com o bico; porém, dado o sinal, e começada a via-
gem, reina em todo bando profundo silêncio.
O grou é cinzento, e tem o alto da cabeça calvo, a garganta preta, e grandes penas encrespadas no urripigio. O grou é do tamanho do jaburu, e como o grão dos campos lavrados, preferindo os insectos produzidos nos lugares pantanosos. Habita os países do norte da Europa, e todos os anos emigra em bandos innumeráveis, e bem ordenados. Na sua emigração, os grous voam alto como as cegonhas, e formam um vasto triângulo, cuja ponta é sempre ocupada por um que dirige a marcha. Como nesta posição, tendendo o ar, fica muito cançado, é logo substituído por novo guia, e este por outro, e assim successivamente até o fim da viagem.

O cisne acouta-se no estado selvagem, nos países frios da Europa, e nutre-se de peixes e vegetais. É muito elevado e rápido o seu vôo, devido à força das suas azas, que ao mesmo tempo lhe servem de arma defensiva, para instigar os seus inimigos. Dizem que tal é a força das azas, que, dando com ellas uma
Pancada vigorosa, pode lançar um homem por terra. No estado doméstico, o cisne embelhesá os tanques e os canais, fendendo ligeira e graciosaamente a superfície das águas. A elegância da forma, a serenidade dos movimentos, e a alvura da plumagem, constituem esta ave o emblema da belleza e da inocência. Os antigos gregos, arrebatados pela imaginação poética, julgavam erradamente que o cisne, apresentando a morte, despedia-se da vida, abrindo as azas, e desprendendo um bello e movioso canto.

—O ganso é menor do que o cisne, sustenta-se de hervas e grãos, e tem a plumagem alva e cinzenta. No estado selvagem emigra em bandos numerosos, faz o ninho nos brejos, e a fêmea põe até 14 ovos, que são de uma cor verde escura. No estado doméstico é muito útil ao homem, que lhe aproveita as penas para escrever; a pennugem, para colchões; o figado, para deliciosos pasteis; e a carne que se come fresca ou salgada. Na Alemanha são os gansos criados em grandes rebanhos, e todos os dias guiados por um pastor, vão de manhã ao campo comer a herva, e recolhem-se à tarde, reunindo-se na saída, e na volta ao som de uma corneta.

—O pelicano é maior do que o cisne, alimenta-se de peixe, frequenta o mar e as águas doces, e tem a plumagem branca, o vôo muito extenso, e a cabeça e o pescoço nus. É comprido o seu bico, e acobertado por cima, com um saco pendente por baixo da garganta, que lhe serve para guardar o peixe. Este saco, segundo alguns autores, tem capacidade para conter até 30 libras de peixe, e, quando está cheio, vai o pelicano pousar-se n'uma árvore, e digerir tranquilamente a comida. Os pelicanos, quando são poucos, pegam o peixe, voando ao nível da superfície do mar; porém, quando são muitos, coloçam-se em
linha, nadam em ordem, e formam um grande círculo, que pouco a pouco vão diminuindo, para lhes não esca-
par o peixe, que por este modo agarram. Os antigos
symbolisavam no pelicano o amor paternal, porque
erroneamente julgavam que esta ave, no caso de fal-
tar a comida, sacrificava-se pelos filhos, rasgando com
o bico o próprio seio, para lhes dar de comer.

O PROFESSOR PRIMARIO.

É santa a profissão do professor primário, e mui
grave a sua responsabilidade. Os meninos lhe são
confiados n'uma tenra idade, em que a alma recebe

impressões profundas, que irrevogavelmente decidirão
dos destinos de toda a sua vida. O professor tem
pois a obrigação de infundir nos meninos ideias ver-
dadeiras, sentimentos puros e nobres, e habitos vir-
tuosos. Seria agradável a sua tarefa, se tivesse de
ensinar somente a meninos doces e bem educados;
mas é bem difícil, bem penosa uma tal tarefa, quando
pensamos nas máx inclinações da nossa natureza, e
nos vimos muitas vezes enraizados, que o professor
tem de extirpar. É uma vigilância, uma luta sem descaço que o professor aceita desde o dia em que se obriga a ensinar, e a substituir as vezes dos pais. Desde que se incumbe de tão-solene missão, é preciso desempenhar-a cabalmente, e corresponder inteiramente à confiança que, nela, depõs a sociedade e a família, e que por elle foi solicitada. Que se veras contas não dará o professor, se entrega à sociedade meninos ignorantes e corrompidos, quando se obrigou a entregá-los instruídos e moralizados, se deixou enraizar disposições perversas, que devia atalhar; se deixou perder as boas disposições, que devia desenvolver. Não poderá desculpar-se com a sua fraqueza ou incapacidade, porque devia ter consultado a sua vocação, e medido seriamente as suas forças, antes de por mãos a obra.

Nenhum homem deve abraçar uma tal carreira, sem que tenha conhecido em si verdadeira vocação. Grandes são os deveres, muitas são as dificuldades, e o ensino da mocidade é um sagrado sacrifício, que não tem por fim a especulação ou a riqueza. A este respeito Mr. Guizot, uma das grandes inteligências do século, dirigiu em 1833, quando foi ministro da instrução pública em França, uma circular aos professores primários, na qual estão consignadas estas belas e memoráveis palavras: «Os recursos do estado nunca poderão tornar tão agradável, como é útil, a simples sorte do professor primário. Nunca a sociedade poderá pagar os serviços que recebe do professor primário, que por ella trabalha exclusivamente. Na sua posição, o professor não pode grangear riquezas, e a glória, que pode alcançar, consistirá somente no cumprimento de suas difíceis obrigações. Destinado a ver passar a vida n’um trabalho monotono, a sofrer algumas vezes a injustiça, ou a ingratião da ignorância, o professor se entres-
teceria, ou talvez sucumbiria, se não buscasse a coragem e a fé n’uma região diversa do interesse imediato e puramente pessoal. É preciso que um sentimento profundo da importância moral dos seus trabalhos o anime e fortaleça, e que o austério prazer de ter servido os homens, e contribuido para o bem púlpico, seja o digno salario, que lhe dá a consciência. Consiste a sua glória em contentar-se com a sua obscura e laboriosa condição, em trabalhar e sacrificar-se pelos homens, e esperar só em Deus a justa recompensa.

Consagrando-se à instrução dos outros, o professor deve ter uma instrução solida, saber o que pretende ensinar, porque ensiná-se mal o que se não sabe perfeitamente. Mandatário dos pais, a quem substitue nas funções mais importantes, incumbido de formar homens virtuosos, o professor primario deve cercar-se de uma boa reputação, e dos bons exemplos. O professor primario, diz Mr. de Gerando, não só deve ter uma vida pura e sem mancha, como também não se expor a menor suspeita relativamente aos costumes. O homem, cujo coração está contaminado pelo

---

**A GALINHA D’ANGOLA**
vicio, fuja de aproximar-se da infância. O seu con-
tacto levaria a peste ao coração dos meninos. A in-
ocência dos meninos é um santuário, cuja guarda
foi confiada ao professor, o qual, aceitando-a recebe
uma especie de consagração. E na verdade existe
alguma cousa de sagrado no bello ministerio que o
professor adopta. Nisto não há transacção possível; a
regra é absoluta. Não há para o mestre esperança
alguma de ser respeitado, se converte-se em escravo
dos sentidos, se entrega-se à intemperança. Não há
mais consideração possível para quem se degrada.
Persuadido que deve, não só evitar as censuras, como
as suspeitas, o professor fugirá dos excessos vergo-
nhosos, que aviltam qualquer homem, e dos lugares
que ordinariamente são o teatro desses excessos.
Que os pais e os discípulos nunca vejam aquelle em
quem depositam plena confiança, nos bailes publicos,
nas quitandas, e em outros lugares semelhantes. A
vida do professor é uma vida séria e grave, e nos ou-
tros pertencem os divertimentos grosseiros. A sua ale-
gria e recompensa resume-se na satisfação, que nasce
do cumprimento do dever, na felicidade de haver pres-
tado serviços, do contentamento de uma existencia pas-
sada em fazer bem. Estes costumes puros lhe darão
uma elevação de pensamento, sem a qual não poderá
conceber a nobreza das suas funções, nem exercel-as
dignamente. É preciso que, destinado a viver no meio
de homens fascinados pelo amor de prazeres sensuaes,
exclusivamente identificados com os interesse mate-
riaes, esforce-se em manter as suas ideias n'uma esfera
superior a este mundo baixo, para que possa infundir
nos meninos o sentimento da dignidade humana. Mas,
se a elevação do caracter deve grangear-lhe o respeito
geral, a estima exagerada de si mesmo, a vaidade, e o
orgulho apagarão o merito do seu bello procedimento.
A humanidade é a irmã da brandura e da bondade, virtudes que deve possuir todo o homem, que tem de viver com a infância. Com invencível paciência, o professor deve atrair a si essas criaturas fracas e tímidas que, nos primeiros passos da vida, tanto carecem de proteção, e arrimo. Com essa paciência há de o professor triumphar de todos os desgostos inhe-

rentes à sua profissão, e nunca manifeste o aborrecimento e cansaço com palavras duras, impetuosidade, e mão humil, que desterram do coração dos meninos toda a confiança na justiça do mestre. Com tudo há de sofrer muito o professor para conter os movimentos rápidos da nossa natureza, tão inclinada a repelir o mal com a indignação e a colera; mas, quando lhe fal-
tarem as forças, quando sentir desfalecer a coragem, lembre-se da imortal mansidão d’Aquele que disse: 
Não embareceis que os meninos se cheguem a mim. Mas a brandura não exclua a firmeza, sem a qual a direção de uma escola seria impossível. Deve a bondade moderar a aspereza da repreensão, o rigor dos castigos, mas nunca degenerar em fraqueza e deixar impune qualquer falta. Para isso o professor deve ser imparcial, não mostrar mais indulgência, prefeição, ou antipatia para um, ou outro discípulo. Deve tratar a todos de um modo igual, firme e tranquilo. Neste caso a obediência aparece naturalmente, e um olhar, um gesto, ou uma palavra, influirão fortemente nos jovens espíritos. Com a obediência vira o respeito e o amor.

Alem d’estas virtudes, o professor primário ha de ser homem de fé sincera, esclarecida e pratica. A sua fé ha de ser sincera, porque a dúvida e a indiferença em matéria de religião, deploráveis em qualquer indíviduo, seriam mais funestas ainda no professor, e, como lepra contagiosa, abalariam as crenças dos meninos, e os levariam ao septicismo, verdadeiro suicídio da alma, que vive da fé, como o corpo vive do alimento! A sua fé deve ser esclarecida, porque o professor, destinado a comunicar as verdades religiosas, deve saber explicá-las, e mostrar a falsidade dos sophismas, que as combatem. No meio de populações incrédulas e ignorantes, sendo necessário, e obrigado, o professor a defender suas crenças, e fazer triunfar a verdade. Em fim, a sua fé ha de ser pratica, porque as lições do mestre, desmentidas pelo exemplo, perdem toda a autoridade. Facilmente a sua doutrina será seguida, se for confirmada pelos seus bons exemplos, mas de nenhum efeito será a sua palavra, se for a sua vida um escandalo, ou uma inconsequência.
Estes deveres poderão algumas vezes parecer sérios, mas nunca serão pesados senão para os que amam as recompensas terrestres. O pequeno salário, ou poucos premios que concede a autoridade humana, que valem comparados com a vida do professor, cheia de sacrifícios e dedicação? Por isso o professor primário deve considerar-se como destinado por Deus para regenerar uma parte da espécie humana. Deve empregar todos os meios para ensinar o bem à mo-ridade e reflectir nas infelizes influencias, que a todo instante podem exercer as suas acções e palavras.

O CASOAR

Deve apreciar os recursos immensos, que dispõem em todos os exercícios do dia, em todas as circunstancias as mais indifferentes na apparencia, para destruir um mau pensamento, despertar um bom desejo, desenvolver uma inclinação honesta. Deve particularly, habituar-se que tem por fim preparar membros utéis úteis para a família, bons cidadãos para a patria, instrumentos de honrarem e servirem a sociedade. Mande que o professor primário com estes nobres elevados pensamentos, e será com que fortaleza e
coragem vence os desgostos, as fadigas diárias, e entra no caminho da Providência, que serve-se dele como de um instrumento, para fazer a felicidade de seus semelhantes! Com que alegre satisfação, antes de dormir, não recordará os serviços prestados durante o dia, não pediria a Deus perdão das faltas cometidas na véspera, não pediria novas forças para vencer os trabalhos do dia seguinte? Com que inabalável confiança, em fim, não há de encarar a solemne hora da morte, pronto a levar aos pés do suprema tribunal, na presença de Deus, os frutos de virtude e sabedoria? Felizmente colheu neste mundo!

Copiando e imitando Mr. Cermenin, diremos: Se fossemos professor primário, ainda mesmo num pequeno e longinquamente frequentado interior, estimaríamos nossa profissão como a primeira do mundo, e todos os dias dariamos graças a Deus por nos conceder a fortuna de formar corações e inteligências. O amor dos nossos deveres fortaleceria a nossa alma, e empregariamos todos os meios para reabilitar o culpado, ajudar o fraco, ensinar o ignorante, moralizar o vicioso. Em volta de nós reuniríamos os nossos discípulos, estudaríamos as suas qualidades, e espiritualizariamos as suas inclinações na hora das lições, nos seus brinquedos, nas suas sympathias, nas suas desavenças, nas suas paixões.

Haveríamos de dizer-lhes: «Meus filhos, meus queridos filhos, tenho por vós o amor de pai, e devo amar-me, porque vos amo. Ouvi-me com atenção.

«Tendes um Deus, que deveis adorar, porque é vosso criador, o vosso pai. Deus ve tudo, ouve tudo, sabe tudo. Lá, no alto do céu, lhe o que se passa em vossos corações, e durante o dia, e durante a noite, nada lhe escapa, e sabe o que dizem, o que pensam, o que fazem. Considerai Deus sempre na vossa presença, e vos perante Ele.»
Um dia sereis soldados, e lembrai-vos que deve o homem soldado ser forte e robusto, e por consequência temperante e sobrio. Deve ser disciplinado, e por consequência obediente. Deve ser corajoso contra o inimigo, e humano para com os prisioneiros.

Podeis um dia ser criados, se tal foi a dureza da vossa condição. Lembrai-vos que um criado vigilante, laborioso, pontual, paciente, e amigo da ordem, vale mais que o patrão caprichoso, orgulhoso, dissoluto, e colérico. Pelo vosso exemplo fazei-o envergonhar, se não o puderdes corrigir, e procurai a vossa recompensa no cumprimento dos vossos deveres, e na paz da vossa consciência.

Tendes pais e parentes, e ajudai-os a supportar o peso dos seus trabalhos. Tomai parte nas suas aflições, para amal-os; e nas suas tristezas, para consolá-los. Pagai-lhes em ternura o que elas vos dão em amor e sacrifício. Ouvi com brandura as suas adver-
tencias: afastai ao rosto o ver as suas fraquezas, e se vos ordenarem o mal, sabeis resistir com delicadeza e energia.

«Considerei os magistrados como vossos superiores, e lembrai-vos que a obediência à lei é o dever de cada um, porque a lei é a vontade de todos. Se houver magistrados prevaricadores, que por política, ou por nheiro vendam a justiça, e roubam as partes, não vos importeis, e sêde sempre obedientes. Mais cedo, ou mais tarde, esses magistrados serão punidos por Deus ou pelos homens, e a infamia e o desprezo precederão o castigo; e amaldiçoarão a sua memória.

«Tendes vinhos e não tereis o que elas tiverem nos seus pates e bortas. Não mudeis os seus marcos, e a sua custa não aumentais a vossa terra, ainda mesmo que seja por um palmo. Não estragueis as suass plantações e colheitas com as vossas vacas, bois, cavalos, carneiros, cabras, porcos e aves. Qualquer altercação por um muro, um poço, uma árvore, uma pastagem, talvez tenha inimizada vossos pais com os seus vinhos. Pegai suas mãos ponde-as uma nas outras, e sêde o laço de sua reconciliação e harmonia.

«Procedeis com honra, e não vos envergonheis do vosso nascimento, por mais humilde e obscuro que seja. O sapateiro, o ferreiro, ou o alfaiate, quando são honrados, tornam-se tão dignos de estima e respeito, como qualquer fidalgo ou millionario. O homem estranhe-se pela sua probidade, e trabalho, e a deshonra existe somente na eciosidade e nos vícios. Se o verdadeiro merecimento da honra e nobreza, e a prova está em muitos homens, que se fizeram a si mesmos, como o papa Xisto V, que foi guardador de porcos; o almirante Nelson, moço de navio; Muret, marechal de França, e rei de Napoleão, estalajadeiro; Bernadot, rei da Suecia e Noruega, soldado raso;
Abrahão Lincoln, ex-presidente da república dos Estados Unidos, rachador de lenha; e Andrew Johnson, actual presidente da mesma república, alfaiate

«Amai o trabalho, e aprendei um ofício que equivale a um capital em terras, ou a um emprego, que reúne honra e proveitos, como judiciosamente já disse o benemerito Benjamin Franklin. Se fordes ricos, não precisareis do ofício, e fareis bom uso da vossa fortuna, auxiliando os vossos semelhantes; mas se cairdes

na pobreza, ou tiverdes nascido pobre, não estranhareis o trabalho, e vivereis independentes. E por isso que nos Estados Unidos não há cidadão, por melhor que seja a sua posição social, que não tenha aprendido um ofício.

«Seja qual for a vossa profissão, trabalhai com pontualidade e ordem, não deixando para amanhã o que hoje poderdes fazer. Que privações e miserias nãs sofram aquelles, que desprezem estes preceitos? Qual é

A CEGONHA.
o lavrador diligent, por menos abastado que seja, que além da sua roça, não pode ter uma vaca, meia dúzia de carneiros, e plantar um pacoval necessário para a sua família, um pomar, uma horta e meia dúzia de pês de fruta de pão, cujo fruto assado, ou cozido, é um saboroso alimento? Qual é a mulher cuidadosa, que não pode engordar no chiqueiro um ou dois porcos, e ter a criação necessária para a casa, e mesmo vender os perus, patos, galinhas, frangos, e ovos, que sobrarem? Amai, pois, a ordem e o trabalho, que tereis a fartura em vossa casa, e não a vereis, como a de muitos preguiçosos, aonde, por vergonha, não se encontra se quer um pê de pimenta!


«Qualquer de vós pode ser um dia oficial da guarda nacional, vereador, presidente da câmara municipal, deputado provincial, deputado geral, e mesmo senador do imperio. Deveis obter, e merecer a confiança dos vossos concidadãos e a honra da sua escolha pela vossa probidade e virtudes. Não soliciteis cargos elec-
tivos; mas aceitai-os, se fordes eleitos. Quem solicita
cargos populares, quem pede votos para si dá provas de grande immodéstia.

«Adorai, eu vol-o repito, adorai a Deus, que fez o céu para a terra, a terra para o homem, e o homem à sua imagem. Adorai a Deus, que vos deu uma alma para o compreender, braços para trabalhar e um coração para amar os nossos irmãos. Segui a rúscos mandamentos de Deus, e amai-o sobre todas as cousas e ao próximo como a vós mesmos. Amai respeitosamente nossos pais, porque aquelle que aflige a seu pai e que faz fugir a sua mãe, é infame e desgraçado. Não roubéis, porque o ladrão é um miserável, um perverso, que reduz a miséria o seu semelhante. Não adultereis, porque o adultério não ficará limpo, depois de tocar a mulher do seu próximo. Não assassineis, porque o sangue do homem derramado pelo homem, clama vingança, e os olhos de Deus em todo o lugar contemplam o assassino, que neste mundo, ou no outro, será castigado, e sofrerá as penas do inferno.
e trêmulas na porta, que não pode abrir. Ide vossos mes-
mos abrir-a. Na sala, na mesa, no quarto cedei-lhe o
melhor lugar. A maldição paterna pesa sobre a ca-
beça do mau filho; e antes da idade o envelhece.

«Amai sobre tudo os pobres, porque depois de vos-
sos pais, irmãos e irmãs, são elas que mais precisam
da vossa protecção. Sejam elas para vós uma segun-
da família, e nunca lhe fecheis a porta. Chamei
a vossa bolsa. Fazam os trabalhar, se estiver isso
em vossos diários, porque o trabalho não avilita o ho-
mem, e sustenta-o melhor que a esmola. Dar trabalho
vale mais quão dar dinheiro, e é a melhor caridade
para aquelle que a faz, e para aquelle que a recebe.

«Não enfarteis o vosso estômago com frutas, pão,
carne, ou qualquer outra comida, a ponto de perder-
des a saúde e mesmo a vida. Não vos acostumais a
beber amêndoadas vezes a aguardente, o vinho, os lí-
cores fortes, porque o uso de tais bebidas, traz de-
pressão o abuso, que paralisa o corpo e entorpece a
inteligência. O vinho é uma causa luxúria, é a em-
briaguez produz a desordem. O homem, que se em-
briaga, é mais vil e mais degrada do que o animal.

«Não joguéis, porque o jogo é um vício peor que
o da embriaguez. O efeito arruína a sua saúde, em-
brutece a sua inteligência; faz quasi sempre o ma-
sonmente para se mais o jogador, entragando-se aos jó-
gos de azar, especiando nas loterias, ou nos jogos de
cartas, como o lansquenet, não só arrisca a sua for-
tuna, como também a de sua mulher e filhos, e por
este modo os reduz à miséria, à fome, e até mesmo
a prostituição! Dali aparecem para o jogador de
profissão os rumos sentimentos e habitos, como a ocio-
sidade, a falta de brío, a trapace, e o roubô, ou as
paixões violentas, como a cólera, o olio, a vingança, que
o despenham de abismo em abismo, até expirado.
rosamente o seu erro nas prisões, ou, peor ainda, no cadafalso!

«Não jureis para que não passeis por meninos de educação grosseira. Sede atenciosos para com as mulheres, porque não haveis de querer que vossas mães e irmãs sejam insultadas. Respeitai os velhos, para que os mocinhos se descubram na vossa presença, quando o tempo, que passa depressa, tiver embranquecido os vossos cabelos, hoje tão pretos e esfíssos.


«Sede agradecidos aos benefícios, que vos fizerem. Assim como o calor abre o seio da terra, e aquece e faz germinar o grão de arroz, ou do algodoeiro, do mesmo modo a gratidão, insinuando-se no coração do bemfeitor, desenvolve e aumenta os benefícios. Abominai a ingratião porque o homem ingrato é criatura desprezível. Desmenti pela vossa moralidade a maxima do

O GANÇO
marquez de Marica, infelizmente muitas vezes certa.
O dia do benefício é a véspera da ingratição

«Sede cuidadosos no açúcar de vossas mãos, roupa e calçado. Não andeis com as mãos e os dedos sujos, o cabelo desgrenhado, e a roupa estragada e rota. A decência do corpo é sinal da decência da alma. Tende, o mesmo acenho as vossas casas, e conservai-as sempre limpas, varridas, e caladas. O aceno agrada aos olhos, e conserva no corpo a saúde

«Comparando-vos comos ricos, meus filhos, não digais que a Providência vos fez nascer n’uma condição dura, miserável, digna de lástima, e que a sorte dos ricos é a unica digna de inveja. Não é tanto como julgais. A natureza não deu aos ricos duas bocas, nem dois estomagos, nem dez sentidos. São homens como vós, e sofrem o aborrecimento, o susto, as insomnias; a longuidez, e-os remoros que nunca sofrem. As vossas comidas são mais grosseiras, mas são temperadas pelo vosso appetite. O vosso somno será mais breve, porém é mais profundo. O vosso trabalho é mais rude e mais pesado; porém, o vosso repouso o mais brando, e são os vossos braços mais robustos. Os vossos prazeres serão menos vivos; mas a saciedade não lhes dá o tedio. Ouro na algibeira, um palacio, criados, carruagens, vinhos delicados, muitos escravos, e grandes roças não são cousas suficientes para fazer um rico mais feliz que qualquer dos vossos vizinhos. Não harece o tedio e desgostos nos prazeres da rica ociosidade. Não invejeis, meus filhos, as brilhantes, mas enganosas aparências de uma felicidade, que não existe. conservai sempre na lembrança que a verdadeira felicidade depende unicamente do trabalho, sciência e virtude.

«Deveis, pois, meus filhos, estar sempre contentes com a nossa sorte, e dar graças a Deus, aborrecer a preguiça, e amar o trabalho. Nas horas do trabalho
entomemos sempre o belo hino do Sr. A. Feliciano de Castilho, que diz assim:

**Hino do trabalho.**

No regaço do luxo, a opulência
Os canções do oio mal diz:
Entre as lidas, sorri a indigência;
E o pão negro se julga feliz.

**O PElicano.**

Trabalhai meus irmãos, que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor.
Dentre a orquestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades, amor.

Deus, impondo ao peccado a fadiga,
Tê na pena sorriu paternal,
Só quem vence à preguiça inimiga
Reconquista o Eden terreal.
Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor.
D'entre a orquestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades, amor.

Quem dá graças aos céus ao sol posto?
Quem lhes dá vendo a aurora raiar?
É o obreiro, o suor lhe enche o rosto;
Mas seus dias não turva o pezar.

Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor.
D'entre a orquestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades, amor.

O que vive na inércia aborrido
Não somente é de irmãos rebador;
É suicida e mais vit, que suicida
É suicida a quem falta valor.

Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor.
D'entre a orquestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades, amor.

Caia oprobrio no vit ocioso,
Que desherda o presente e o porvir!
Só a noite compete o repouso;
Só aos mortos o eterno dormir.

Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor.
D'entre a orquestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades, amor.
Mar, e Terra, Ar e Céu, tudo lida:
Deus a todos deu luz e deu mãos;
Lei suprema o trabalho é da vida:
Trabalhar, trabalhar, meus irmãos!

Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor.
D'entre a orquestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades, amos.

A TARTARUGA

OS REPTIS.

Os reptis são animais que andam de rojo, pristó e,
Arrastam o ventre pelo chão, e quasi todos são oví-
paros, porque nascem do ovo. Uns tem a pele nua
e lisa, como o sapo e a raia; outros, escamosa, como
a cobra e o jacaré; e outros, rija e dura como o ja-
bóti e o jurará.
Os réptis têm os olhos grandes e vivos, conservam muito tempo a sua irritabilidade, a tal ponto que bate o coração de uma raça muitas horas depois de arrancado, e também possuem uma grande força de reprodução, porque os pés e cauda dos lagartos regeneram-se depois de cortados.

Dividem-se os réptis nas seguintes ordens: chelonios, saurios, ophidiós, e batracios.

Os chelonios têm quatro pés, cauda muito curta, cabeça grande, boca muito rasgada, quixos que não têm beijos nem dentes, e são cobertos de cascos ou conchas, como a tartaruga, o joboti, o jurará.

Os saurios têm o corpo alongado, quatro pernas muito curtas, e a cauda ordinariamente muito comprida, como o crocodilo, o jacáre, o gavial, ou crocodilo do Ganges, o camaleão o senembí, o sardão, a lagartixa, a osa.

Os ophidiós têm o corpo muito comprido e cilíndrico sem especie alguma de membros, movem-se do rojo como a víbora, a cobra cabelo, a cobra velha, a giboia.

Os batracios não tem cauda, nem escamas, nem concha, mas têm a pelle nua antada de humor viscoso, a cabeça chata, focinho, arredondado, boca muito rasgada, e pés e mãos, como o macaco-sapo.

—As tartarugas são terrestres ou marinhas. A tartaruga terrestre alimenta-se de vermes e insectos, e é por isso, na Europa, conservada nas hortas e jardins. Há duas espécies de tartarugas: marinhas: a jurucua ou tartaruga verde maior, que pasta em grandes bandos no sargaço do fundo do mar, vem as embocaduras dos rios para respirar, põe os ovos na areia ao sol, e pesa de 700 a 800 libras, e a tartaruga de lamínas embrincadas, menor que a jurucua, e que fornece as escamas, que servem para a fabricação de pentees, caixas de rapé, e outros objectos. No Pará, e no Amazonas é a carne da tartaruga um dos principaes alimentos.
e faz-se manteiga dos seus ovos pisados e fervidos na água.

O crocodilo chega a ter 35 pés de comprimento, é feroz e carnivoro, o espreita o homem e os animais para os matar. Tem o focinho mediocre, os dentes desiguais, os pés palmados, e cristas denteadas sobre a cauda. Nos rios nada com a maior agilidade, porém em terra anda somente em linha recta, porque não pode voltar a cabeça para os lados, e por isso o homem, furtando-lhe as voltas, evita a sua perseguição. As escamas do seu dorso e cauda são quasi impeneitavelis á lança e a bala.

\[Image\]

O CAMELEÃO

e os seus maiores inimigos são o peixe serra, que o combate abertamente, e o chineumon, ou o rato do Nilo, que lhe come os ovos. Os antigos julgavam que o crocodilo atribuia o homem para o matar, fingindo o choro de criança e d'ahi vem a frase lágrimas de crocodilo, como significaçao de traição e hipocrisia.

O CAMELEÃO tem a cabeça grande e a cauda recurvada na ponta. A sua pelle é granulosa, mosqueada, lisa e aveludada e a língua muito comprida terminando por um tubérculo viscoso, com o qual apa-
nhã os gafanhotos, moscas e outros insetos. E tão
vagaroso nos seus movimentos, que mais se arrasta
do que anda. Não muda de cor segundo a sua ven-
tade e sim por influência da luz. Estando as escuras
fica pardo, exposto ao sol fica quasi preto e exposto
ea meia luz, reveste-se de tão variadas cores que
apresenta o mais formoso matiz. O camaleão vive na
Africa e em algumas partes da Europa.

—O iguana, ou camaleão do Brazil, tem um grande
saco por baixo da garganta, e sobre o dorso e cau-
da uma bela crista, formada de pontas separadas e
levantadas verticalmente. Põe os ovos sobre a areia,
em número de 15 a 30, os quais são chocados pelo
calor do sol. Trepa nas árvores com maravilhosa
prestes, aonde come as folhas e frutos, e caça os
insetos de que se nutre. A carne é excelente para
come.

—As cobras, em geral, comem insetos, ovos, ra-
tos, râs, e passarinhos; exercem o sentido do tacto
enroscando-se em torno dos corpos, que pretendem
conhecer; andam, treparam, saltam, nadam, e mergulham
com a maior ligeireza e facilidade. Dilatando as goe-
las, podem engolir animais quatro vezes maiores do
que elhas, e quando estão repletas, enrolam-se em
rosas, ficando no centro a cabeça, e nesta posição
passam horas e horas ao sol, dardejando apenas
a língua forçada e extensível. Abrindo a bocca,
e olhando para um passarinho, uma rã, ou um rato,
os fascina por tal modo, que ficam n'uma dolorosa
inquietação, querem fugir e não podem, e chiam,
pulando, piando, tremendo ou sacudindo as asas,
vão por fim meter-se-lhes na bocca aberta, que os
devora.

—A víbora encontra-se em diversas regiões da Eu-
ropa e d'Africa. Tem os olhos vivissimos e apresenta
nas costas duas séries de manchas escuras. É venenosa, e produz no homem uma geral fraqueza, náuseas e vômitos, ou a syncope, o delírio, as convulsões, e a morte.

—A cobra de capello, serpente das Indias Orientaes, apresenta na parte superior do pescoço um risco pardo, que descreve a figura de uns olhos de nariz. A mordedura desta cobra mata em poucos minutos, porém os pelotiqueiros do Indostão arrancam-lhe os dentes venenosos, domesticam-na, e ensinam-lhe a enrolar-se lhe nas pernas e braços, a por-se em pé, e dausar ao som de uma flauta. No princípio, ouvindo o som mavioso do instrumento, a cobra move-se e ar-

O CROCODILO

asta-se vagarosamente, e depois anima-se, obedece ao compasso da música, mais ou menos apressado, e curva-se, balança-se, enrosca-se, levanta-se, empina-se, faz mil ondulações diferentes.

—A cobra cascavel tem na ponta da cauda umas poucas de peças conícas de substância escamosa, enfiadas umas em outras; que se movem e que produzem, quando o réptil se arrasta, um ruído que anuncia a sua proximidade. Os seus olhos brilham sempre, e a língua é negra, solta, fendida, e move-se com singular volubilidade. Esta cobra, assim como
todas as venenosas, tem debaixo da pelle que reveste o queixo superior, umas vesículas, ou bolhas onde o veneno se acumula. Tem dois dentes finos, como espinhas encurvadas, furados por um pequeno canal, por onde se destila o veneno. É rápida por seus movimentos, porque num instante enroscá-se, apoiando-se na cauda, arremessa-se contra a vítima, e ferir. Não há veneno mais activo que o da cobra cascável, porém as folhas e raiz do mavaisco pisadas o atalham, dando-se a beber ao doente, e pondo-se na ferida.

—A boa, ou gíbôia, pode ter mais de 30 pes de comprido, e tem os olhos negros, o focinho longo, a abertura da goela profunda, a língua carnosa, e o corpo espesso. Não é venenosa; porém é temida pela corpulência, e força prodigiosa. Vive nos lugares pantanosos, e nas margens dos lagos e rios, onde espreita as prezas, enroscada em espirais. Nesta posição forma um disco, e do centro ergue a cabeça, e observa em toda de si. Prendendo a ponta da cauda n’uma árvore, ou o salto, e enroscá-se facilmente n’um boi, ou qualquer outro animal, machuca-lhe as crianças e quebra-lhe os ossos. Quando o animal fica inteiramente ralado, a gíbôia o estende no chão, e, depois de o untar com a baba, gradualmente o engole, e passa o tempo da digestão em um torpor singular.

—A ra vive em terra e nas águas estagnadas, onde se compra de levantar a cabeça por entre os juncos e outras plantas. Excessivamente timida, vive sempre vigilante, e prompta a saltar e mergulhar ao menor perigo. Os filhos chamados girinos, quando nascem, têm a cauda comprida sem aparência alguma de membros; mudam a pelle muitas vezes, e depois é que se lhe desenvolvem pouco a pouco os pés, caindo-lhe a cauda aos pedaços até que tomam a
forma de ra. Os alemães e americanos do norte são muito apaixonados pelas coixas de ra fritas, que reputam delicioso manjar.

O sapo habita nos lugares alagados, sombrios e abafadiços, e a fêmea produz ovos dispostos em dois cordões, muitas vezes do comprimento de vinte ou trinta pés, que o macho lhe extrai com as patas. Não é venenoso, como julga muita gente, porém útil ao homem, porque alimenta-se de insetos nocivos às plantas. Na França e Inglaterra são os sapos vendidos às dúzias, e lançados nas hortas e jardins, para devorarem as formigas, lagartas, e pulgões.

O pipa é uma espécie de sapo singular. Quando os ovos estão fecundados, o macho os deposita um a um nas costas da fêmea. Então os ovos se lhe enterram na pele, causam uma grande inflamação, formam pustulas, e daí vascem os sapinhos. Durante esse tempo, a fêmea conserva-se mettida n’água.

**MORAL PRÁTICA.**

A amizade é um dos maiores bens, que o homem pode gozar. A vida parece duplicar quando se vive,
pelo pensamento, no coração de um amigo. Não há solidão como a do homem, que não tem amigos, porque o mundo torna-se para ele um verdadeiro deserto. Quem não é acessível ao sentimento da amizade, aproxima-se mais do bruto, que do homem; e nunca viveu quem nunca sentiu amizade. Não devemos procurar amigos a torto e a direito, porque será melhor não termos um amigo do que arrepender-nos em ter feito má escolha. Mas, quando tivermos achado um verdadeiro amigo, devemos honrar-o com sincera amizade, e por ele fazermos todo sacrifício. — Eudamidas, de Corinto, vendo que a morte se lhe aproximava, e que deixava sua mãe e uma filha exposta a mais cruel indigência, não se afligiu por isso. Avaliando os seus amigos Aretho, e Carixenes, pelo seu próprio coração, fez este testamento, bem digno de ser conhecido: «Em carrego Aretho de sustentar minha mãe, e tornar-lhe, quanto ser possível, menos pesada a sua velhice; a Carixenes, encarrego de casar minha filha, e dar-lhe o maior dote que puder. No caso de que um delles venha à falta, o outro o substituirá, tornando-se sobre si ambos os encargos». Os dois amigos do virtuoso Eudamidas não desmereceriam a prova de tão honrosa amizade. Aretho casou a filha de seu amigo, e a detou, e Carixenes tratou da mãe de Eudamidas, até a sua morte, e com a ternura e desvelo de um bom filho. — Dous habitantes de Syracusa, Damon e Pythias, eram íntimos amigos. Dionisio, tyranno de Syracusa, por uma simples denúncia, condenou Pythias à morte. Antes de morrer, Pythias pediu que o deixassem concluir negócios importantes numa cidade vizinha, ficando o seu amigo Damon por fiador da sua promessa. Pythias parte; mas os seus negócios, sofrem demora, e approxima-se o dia do supplicio. Reune-se o povo, censura e fustiga Damon, que tranquilamente caminha...
à morte com a certeza de voltar o seu amigo, e dese-
jando que não volte, para morrer em seu lugar. Já
o momento fatal aproximava-se, quando mil vozes an-
nunciavam a chegada de Pythias, o qual voa angustiado
para o lugar do supplicio, vendo o cutelo do algoz
prestes a cair na cabeça do amigo. Ambos abraçam-se,
choram e disputam a felicidade de morrer um pelo
outro. Os espectadores desfazem-se em lágrimas e o
próprio tyranno precipita-se do throno, pede a pe-
de para tomar parte n'uma tão sincera amisade.

O amor conjugal é considerado como a verdadeira
base da felicidade domestica, e alimenta no seio da
família, a paz, a ordem, a alegria. O amor conjugal
nasce da estima, que entret si conservam os conjugues,
e do sentimento profundo que ambos têm aos seus
deveres mutuos. - Durante a revolução franceza, nos
horrores dias do terror a senhora Lefou, temia pela
vida de seu marido, que tinha sido preso como cons-
pirador. Pediu e alcançou a permissão de vel-o, e ao
por do sol corre a prisão. Ali conselha ao marido
para que se distarcasse com os seus vestidos de mulher, e saísse iludindo o carcereiro. O projecto vin- gue, o marido salve-se, e no dia seguinte foi que se conheceu que a senhora Leffort estava na prisão em lugar de seu marido. O representante do novo acusado de interrogar a senhora Leffort, di-se-lhe com modo ameaçador: Mulher infeliz, que fizeste? — O meu dever, respondeu ella, e faz agora o teu.

O amor paterno é um sentimento profundo e generoso, uma especie de instincto sublime que forma o sagrado laço que prende o pai aos filhos. Agisilan, rei de Esparta, um dos maiores principes que teve a Grécia, esquecia-se da sua grandezza no seio da familia, e entregava-se ás caricias de um filho ainda menino. A Grécia via cm socoreza este monarca, o terror dos seus inimigos, montado à cavallo n’um bastão, e brincando com o filho. Um gracejador foi um dia testemunha desta scena, risonha aos olhos de uma alma vulgar, e, pois-se a tirar na presença d’Agisilan: «Meu amigo, lhe disse o rapo, não rias por ora, e quando forés pai, zomba d’aquelles que o sào». Ignor anedotica sucedeu com Henrique IV, rei de França. Este rei brincava um dia com seus filhos andando de joelhos, e trazendo-os á cavalo sobre as costas. Nesse momento foi surpreendido pelo embaixador de Espanha: «Sois pai, senhor embaixador, perguntou Henrique IV? — Saiba V. M. que tenho essa felicidade, respondeu o embaixador. — Então posso continuar a brincar com meus filhos, replicou o rei».

O amor maternal é tanto mais perfeito e sublime, quanto o coração de uma mãe é mais carinhoso e mais dedicado. Uma senhora tinha perdido o seu filho querido, e não cessava de chorar tão grande perda. Um bom padre tentou inspirar-lhe alguma resignação, fazendo grande número de considerações religiosas, e
citando o exemplo de Abrão, que não hesitou sacrificar a Deus seu único filho. «Ah! senhor, exclamou a inconsoável senhora, Deus nunca exigiria tal sacrifício de uma mãe!» Esta resposta resume em si um sublime pensamento, e pinta perfeitamente o coração materno.

O amor filial é na realidade o primeiro artigo do nosso código moral e religioso; e não é outra causa mais do que a submissão respeitosa e gratidão profunda, que devemos aos nossos pais. Epaminondas, ganhando a célebre batalha de Leuctra, atraiu a sobre si a admiração de todos os povos vislumbros, e foi considerado como o sustentáculo, e o restaurador de Thebas, como o vencedor de Esparta, como o libertador da Grécia, e, finalmente, como o general mais habi de todos os tempos. No meio de tão universais aplausos, Epaminondas dizia, «A minha maior satisfação é ter a certeza da alegria que há de ter meu pai e minha mãe, quando souberem de minha vitória.

O amor fraternal. «Um irmão e um amigo dado pela natureza» disse um poeta, e um tal pensamento é a definição do amor fraternal. Perguntaram a Catão d'Útica, ainda mesmo, qual era o seu maior amigo neste mundo. «Meu irmão respondeu ele — Bem! qual é o vossu maior amigo, em segundo lugar?—
Meu irmão. — Em terceiro lugar? — Também meu irmão.

A justiça é a obrigação que temos de dar a cada um o que é seu, e não fazermos aos outros o que não queremos que se nos faça. Não queremos que nos rouben, que nos calunniem, que nos maltratem, que nos façam, enfim, o mais leve dano. Logo, não devemos roubar, caluniar, maltratar, ou damnificar os nossos semelhantes. Num momento de ingratação, os athenenses condenaram Aristides ao ostracismo, ou desterro. Quando alguém era condenado ao ostracismo, reuniam-se na praça pública os cidadãos, escreviam na casca de uma óstra o nome da pessoa, que queriam desterrar, e depois os juízes contavam o número de votos, e faziam executar a sentença. Na ocasião de ser condenado Aristides chegou-se a ele um camponez, que não sabia escrever, e pediu-lhe que escrevesse na óstra o nome de Aristides. Este perguntou ao camponez: se Aristides lhe tinha feito algum mal. Nenhum, respondeu o camponez, e nem sequer o conheço; mas já estou farto de ouvir chamá-lo justo. Aristides não den foi, escreveu o nome, entregou a óstra, e foi condenado. Não há justiça que não seja punida: Aristides foi de novo chamado à patria, e os seus detractores ficaram con- fundidos; Cam matou seu irmão Abel, e foi por Deus amaldiçoado; Achab rouba a vinha de Naboth, mata muitos inocentes, e morreu miseravelmente dilacerado pelos caes. Diz Salomão: Aquelle que anda vendo como fará bem, e dito em se levantar ao rom- per da manhã: aquelle, porém, que anda buscando como fará mal, será delle oprimido. — Melhor é o pouco com justiça, do que muitos frutos com iniqui- dade. — Não se apartará o mal da casa d’aquele, que dá males por bem.
A bondade. A verdadeira bondade consiste na inclinação que temos para amar os nossos semelhantes, desculpar os seus defeitos, e perdoar os seus erros. Estava um dia Pisistrato na mesa, e um dos seus convidados, tomando pelo vinho, começou a injuriá-lo. Os seus amigos aconselharam-no para que punisse o insolente, mas Pisistrato respondeu: «Se eu passasse na rua, e um cego me desse um empurrão, aconselhariais que o punisse?»—Nunca de verão o marechal Turenne estava em trajes caseiros, a tomar fresco n’uma janela. Um dos seus criados, vindo pela banda de traz, tomou o marechal por um dos cosinheiros, e deu-lhe com força uma palma nas costas. Turenne surpreendendo voltou o rosto, e o criado caiu de joelhos a seus pés, pedindo perdão pelo engano, e jurando que pensava ser Jorge o cosineiro. «Ainda mesmo que fosse Jorge, disse Turenne tranquilamente, não devias bater com tanta força.»—Tito, imperador romano, foi de tanta bondade e liberalidade que a ninguém negava causa alguma, e sendo repreendido d’isso por seus amigos, respondeu: «Que ninguém se devia retirar triste do seu imperador.» Lembrando-se um dia, na ceia, que nesse dia não tinha dado nada a ninguém, disse: «O meu amigo, hoje perdi o dia.

A coragem é o valor brilhante que distingue particularmente o militar. Da-se o nome de coragem ao valor experimentado que não conhece o medo, que arrasta o perigo, e prefere a honra à vida. Na batalha d’Aboukir, a mais desastrosa para a marinha francesa, o almirante Brueys e os seus oficiais defenderam gloriosamente a honra da bandeira francesa. No calor da batalha, Brueys ficou ferido, mas não quis deixar o tombadilho do navio, e disse: «Um almirante deve morrer dando ordens.» Alguns instantes depois uma bala o matou no seu posto de honra. —Na batalha de Clos-
erdamp, dada na Alemanha em 1760. Assás, coronel
de um regimento francês, achando-se, durante a noite,
perto de um bosque, sabendo do acampamento, afim de
fazer uma exploração. Apenas tinha dado alguns pas-
sos, foi surprehendido pelos inimigos, que, pondo-lhe
as bayonetas ao peito, ameaçaram de o matar, se pro-
ferisse uma palavra. Assás não duvidou cumprir o seu
deber, embora morresse, e gritou em alta voz: 
Avan-
çai, soldados, que o inimigo está perto de nós! No mesmo
ingênte foi traspasado pelas bayonetas, e caiu morto,
mas os seus soldados, ouvindo-lhe a voz, salva-
ram-se da emboscada, e vingaram a sua morte. Na
guerra selvagem, que nos fez o Paraguai, invadindo
sem previa declaração a provincia de Matto Grosso,
distinguia-se com uma coragem heroica o músico Bene-
dicto, natural do Taquaral, que apenas tinha treze an-
nos de idade. Benedicto havia assentado praça na mu-
sica, assistiu ao combate do Desbarrancado, e viu-se
afinal envolvido pelos paraguaios, que lhe gritavam:
Entrega-te como prisioneiro. Benedicto, achando-se só
sem arma alguma, e diante de centenares de inimigos
feroses e implacáveis, respondeu com admiravel cora-
gem: Não me entregue. Os paraguaios por vezes repe-
tiram aquella ordem, acompanhada de horribles amea-
ças, e o jovem Benedicto sempre lhes respondia: Não
me entregue. Desesperados os paraguaios, com um tal
heroiismo, em uma alma tão tenra, disseram-lhe pela
última vez, com as espadas em punho: Entrega-te, se
não morres. Benedicto ao ver as espadas erguidas,
tendo a imagem da patria gravada no coração e que
rendo antes morrer que render-se, cruzou as mãos
sobre a cabeça, e com firmeza respondeu ainda: Não
me entregue. Mal proferiu estas palavras, descarrega-
ram sobre elle as espadas; que n'um instante corta-
ram-lhe a cabeça e deceparam-lhe as mãos!
O patriotismo é uma virtude rara porque nos obriga a preferir o bem geral ao particular. Devemos servir a patria com desinteresse e por ella sacrificar os nossos commodos, a nossa fortuna, e até mesmo a vida. No Brazil temos tido belos exemplos de patriotismo: Fernandes Vieira, o vencedor dos hollandezes, quemou os seus canaviaes, para não ficarem no poder do inimigo, o preto Henrique Dias, n'uma batalha contra os hollandezes, perdeu um braço e disse: «Ainda me fica o outro para defender a patria e o rei.» José Bonifacio o patriarca da nossa independência, foi ministro, deputado, tutor de S. M. o Imperador D. Pedro II, e viveu e morreu pobrissimo. E o patriotismo quem ensina o soldado a cumprir a risca as ordens dos seus superiores, para um dia saber mandar; quem ensina o magistrado a fazer justica, porque «não dispõe do que é seu», e a não levare por empenhos, nem curvar a cabeça aos poderosos; quem ensina o professor primario a sujeitar-se a um trabalho assiduo, a amar o sacerdocio da abnegacao, a estimar os meninos, como se fossem seus filhos, e a preparar para o bem e para o progresso as gerações futuras; quem ensina o sacerdote a consolar as suas ovelhas, a promover pela influencia moral e religiosa a felicidade de povo, a propagar os conhecimentos uleis, e a não se envolver em politica, para ser estimado, e não manchar o caracter de paz e humildade, que representa na terra; quem ensina a todos, enfim, a serem honrados no cumprimento dos seus deveres.—Aristides e Themistocles, dois homens celebres da Grecia, eram inimigos, e andavam sempre em opposição nos negocios da republica. Sendo ambos nomeados para uma embaixada importante, o amor da patria os congradou. Quando saíram das portas de Athenas, Themistocles disse a Aristides:
"Deixemos ficar aqui a nossa inimizade, e, quando
voltarmos, a tomaremos de novo". O grande Phocion,
ateniense, um dos mais justos governadores na paz,
e dos mais animosos capitães na guerra, que houve
entre os gregos, depois de ter feito muitos benefícios
à patria, e de ser quarenta e cinco vezes magistrado,
foi por inveja acusado, e condenado a morte por
seus concidadãos. Antes de morrer, perguntaram-lhe
se queria ver seu filho. "Mande-o vir, disse ele"
Tourexam o mancebo à sua presença, e Phocion
disse-lhe: "Recomendo-vos meu querido filho, que
deveis servir a patria com o mesmo zelo, e fidelidade
com que a servi, e principalmente deveis esquecer
que uma injusta morte foi o premio dos meus ser-
vicos".

A CARIDADE é o amor do proximo posto em prác-
tica. Os homens são irmãos e devemos amá-los
como a nós mesmos. Não ha neste mundo senão ac-
cidentes, de fortuna, e o branco não é melhor do que
o preto, porque todos são filhos de Adão. Não nos
devemos ensobrecer com a fortuna porque a for-
tuna é mudável, e por isso é que o Evangelista S
João dizia e repete sempre: "Amam-vos uns aos
outros". Jesus Christo particularmente nos recom-
manda a caridade, e promette o reino do ceu aquele
que, em seu nome, beneficiar o proximo necessitado
ainda mesmo que seia com um copo d'agua. Toma-
se a caridade no sentido de se fazer todo o bem pos-
sivel: sepultar os mortos, visitar os encarcerados,
consolar os enfermos, remedir os cativos, dar pão
quem tem fome, e amparar a vinya, o orfão e o in
feliz. Mas, a caridade não deve ser feita, senão
quem realmente precisa. De outro modo é um mal,
e portanto não devemos dar esmola ao homem que
pode trabalhar porque neste caso a esmola converte-
se em alimento da ociosidade, e além disso é uma grande injustiça, porque dá-se pão ao preguiçoso, e tira-se ao necessitado. A esmola não deve ser dada por ostentação, porque Jesus Cristo condena a vaidade, e recomenda que a mão esquerda ignore a esmola que da a direita. Deve ser bem guardado este preceito, porque a ostentação humilha a pessoa, que recebe a esmola. Aos olhos de Deus a esmola do pobre é tão bem recebida como a do rico. Jesus Cristo reparou na pequenina esmola de dois reis que deu a pobre viuva, e disse: «Aquella pobre mulher deu mais que os ricos, porque deu de sua pobreza, e deu quanto tinha». Nos seus proverbios diz Salomão: «Aquelle que despreza ao seu próximo, peça; mas o que se compadece do pobre será bemaventurado. — Aquelle que despreza o pobre, insulta o seu Criador e o que se alegra com a ruina d'outrem não ficará impune. — Aquelle que tapa os seus ouvidos ao clamor do pobre, esse mesmo também clamará, e não será ouvido. — O que se compadece do pobre da o seu dinheiro a juro ao Senhor, e este lhe tomará com onzena o que tiver emprestado».

A Fidelidade supõe sempre uma especie de dependência, é nos obriga por isso a cumprir a nossa palavra, e a sermos fiel aos nossos amigos, à nossa pátria, e aos nossos superiores. O archiduque d’Austria tendo entrado em Madrid em 1710, mandou dizer ao marquez de Mansera, velho de quasi cem annos de idade, presidente do conseelho de Castella que lhe viesse beijar a mão: «Não tenho senão uma fé, respondeu o homrado ancião, e só tenho um rei, que é Felipe V, a quem prestar juramento de fidelidade. Tenho o archiduque d’Austria em conta de um grande príncipe, mas não o reconheço por meu soberano.
Tenho vivido quasi cem annos e nunca violei os meus deveres. Tenho de viver poucos dias, e não quero deshonrar-me por tão pouco».

A **generosidade** é um nobre impulso do coração que em favor dos outros, faz esquecer os nossos interesses. A generosidade toma algumas vezes o carácter da clemência, como quando Cezar, o homem mais generoso da Antiguidade, esforçava-se, mesmo à custa dos seus interesses, em fazer bem aquelas que lhe faziam mal. Um homem rico, e cheio de annos, tomou a deliberação de distribuir pelos seus filhos a sua fortuna, fruto dos seus trabalhos. «Reservar ainda um da mesma de grande valor, disse o velho, que será para aquele dentre vos que mais se distinga por qualquer acção nobre e generosa». Para alcançar e premiá-los, os filhos separaram-se, porém, na fim de três meses tinham voltado. O mais velho dos filhos, dirigindo-se ao pai, falou assim: «Na minha viagem, um estrangeiro, sem que eu passasse recibo, cobrou-me um depósito, o qual entreguei fielmente, logo que me foi pedido. Esta acção, meu pai, não é digna de elogio? — E, filho, meu filho, o seu dever, replicou o pai. Se procedesses de outro modo serias um ladrão, porque a probidade e um dever. A tua acção é boa, mas não é generosa». O segundo filho disse: «Durante a minha viagem, passei um dia por um lago, onde um menino acabava de cair. Corri logo em seu socorro, tive o da água e salvei-lhe a vida arriscando a minha». Na qualidade de homem, replicou o velho, fizeste o que nós todos somos obrigados a fazer pelos nossos semelhantes». O mais moço dos filhos disse por sua vez: «Um dia encontrei, meu irmão, dormindo profundamente à beira de um precipício, e partindo sua vida estava em minhas mãos. Não o quis matar...»
e, pelo contrario, acordei-o brandamente, e assim o livre do perigo.—O meu filho, o diamante pertence-te, exclamou o velho enternecido. Que grandeza d’alma não ha fazer-se bem ao seu inimigo, em pagar-se o mal pelo bem!"
da civilidade sujeita-se a perder a estima e o respeito, porque é certo o adagio: «quem diz o que quer, ouve o que não quer.» Temos obrigação de tratar bem a todos, porque a incividade é manifesto signal de ma educação, ou de sentimentos gnosseiros. Quanto mais elevada for a nossa posição, mais urbanidade e atenção devemos mostrar, porque neste caso a incividade não só humilha, como também ofende. O cavalheiro Goels, governador da Virginia, conversando um dia na rua com um hidalgo seu amigo, tirou o chapéu a um preto, que lhe tinha cortejado. «O que vejo diz o hidalgo admirado, V. Exe., abaixa se a cortejar o negro! — Sém duvida, respondeu o cavalheiro Goels, porque não quero que se diga que um negro e mais bem, educado que o governador da Virginia.» A civilidade nos ensina a soffrer as fraquezas do proximo e nos poupa muitos desgostos. Uma senhora, que não passava por muito bem casada, perguntou a uma sua amiga a razão porque vivia tão bem com seu marido. «Fazendo tudo o que agradá a meu marido, respondeu a amiga, e sofrendo com paciência o que me não agradá a mim.» Nas conversações e nas discussões, a civilidade atalha sempre as disputas, as rixas, e as inimíssades. E por isso que Salomão disse nos seus proverbios: A resposta branda quebra a ira; a palavra dura suscita o furor; — O homem iracundo provoca as rixas: o que é paciente, aplaca as que se tem excita-do; — As palavras compostas são um favo de mel.

O perdão é a remissão completa de uma falta, que temos o direito de punir como superior, ou de uma offensa que nos foi feita. Perdoa-se quando se esquece a falta, ou offensa, como se não existisse mais vestígio na memória. Deus perdoa ao pecador arrependido; o pai perdoa ao filho; o senhor perdoa ao escravo; e o amo perdoa ao servo. O perdão é um acto de cle-
mência, ou de generosidade, e é a mais nobre vingança do homem. O imperador Theodosio perdoava os criminosos que tinham a felicidade de fazer-lhe chegar a petição de graça. Pulcheria, sua irmã, julgou prudente lembrar-lhe os perigos de uma clemência tão excessiva: "Ah! minha irmã," respondeu o imperador, podemos facilmente matar um homem, mas só a Deus pertence restituir-lhe a vida." Alguns cortezãos de Filipe ao Bello, rei de França, aconselharam-no para vingar-se de um prelado que o tinha ofendido: "Bem sei, disse o rei, que posso fazê-lo; porém é mais nobre poder vingar-me, e não vingar-me.

A paciência é uma virtude que faz suportar a adversidade, a injúria e a dor sem murmúrio e com moderação. Esta virtude é muito necessária para a vida, e nos auxilia a tolerar com indulgência os erros e os defeitos dos outros. Aprende-se a paciência, exercitando-nos sempre em diminuir a impressão que nos pode causar a imperfeição dos outros. Uma das primeiras qualidades de Socrates era uma tranquilidade de espírito que nenhum acidente, ou desastre, ou injúria, ou mau tratamento podia alterar. Dizem que este filósofo tinha no princípio o gênio arrebatado e impetuoso, mas que as suas reflexões e o esforço que fez para se conter, e corrigir, o fizeram moderado e paciente. Pediu aos seus amigos que o advertissem quando estivesse prestes a encoléricar-se, e ao menor sinal mudava de voz, ou calava-se. Encoléricando-se um dia contra um escravo disse: "Eu te castigaria, se não estivesse encoléricado." Na sua própria casa teve ampla carreira para exercitar a sua paciência, que foi posta continuamente em prova por sua esposa Xantipe, mulher de gênio excentrico, e arrebatado. Um dia, querendo injuriá-lo de um modo sensível, Xantipe arrancou-lhe o manto dos homens, no meio da rua.
e o lançou na lama. Os amigos de Sócrates aconselharam-no para que se vingasse imediatamente, e lhe desse uma lição que a escarmentasse para sempre.

«Um marido brigando com a mulher, disse Sócrates, seria para vós um espectáculo divertido, e eu não estava disposto a representar esta comédia à minha custa.»

N’outra ocasião, depois de ter suportado por muito tempo, sem dar palavra, as injúrias e a colera de Xantipe, saiu da casa, para deixar o campo à sua inexorável esposa, e foi sentar-se ao limiar da porta. Xantipe desesperada pela paciência do marido, sobe ao quarto, vai à janela, e atira na cabeça calva de Sócrates uma barica de água suja. As pessoas que passavam na rua, e que viram esta cena, riram-se a valer. Sócrates riu também, e disse tranquilamente: «Eu já esperava isto, porque depois da trovoadada vem a chuva.»

**EVANGELHO DE LAVRADORES.**

Claudio Bujault, por alcunha mestre Thiago, lavrador francez, residente em Choró, foi homem de larga experiência e bom juízo, autor de muitos escritos de prática rural, e conhecido em toda a Europa. As suas sentenças são para os lavradores como os aforismos de Hipócrates para os médicos, e os de Franklin para os moralistas. Nas diversas obras de Bujault aparecem as seguintes máximas, que muito se recomendam pela força de persuasão, que as vivifica:

«Cada cavalo ha mister de um moço capaz, como cada terra de um bom cultivador.—Quem despreza a sua fazenda perde um terço da renda, e a metade ha de per-
dér se a quiser vender.—Se és amigo de teus filhos, trata da tua propriedade.—A boa dona de casa é um thesouro. Mulher activa e cuidadosa torna a casa abundosa.—A feira e mercados não vás senão para os teus negócios e arranjos: não temas que por tui não apareceres, faltem-lá mandriões, comedores, e bebados.—O que primeiro se poupou é o que primeiro se ganhou. De ganhar nem sempre se tem certeza, mas do que se poupa, tem-se.—Não percas nada do que pode prestar para a gente, para os animaes ou para a terra.—Um punhado de palha dá dois punhados de estrume; dois punhados de estrume dão um punhado de grão.—Poe cada cousa no seu lugar, e trata com amor as ferramentas: sol e chuva estragam tudo, e depois é necessário mais pau, mais ferro, mais trabalho, e mais dinheiros.—Acostuma teus filhos a guardar e a apanhar.—Cura com diligencia do que tiveres colhido. Muitas vezes se perde mais n’um dia por negligencia do que se ganhou a trabalhar n’uma semana.—Teus filhos que assentem por escrito o producto de tuas colheitas, as tuas compras, as tuas vendas e as tuas despezas.—Lavra bem com o arado e estrume melhor: não poupes a tua terras e serás lavrador.—Trata com dô a tua terra, como os animaes do teu carro: não lhe deites carga com que não possa.—Quem sua terra estafa, sua bolsa estafa.—Não ha boa lavoura, sem bom arado e relha larga para cortar as raizes.—Faze muito por te descartares das mais hervas que, segundo a minha botanica, são da familia dos maus lavradores.—Queres ter colheita? Faze prado para pastio.—Os prados são para a lavoura e o que o mantimento é para a gente.—Se a terra anda esgotada o prado a fortalece; se cançada, descanca-a; se comida de mais hervas, alimpa-a.—Não ha terra em que se não possa fazer prado de alguma casta.—Os prados sustentam gados: os gados dão estru-
me: o estrume dá pão. — Os prados, os gados e os estrumes trazem o grão. — Todas estas coisas andam próximas às outras, quem faltar a alguma despeça-se da colheita. Quem faz bons prados da metade da terra, que podia lavrar; e lavrador de lei: ainda não é mau lavrador se faz pasto só do terço. — Não há de semear senão o que podes estrumar. — Faça prados e cria gados até que tenhas adubo para todos os teus trigos. — Não semies de media da terra, mas sim a media do esterco. — Semear sem estrumar não é semear: é deitar as sementes a perder, e por a casa a arder. — Uma cabeça de gado grande estruma 200 braças quadradas: outro tanto fazem dez carneiros. — A espiga perfeita faz a boa colheita. De tudo há de cultivar, para que tudo não venha a faltar. Se falta o pão ao lavrador, a batata é o seu flador; e se o celeiro lhe transborda com a batata e o seu gado engorda. — Cria gados de diferentes espécies, se um se não venha, outro te dá dinheiro. Quem trata o seu gado, trata o seu morgado. — Engorda o ten gado antes de vender. A gordura é capa dos defeitos. — Despessa-se faz estrume, dinheirão, e trigo. Se es trabalhador e forcs poupado, mais tarde ou mais cedo serás abastado.

A tão belos conselhos acrescentaremos somente os seguintes: Le e estuda os livros de agricultura, e experimenta os novos instrumentos, máquinas, e processos. — A experiência dos novos processos nem sempre vinga na primeira, segunda ou terceira tentativa: experimenta sempre com cautela, e nunca desamise. — A inexperiência e o erro são os tributos que sempre se pagam às primeiras tentativas; por tanto nunca, desabones; qualquer experiência, e fala só depois do seu resultado. — Daí a vossos filhos, se poderdes uma boa instrução agrícola teórica e prática, mandando-os estudar em Grignon, na França, e em Hohenheim,
na Alemanha ou em qualquer outra escola acreditada. Deste modo terão elas um título académico, e aumentarão o património que lhes deixardes. — Só o saber e o trabalho nós dão honra e proveito. — Aos nossos olhos uma carta em agricultura é um título de tanto apreço, como a carta de um bacharel formado em direito, ou em qualquer outra ciência.

MAXIMAS E SENTENÇAS.

— O temor de Deus é o princípio da sabedoria.
— Tende horror à calúnia e à vingança.
— Sede brando e indulgente para com os outros, e severo para convosco.
— Seja em bem, seja em mal, nunca julgueis pessoa alguma pelas aparências.
— Não gastéis hoje aquillo de que amanhã podeis necessitar.
— Não desprezeis o homem pobre, e temer que a fortuna, sempre inconstante, vos coloque em igual situação.
— Cumprí vosso dever, aconteça o que acontecer.
— Não façais cousa alguma n'um momento de colera; por ventura embáticois no meio de um temporal desfeito.
— Sede económico; a falta de dinheiro pode causar a falta de juízo, e muitas vezes a falta de probidade.
— Educai vossos filhos, e sabereis de quanto sois devedor a vosso pai e vossa mãe.
— Deixai aos invejosos o direito de dizer injúrias, e aos tolos o de lhes responder.
— Ambicionai a honra, e não as honras.
— Se fordes zeloso de vossa independencia, não façais divida.
— Um rico sem liberalidade é uma arvore sem fruto.
— O melhor modo de se vingar de um inimigo, é despresal-o.
— Pomo-nos ao nivel da gentalha, quando disputamos com ella.
— A mentira é o recurso das creancas, dos tolos, e dos maus.
— Aquelle que perdeu a honra, nada mais tem que perder.
— Mil conhecidos não valem um amigo.
— Deve-se capitular com a ignorancia e a toleima como com um inimigo superior.
— Quem não sabe ler e escrever, pode ser facilmente logrado por aquelles que tem essa vantagem.

Os amigos que nos occultam os nossos defeitos, servem-nos de menos que os inimigos que delles nos advertem.

— Julgar que um inimigo fraco não pode fazer mal, é pensar que uma farsa não pode causar um incendio.
— Vale mais, emmagrecer com honra do que engordar com infamia.
— Aquelle que fez um serviço deve esquecer-se d’ella, e o que recebeu, deve tê-la sempre na lembrança.
— A ingratidão é a maior, monstruosidade moral da natureza.

— Convém que procuremos agradar; mais deve-se ter sempre em vista que adular é enganar.
— A razão é a arma do sabio; o ferro, a do mendecapto.
— A natureza, dando-nos dous ouvidos e uma só lingua, nos ensina que devemos ouvir mais do que falar.
— A economia é a riqueza do indigente.
—A instrução é o adorno do rico e a riqueza do pobre.
—Aquelle que te conta os erros dos outros, não deixará de contar aos outros os que tu commetteres.
—Não te individes sem necessidade, porque o homem que toma emprestado, servo é do que lhe empresta.

O beijo de Judas.

—O prodigo rouba o seu herdeiro: o avarento rouba a si próprio.
—A fome dá ao pobre o direito sagrado de importunar o rico.
—Não deixes para amanhã o que hoje poderes fazer
— Evita o orgulho que é peior que a fome, a sede, e o frio.
— Houve muito, e não falles senão a propósito.
— Se estás aborrecido, conta até dez antes de responderes; se estás ofendido, conta até cem.
— Estuda attentamente tudo quanto disser respeito a tua profissão, e virás a saberes nela. Se laborioso e econômico, e chegares a ser rico; se frugal e parco, e conservarás a tua saúde; se justo e não temerás a eternidade.

---

DA HYGIENE.

A hygiene tem por fim conservar a saúde, e aquelas que seguem os seus preceitos vivem saudáveis e robustos, e worrem velhos. Aqui apresentamos os principais preceitos higênicos, em forma de rituais, trazidos, pelo Sr. L. Felipe Leite, que devem ser decorados pelos meninos, assim como as máximas estampadas neste livro.

II. DO VESTIDO E DO AÇEIO.—Traz a todos a limpeza, saúde, forças, lindeza.—Deves lavar, cada dia, a cara com água fria.—Faró que a chuva molhou, em si ninguém o secou.—Sol de inverno, ou sol de estio, na cabeça é doentio.—Penteia-te e limpa os dentes, con, serve as unhas decentes.—Lava o corpo em água frias se queres ter energia.—Do que dorme descuberto, as doenças andam perto.—Quem não lava, e estrega os dentes, tem-nos podres e indecentes.—Quando mudares de fato, faze-o sempre com recato.—Tem calos, e anda aleijado, quem traz sapato apertado.—Espartilho muito estreito causa molestia de peito.—Co o suor, que se arrefece, também o corpo adoece.

III. ALIMENTOS E BEBIDAS.—O que espera o gulotão? Morrer de uma indigestão.—Come só para viver: não vivas para comer.—Entre comida e comida evita qualquer bebida.—Come, e beberás então, que te ajuda a digestão.—Suando, bebe água fria, quem quer tosse ou pulmonia.—Nunca tu te desperdices por bolos e gulodices.—Aguia e vinho não faz mal, vinho só... não bebas tal!—Para quem ainda é pequeno, vinho e licor é veneno.—Nunca tomes limonada co a digestão começou.—Depois de comer banhar-se, é mesmo querer matar-se.—Muitos doces e pasteis produzem males cruséis.—Morrem de fome, rãuissimos, de fartadelas, muitissimos.—Co o comer mal mastigado, muitos se tem engasgado.—Não faz boa digestão, comer com sofreguidão.—Erifão que das grandes ceias tem as sepulturas cheias. Quando estiveres suado, não tomes nenhum gelado.—Vale mais ficar com fome, que adoecer do que se come.—Quem muito vinagre traga, o seu estomago estraga.—Quem come fruta ainda verde, em breve a saúde perdê. São de assucar muito amigas as malditas das lombrigas.—Fructa omer em jejum...
faz seções; e bem nenhum.—Não comas hervas, ou bagas que não conheces, que o pagas.

IV. Do exercício e do repouso.—Faz exercício diário, estuda o que é necessário.—Tão preciso é descansar como brincar e estudar.—Quantas horas dormirás? Nove só; em santa paz.—Menino que muito dorme, fica doente ou disforme.—Dormir sosinho na cama conserva a saúde e a fama. —Dentro cedo é cedo erguer, da saúde e faz crescer.—Depois do comer não leias, ser urgente não no creio.—Gabriolas pela escada, dão em cabeça quebrada.—Madurga, e vai passear, saúde é que vais ganhar.—Acabada a obrigação, vai buscar pêlo e pião. —Faz mal correr contra o vento, são caro o divertimento.—A hygiêne te manda, não dormir em cama branda.—O dormir de mais a sesta torna a comida indigesta.—As brincadeiras de mão sempre na cabeça dão.—A cama é para dormir; mal cordes é vestir.

V. Sensações e paixões.—A saúde é dom precioso, que Deus tira ao peregrino. —Não te cause nunca espanto defunto, bruxa ou encanto.—Ao rapaz que muito grita a garganta se lhe irrita.—O que se faz mandria deixará de viver são.—Quem se assusta facilmente, anda sujeito a acidente.—Os sonhos são vãs mentiras; d'elhes verdades não tiras.—Agiosos impropríos são, de crer n'ellos um christão.—Não te assuste a tempestade, que Deus é Deus de bondade.

VI. Generalidades.—Não durem com os gatos, nem passos, dessem sapatos.—De molhar os pés, às vezes, vem molestias para mezéns.—Temar banho muito quente, nunca foi conveniente.—Em banho frio deter-se, não nadando é de temer-se.—Retêr a orina, em rapaz, dôr de pedra e areias faz.—Curar a tosse procurando, mais tarde não terá cura.—Partir nunca tua tentativa sem tomo materia dura co'os dentes.—Se troveja e arrisca subir a torre ou eirado.—A dieta cura mais que
drogas medicinais.—Se as unhas uzas roer, podes os dedos perder.—Lerás à luz natural; mas pouco à artificial.—Muito cuspir é um vício, que nunca fez benefício.—Outro vício é o fumar que te ha de prejudicar.—Quando troveja, meninos, não se devem tocar sinos.—Se te sentires doente, deitar-te é o mais prudente.—Faz quanto manda o doutor, quando não será peior.—Os remédios amargosos bebe-os como os saborosos.—Recaída é mais que doença: temes da convalecência.—Então dêves só comer o que o doutor prescrever.—Não finjas doente estar, pode-te Deus castigar.—

DOS ASTROS.

Os astros são as estrellas, que parecem estar suspensas na abobada celeste e dividem-se em luminosos, opacos, fixos, e errantes.

Os astros luminosos brilham com explendor, que lhes é proprio, como o sol, e as estrellas fixas.—Os astros opacos, ou planetas são os que recebem a luz dos outros astros, como a lua, que não tem luz própria, e que a recebe do sol.—Os astros fixos conservam a mesma posição no céu e os astros errantes mudam de lugar. Alguns dos astros errantes aparecem em certas épocas, acompanhados de uma cauda luminosa, e chamam-se cometas.

Os astros apparentes são aquellas que se podem ver a olho nu, como a lua, o sol, e um prodigioso número de estrellas, e os astros telescópicos são aquel-
les, que só com o auxílio do telescópio, ou óculo de alcance, podem ser vistos.

Contam-se mais de 2.000 estrelas a olho nu, e a via láctea não é mais que o ajuntamento de milhares de estrelas invisíveis e longínquas, e tão amontoadas, que formam no céu uma cinta esbranquiçada e não interrompida.

Sendo infinito o número dos astros, dividem-se em constelações ou reunções de estrelas, para serem melhor conhecidas.

O sol está no centro do nosso sistema planetário e faz girar em volta de si os planetas Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Vesta Júpiter, Ceres, Pallas, Júpiter, Saturno, Urano, e Neptuno, os quais também fazem girar em roda de si outros astros menores, que são chamados satélites.

O sol é um milhão e trezentas mil vezes maior que a terra. A distância do sol à terra é de quasi 95 milhões de leguas, e a luz, que despede, gasta apenas oito minutos para chegar a nós. Para avaliar-se a distância do sol à terra, basta dizer que, se fosse da terra despedida uma bala de artilharia, correndo por dia 15900 leguas, levaria seis anos a chegar ao sol!

Mercúrio é o menor dos planetas e pouco visível, porque está quasi sempre engolfado nos raios do sol.

Vênus é a mais brilhante e formosa das estrelas, da tanta luz como vinte da primeira grandeza, e aparece de manhã para o lado do oriente, e de tarde para o lado do occidente.

A Terra, planeta habitado pelo homem, é de forma redonda, tem o movimento diário de rotação girando sobre si mesma, no espaço de 24 horas, e o movimento annual de translacão, girando em volta do sol, no espaço de 365 dias. A terra, sendo redonda, e girando sobre si mesma, recebe a luz do sol sempre n'uma parte
de sua superfície, e na parte que recebe a luz existe o dia, e na parte que não recebe, a noite. Quando a terra passa entre o sol e a lua, escurece a lua, porque lhe tira a luz do sol, e há então o eclipse da lua.

**Marize** é um planeta de luz escassa, e tem a cor de sangue.

**Vesta, Tuno, Ceres** e **Pallas** são chamados telescópicos, porque são muito pequenos, ou estão em grande distância, e não podem ser vistos sem o auxílio do telescópio.

**Jupiter** é 1281 vez maior que a terra, e o maior de todos os planetas; brilha com esplendor igual ao de **Venus**, e leva 4322 dias a fazer o giro em volta do sol.

**Saturno** tem em roda de si um anel luminoso; a sua luz é pallida, como a cor de chumbo; leva a girar em volta do sol 29 anos; e 975 vezes maior que a terra.

**Urano** tem seis satélites, é o penúltimo em distância dos planetas, e está afastado do sol 662 milhões de léguas!

**Neptuno** é o último dos planetas, descoberto em 1846 por Leverrier, tem dois satélites conhecidos; dista do sol mil milhões de leguas, e julga-se que faz a sua revolução em 166 anos.

A **lua** é um satélite da terra, e em sua roda gira doze vezes no ano, e enquanto nesse tempo a terra gira uma só vez em roda do sol. A lua é 40 vezes mais pequena que a terra, e está distante 68640 le- goas. Quando a lua passa entre o sol e a terra, esconde o sol, tira-lhe a luz e há então eclipse do sol.

Os astros sustentam-se no espaço, porque se **attrahem repellem** mutuamente, sem nunca se encontrarem, conservando-se, desde o princípio do mundo, nas distâncias que Deus determinou. A grandeza, a claridade, a harmonia, a variedade, a multidão dos astros mostram

"Amai com amor estremecido a nossa patria, por que a patria, meos filhos, não está somente na planicie no morro, na montanha, nos rios, na matriz, nas casas de pindobha da vossa fregueza, nas cantigas dos vossos vaqueiros na espessura das vossas matas, mas sim em todo o Brazil! Para o rio-grandense, a patria não é só o Rio Grande do Sul, as suas ferteis campinas, as suas bellas vaquejadas, o seu gancho entrelaçado com a chifreia e o ponche, e armado com o laço e a bola para o fluminense, a patria não é só o Rio de Janeiro, a sua magnífica baía, o Corcovado, o Pão de Assucar, as montanhas de cór azul, o céu transparente; para o pernambucano, a patria não é só o Pernambuco, os seus verdes cauães, as suas florestas de coqueiros, o seu commercio florescente, e as suas tradições guerreiras; para o maranhense a patria não é só o Maranhão, as suas roças de algodão, alvo como a neve, a sua natureza pomposa, e o mangue a reverdecer do tejucu, onde vôa em bandos o vermelho guará; para o paraense, a patria não está só no Pará no soberbo Amazonas, das suas innumeraíveis ilhas, nos seus rios tributarios, nas terras alagadas, onde crescem espontaneamente o cravo e a borracha, e nas praias arenosas cubertas de tartarugas, e de jacarés aquecendo-se ao sol! A patria é o
que nos faz palpitar o coração, é a unidade do nosso território e da nossa independência, é a glória dos nossos avós, a comunidade do nome brasileiro, a grandeza da liberdade! A patria, é o nosso belo céu, o sol ardente, que nos alumia, as florestas que nos dão sombra, a terra fertil que pisamos! A patria são todos os nossos concidadãos, grandes ou pequenos, ricos ou pobres! A patria são a nossa santa religião, as nossas instituições livres, e o nosso Imperador Constitucional, e Defensor Perpétuo. O SENHOR DOM PEDRO SEGUNDO, símbolo de paz e progresso, em cujo reinado surgiram pela primeira vez no Brasil a navegação a vapor, as estradas de ferro, os telegrafos eléctricos, a propagação do ensino primário, a supressão do tráfico, os institutos agrícolas! A patria, é O BRAZIL. que deveis amar, servir, e defender com todas as faculdades da vossa inteligência, com toda a força dos vossos braços, com toda a energia e com todo o amor da vossa alma!

"Amai vossos pais, para que vossos filhos vos amem. Não façais vossos velho pai bater com as mãos canhadas
próder e sabedoria de Deus, e fazem o homem dizer admirado: Só Deus é grande!

SIMÃO DE NANTUA.

Ja publicamos O bom homem ilustre, extrabido das obras de Benjamim Franklin. Agora publicamos o melhor que há n’um livro escrito por M. Jussieu, com o título de História de Simão de Nantua; o qual teve o prémio extraordinário de Montyon, conferido pela Academia Franceza, no valor de 6000 francos. Os extractos de tão valioso livro são os seguintes:

—Queres viver em paz, conservar a vossa tranquilidade, o vosso somno, e vossos bens? Ha para isso duas cousas a fazer: primeiramente evitar questões com os indivíduos, e, em segundo lugar, evitar brigas com a sociedade.

—A primeira necessidade do homem é não sofrer; e Portanto, o seu primeiro dever é não fazer mal aos outros. Não façais aos outros o que não quereis que façam. Se desejais gozar em socorro a vossa honra, os vossos bens, e os direitos de vossas pessoas, respetai os outros em suas pessoas, bens, e honra. Cão que morde é mordido, gato que forta é batido, e todo o animal perverso de quatro ou dois pes, mais cedo ou mais tarde é castigado.

—Os mãos tratem e as injúrias só dão razão a quem as recebe. O direito da força só prevalece por um momento, porque existe um braço mais poderoso do que o homem mais forte. é o da justiça. O
lobo pode fugir, com o carneiro às costas, mas o caçador depressa mata o lobo.

—Uma explicação pode prevenir uma contenda, em quanto que as 'mas' palavras não servem para nada, e as pancadas não fazem mais bem aos negócios do que a gente. Não é com o bordão que se reúmem os fragmentos da lonça quebrada, e nem com os gritos se afinam as rabelas; é preciso concertar com muita cautela os primeiros, e ouvir os sons das segundas. Cedamos uma causa para conseguir outra e assim vivereiemos, em boa harmonia.
Simão de Nantua.

Ja publicamos O bom homem ilícito, extraído das obras de Benjamin Franklin. Agora publicamos o melhor que há n’um livro escrito por Mr. Jussien, com o título de História de Simão de Nantua, o qual teve o prêmio extraordinário de Montreu, conferido pela Academia Franceza, no valor de 6000 francos. Os extractos de tão valioso livro são os seguintes:

—Queréis viver em paz, conservar a vossa tranquilidade, o vosso somno, e vossos bens? Há para isso duas cousas a fazer; primeiramente evitar questões com os indivíduos, e, em segundo lugar, evitar brigas com a sociedade.

—A primeira necessidade do homem é não sofrer, e Por tanto o seu primeiro dever é não fazer mal aos outros. Não façais aos outros o que não queres que te façam. Se desejas gozar em socorro a vossa hora, os vossos bens, e os direitos de vossas pessoas, respeitai os outros em suas pessoas, bens, e honra. Como que morde a mordido, gato que forta é batido, e todo animal perverso de quatro ou dois pés, mais cedo ou mais tarde é castigado.

—Os maus tratamentos e as injúrias só dão razão a quem as recebe. O direito da força só prevalece por um momento, porque existe um braço mais poderoso do que do homem o mais forte, e é o da justiça.
lobo pode fugir, com o carneiro às costas, mas o caçador depressa mata o lobo.

—Uma explicação pode prevenir uma contenda, em quanto que as más palavras não servem para nada, e as pancadas não fazem mais bem aos negócios do que à gente. Não é com o bordão que se reúmem os

fragmentos da louça quebrada, e nem com os gritos se afinam as cabeças; é preciso concertar com muita cautela os primeiros, e ouvir os sons das segundas. Cedamos uma cousa para conseguir outra e assim viveremos em boa harmonia.
—A única força que tem sempre razão é a da verdade. Quem é sincero é forte, e quem deseja enganar é fraco, porque a boa fé anda sempre de companhia com o direito, e a falsidade produz em toda a parte as horripilantes consequências de sua natureza. Só o homem honrado e virtuoso pode ser franco, pois nada tem que ocultar; mas quem intenta um mau designio, ou commette uma má acção, não pode passar sem mentir.

—Convenha que a nossa lealdade não deixe a porta aberta aos maus designios dos outros. Podemos fiar-nos nas carícias do cão, mas convém vigiar as do gato. Muito boa fé, e uma desconfiança rascável, eis a maneira de ter sempre razão e nunca ser logrado.

—Na minha opinião o engano e a mentira são os vícios mais despresivos e ao mesmo tempo um dos maiores ultrajes que se pode fazer aos outros homens. Antes perderia a uma aguia que visse ao meio dia, e a minha vista levasse os menos coelhos, do que a traidora dominha que se introduz as escondidas para os matar à noite.

—Quem fala à sua palavra e um miserável, um ente digno de compaixão, porque ninguém julga pode acreditar. Só o homem de bem é escravo da sua palavra, porque sabe o que deve a si e aos outros. Em negócios políticos ou em negócios particulares, não se deve faltar à palavra, porque a palavra do homem de bem é uma só, e valiosa para todos os casos. O homem politico mentiroso é tão miserável como o homem particular que não cumpre as suas promessas, e que adquire a triste reputação de caloteiro.

—Quem não respeita a propriedade alheia, expõe-se ao castigo, à vingança, e à infamia. Não é verdade que não queréis que admirem cobiçando a vossa cabana, o vosso curral, as vossas geiras ou a vossa
tenda? Respeitai pois, da vossa parte os palacios, as terras, ou as grandes fabricas dos ricos. pois se não tendes palacios, fazendas ou fabricas, também há quem não tenha cabana, tenda ou curral.

—Devem-se respeitar os bens dos outros nas minhas causas. Uma espiga do campo do vosso vizinho, uma fruta do seu pomar, um cacho da sua pareira, não vos pertencem mais que toda a colheita. Não se trata de dizer: "Que é isso?" Pois se todos dissessem a mesma causa, a colheita seria feita sem o proprietario o saber.

—O trabalho e a economia são os unicos remedios para curar a miséria, e quem ê activo e cuidadoso não tem que receiar a penuria. Tende confiança em Deus, que vos ba de ajudar, meus amigos; obedecei a lei, trabalhai com fervor, e vivei com prudente economia. Verdadeiro pobre e somente aquelle que diz: nada do que eu posso é meu. Quem não deve nada, anda com o rosto levantado, vai a toda parte, e olha para todos sem abaixar os olhos. Para isto não é preciso muito, porque o homem que dá dez reis do que ê seu, é mais rico do que aquelle que toma dez mil reis emprestados. Não basta saber como se adquire cumpre também saber poupar, pois toda a despeza é grande quando não é necessaria. Costuma-se dizer; isto não ê nada; eu posso fazer ista despeza. Mas não ê assim, porque o pouco repetido torna-se muito. Por mais pequeno que seja um buraco, se o vinho passa, a pipa fica vasia.

—Não se deve querer tudo para si. Quem começa por abarcar tudo, acaba por ver que lhe levam tudo. Quem se aflige com a prosperidade dos outros merece a sua própria ruina. O tempo, que empregamos a contrariar as vantagens dos outros, é perdido para nosso interesse, e a mortificação, que isso nos causa, dete-
riora a nossa saúde. Não há invejoso rico, sábio, e
que viva muitos annos porque «a inveja é uma luna
que usa, e gasta, ao mesmo tempo o corpo, e alma.
— Não há nada mais reprehensivel do que o ho-
mem, que se expõe voluntariamente a perder a razão,
e fazer-se igual aos brutos. Um bebado é desprecivel,
em quanto um louco é digno de compaixão, pois ainda
que a embriaguez seja uma verdadeira loucura, com-
tudo é mais vergonhosa e digna de imputação, por
ser voluntaria.
— Tenho notado que são perversos aquelles ho-
mens, que tratam os animaes com cruelidade. Quem
vê sem piedade soffrer um cão, ou cavalo, não
está longe de ser insensivel aos sofrimentos dos seus
similhantes, e quem se costuma a fazer mal aos bru-
tos, não tardara em fazer aos homens. Ha paizes,
onde a cruelidade para com os animaes se considera
como delicto, e e castigada pelas leis. Isto me pa-
rece muito prudente. Entre nós, porém, onde não
ha esta legislação, eu quizeria que ao menos a opiniao
publica se declarasse de um modo eficaz contra este
genero de barbaridade, e que todo aquelle que, sem
necessidade, maltratasse qualquer animal fosse apon-
tado com desprazo, como se tivesse ferido ou mastru-
tado qualquer criatura que, pela sua fraqueza, não
pode, ou não sabe defender-se.
— Parece que muita gente não sabe o que é uma
demanda. Neste mundo não se administra a justiça
gratis, custa caro ter justiça, e ainda mais caro em
não a ter. Quem demanda tem de pagar ao procu-
rador, ao escrivente, ao advogado, ao registro, e ao
selo, e tudo se paga adiantado, ainda mesmo que o
processo vá bem de vagar. Quando, emfin, se pro-
ferir a primeira sentença, o vencido não se dá por ven-
cido, apela, embargar, recorre, e começa de novo a per-
der tempo e dinheiro. Diz um proverbio que no fim
de uma demanda um dos litigantes fica em fralda de
camisa e o outro nu, isto é, um perde muito, e o outro
tudo. Os chinezes tambem dizem que n'uma de-
manda o vencedor ganha uma galinha e perde uma
vaca. Isto é uma pura verdade, meus amigos, e Deus
nos livre do espírito de chicana, que é um verdadeiro
poco sem fim, onde tudo entra e nada sai. Se me
daes credito, componde vos, e não demandeis, porque
uma ma compoção e melhor que uma boa demanda.
—O mal não se remedia com o esmorecimento.
Quando o homem tem coragem, e quer lutar contra a
adversidade, e sempre mais forte do que ella. Quem
sabe sofrer com resignação, esperar com paciencia,
e trabalhar com firmeza, nunca sucumbir a desgraça.
Deus disse: Trabalha que eu te ajudarei.
—Entendeis que o acoio seja cousa dispensiosa?
Por venda custa dinheiro o ar, que entra na vossa
casa, ou a agua com que lavais o vosso corpo, e os
vossos moveis? —Não ha nada peor do que respirar
sempre em ar infecto. Se deixardes cobrir de sordi-
dez e de bichos o vosso corpo, isto sera um principio
de corrupção, que pode produzir enfermidades muito
graves. Vede como os animaes mergulham-se na
agua para limpar-se o corpo, e o instincto que os
ensina a tomar esta precaução natural e necessaria.
—A ferrugem consome, a fuma por fim a cas-
sarola, que ninguem estrega, e a falta de acoio é tam-
bem uma especie de ferrugem, que pode estragar o
corpo e alterar a saude. O sol dá luz a todos, o rio
corre para todos, e para todos circula igualmente o ar.
Não ha pois miseria que possa impedir-vos de lavar o
vosso corpo, a vossa roupa, a vossa louça, e limpar os
vossos moveis; e arejar e varrer a vossa casa. Se a
não fizerdes, asseguro-vos que as immundices na
vossa pelle hão de se converter em ulcera, e biobaria; a falta de aceio ba de estragar os vossos moveis; e produzir venenos nos vasos em que puzerdes a comida; a humidade, e a falta do ar nas vossas habitações, vos exporá a muitas molestias. As mulheres pertence particularmente o aceio de uma casa. Os trastes em desordem e empoeirados; a sala, os quartos, e a varanda cheias de cisco e teias de aranha; e os vidros, as panelas, e os pratos emporcalhados são a condenação eloquente de uma dona de casa preguiçosa e immunda.

—A honra é a maior de todas as riquezas, pois quem a conserva, depois de perdido tudo, pode consolar-se, e mesmo restabelecer-se, e, pelo contrário, a perda da honra é irreparável, e não há no mundo riquezas que a possa recuperar. Atacar pois, a honra de um homem é fazer-lhe maior dano do que atacar-lhe os seus haveres. Assim os maldizentes e os calumniadores são malvados mais temíveis do que os salteadores armados, e os ladrões noturnos e só se lhes pode, comparar os que lhes dão ouvidos, e que repetem suas calúncias porque pouco ruido fariam os sinos. se não houvesse ar para propagar os sons, nem se ouviria ao longe o trovão, se não fosse reproduzido pelos échos.

Se tratais de pedir emprestado, lembrai vos de duas cousas: primeiramente que é preciso restituir, e que a exactidão é a filha da probidade, e mãe do credito; e em segundo lugar, que um empréstimo é sempre um onus insuportável, porque o devedor vive sempre à mercê do credor. Se, pelo contrário, quereis emprestar lembrai-vos também de duas cousas; a primeira, que é necessário saber a quem e tomar as seguranças necessárias; a segunda, que, se faz secar a arvore, que obrigamos a dar demasiado fruto, isto é, que o dinheiro que produz mais do que deve, vai...
arriscado. Sede fieis a estas maximas, e não tereis
chicanas com os devedores e credores. Claro está
que só fato aqui de negocio, e não desses empresti-
mos de amizade, ou de caridade, em que muitas ve-
zes se faz o maior sacrificio possível pela satisfação
de ser util, e que é diferente, e tão louvavel, quanto
consolador.

—É um erro mais frequente o pensar-se que é licito
eugar o fisco e os recebedores da fazenda publica.
Porem não vos deixeis cair em semelhante erro, pois
aém de que isso seria reter o bem alheio, como se
não pagasseis qualquer outra dívida, é também quasi
sempre um meio certo de pagar mais do que o de-
vido. As multas foram estabelecidas para o de-
fraudador, e o cobre que ganhou com mentiras vêm
a custar-lhe muito ouro.

—Ninguem está livre de ser citado, como testemu-
ilha, perante um tribunal. Neste caso basta somente
declarar o que sabeis sobre o pleito de que se’ occupa
a’ justica. Deveis dizer a verdade, e nada mais que a
verdade, pois assum jurais perante Deus e os homens.
Se por um testemunho falso fizerdes absolver um réu,
ficais sendo o seu culpilce, e responsavel por todo o
mal que fizer depois a sociedade. Se o vosso teste-
uminho falso fizer condenar um inocente, incorrereis
na mesma pena que elle tiver. Não vos altereis com
esta grande responsabilidade, pois quem tem boas
intencions, e a consciência pura, não deve atemorisar-
se com deve: algum, alem do que se fosseis accusado
injustamente, nao querereis que faltasse a audiencia
testemunha que devia justificar vos.

—Uma grande parte dos cidadaos tem as condições
necessarias para serem jurados, encargo delicadissimo,
de que ninguem pode exonerar-se, e cujas obrigações
cumpe portanto conhecer exactamente. No jury de-
veis escutar com atenção as testemunhas, a acusação, a defesa, n'uma palavra, tudo quanto se refere ao processo e deveis responder conscienciosamente às questões, que o presidente do tribunal vos propuser. Prestando a maior atenção, e respondendo com inteira convicção sim ou não, não vos inquieteis com os resultados da vossa declaração, visto que não ficais responsáveis senão pela vossa intenção e boa fé. Repetindo esta máxima, do justo, e não vos atreiais: Faze o que deves, antecipa o que acontecer. Sobre tudo, não façais como muitas pessoas fracas que tenho encontrado atemorizadas; quando vão para o tribunal, e bem decididas a responderem tão somente ao que puder absolver o réu. Que haja justiça! Tratar os culpados, como os inocentes, não é ultrajar os segundos? Não é uma perfidia, uma covardia? Amigos, entendeis melhor a dignidade das funções, dos júridos, e noteis que o privilégio de ser julgado pelos vossos iguais é assaz belo e precioso para que nos desviejemos em merecer-lo, e conservá-lo, exercendo-o com zelo e firmeza. O cavaleiro que tem a cabeça protegida por um bom capacete, seria louco, se, pelo achar pesado, o deitasse fora.

—As funções de tutor são delicadas e difíceis, e aconselho-vos, caro leitor, que as não aceiteis sem a maior reflexão. Mas se a isso vos obrigar a lei, a vossa posição, a honra, algum sentimento de gratidão ou de afefção, fazeis bem em não concluir, nessa qualidade, acto nenhum, em não dispersar cabeçaes vossos, ou de vosso pupilo, e finalmente em não assignar papeis, sem consultar previamente uma pessoa instruída nessas matérias. Disso pode depender o vosso próprio bem e a sorte dos vossos filhos. Direi mais que a qualidade de tutor não só impõe o dever de vigiar sobre os interesses materiais do pupilo, mas também o de ter
cuidado na sua educação nos seus costumes, e no seu procedimento. Do primeiro destes deveres sois responsável perante a lei, e do segundo perante Deus e a sociedade. Isto forma um grande encargo, e um dos que sempre tem mais ver recar sobre mim, pois é menos incomodo sentir sobre as nossas costas uma barra de ferro pesada e dura, com tanto que nos pertença, do que ter nas mãos um cristal leve e fragil, de que se deve dar conta.

—Quando se entra em relações de amizade com alguém, deve-se ter em vista que um homem vicioso não
pode ser amigo sincero, visto que um sentimento gen-eroso e puro só pode habitar n'uma alma honrada. Acre-
ditar na amizade do vício e querer ser enganado, e pro-
curar-l-a é expor-se ao seu contagio, porque é certo o
adagio. Dize-me com quem andas, e dir-te hei as manhas
que tens. Devemos também ter em vista que a pessoa,
que nos oculta os seus pensamentos, que sabe adular,
e que não sabe perdoar, não é nosso amigo, porque a
verdadeira amizade confirma tudo, busca sempre a
verdade, e não guarda nunca rancor.
—Os irmãos bem unidos formam um escudo capaz
de resistir aos maiores esforços. Vivendo unidos,
prospera a família, visto que dois juntos fazem mais
do que quatro separados. Se um braço não quer aju-
dar o outro, pouca obra se pode fazer, e quando uma
das nossas pernas não quer andar, a outra não pode
ir longe. Vê-de o edifício construído por um formi-
gueiro, onde todas as formigas se entendem e traba-
lham em comum. É um trabalho prodigioso; mas
dispersa a família, e verás-se pouco que faz cada
membro em particular. Vê-de aos pousos de cipós
separados, uma criança quebra cada um d'elles facil-
mente; mas mãos, enfermidão, e não haverá braço
robusto de homem que os possa quebrar! E por isso
que se diz que a uniao é a força.
—O marido e mulher, sentem, gozam, e sofrem
tudo ao mesmo tempo, formando uma doce união,
onde todos os sentimentos, todos os interesses, todas
as penas e todos os prazeres estão em comum, onde
em tudo existe dobrada satisfação, onde se dá mutuo
auxílio para supportar os males desta vida, e cada
um trabalha reciprocamente para a felicidade do ou-
tro. Ah! infeliz de quem falta a deveres tão santos e
tão doceis! A mulher que perjura a sua fé, e o marido
que deixa a sua mulher, ou que se torna seu oppres-
sor, hão de responder um dia perante Deus pela infracção de seu juramento. E principiará para elles um justo castigo neste mundo, porque a sua desunião trará a pobreza, a desordem na família, e verão os males de seus filhos, corrompidos pelos seus exemplos, ou talvez envergonhados da sua desonra. Quando os cavalos se dão mal, e cada um pucha do seu lado, o carrro vai cair no precipicio. Bem sei que ninguém é perfeito, e que ha certos momentos em que nem todos se podem conter; porém como isso acontece a toda a gente, como cada qual tem os seus defeitos, é preciso que entre dous espodos a indulgencia seja reciproca. Se vossa mulher estiver doente, não haveréis de tentar cura la a força de gritos e máus tratamentos, mas haveréis de dar-lhe os remedios que o medico prescreveu. Os defeitos são molestias do espírito ou do genio, e a indulgencia é o unico balsamo, que pode curar as molestias deste genero. Não é as pancadas que um génio se abrandá, e sabei que o mau humor e os ciúmes não impedem uma má accão, e podem, pelo contrario, faze-la commetter, pois quem pensa que é trahido, e se queixa sem razão, inspira muitas vezes o desejo de merecer a queixa. Lembremo-nos de tudo isto, e não esqueçamos tão pouco que o jogo e a bebida, a inconstancia e a leviandade, são inimigos dos casados, e que o trabalho e economia, a confrança, a indulgencia, e a docura são harmoniosos predicados que é preciso possuirmos, para sermos bons espodos.

O BRAZIL (1).

O imperio do Brazil está na parte mais oriental da América Meridional. A sua maior extensão de norte a

(1) A maior parte dos apontamentos sobre o imperio do
sul, desde o forte de Maribatanaes, no Rio Negro, até o morro de Castilhos, na fronteira do Uruguai, é de 785 léguaas, e de leste a oeste, desde o cabo Branco, na Parahyba, até a corrente do Javary é de 727 léguaas. A sua superficie é calculada em 256.886 léguaas quadradas, e o seu litoral é de mais de 4.200 léguaas pelas costas e enseadas.

Limita-se o Brazil ao norte com o oceano atlantico, as Guianas, Guiana, Hollanda e Inglesa, e Venezuela; ao leste e sudoeste, com o oceano atlantico; ao sul com Buenos Ayres e republica Argentina, e Uruguai; e a oeste com Buenos Ayres, Paraguay, Bolivya, Peru e Equador. É banhado por grande numero de rios, devendo-se notar a esse numero o Amazonas, o maior rio do mundo, que nasce nos Andes do Peru, atravessa uma parte da republica do Equador, e tem um curso de 1.200 léguaas, e os seus afluentes Javary, Jurupá, Jatahy, Tefé, Guary, Purus, Madeira, Tapajoz, Xingu, Negro, e Trombetas: o Tocantins, que nasce em Goyaz, o S. Francisco, um dos maiores do Brazil, que separa a Bahia de Porto Alegre e Alagoas de Serigipe, tendo um curso de mais de 400 léguaas, e o Oiapock, Gua- rupá, Meirim, Itacuru (no Maranhao, e Bahia), Para
dahyba, Parahyba do Sul, etc.

Divide-se o Brazil em 20 provincias; a saber: Amazonas, população 14.000 habitantes, capital Manaus — Pará, 300.000, capital S. Maria de Belem — Maranhão, 320.000, capital S. Luiz — Piaui, 220.000, capital The
dezina — Ceará, 480.000, capital Fortaleza — Rio Grande do Norte, 210.000, capital Natal — Parahyba, 265.000, capital Parahyba — Pernambuco, 1.480.000, capital

Brazil são tirados do compendio de geographia do exm. sr. senador T. P. de S. Brazil, e os dados estatisticos baseam-se nos relatórios apresentados pelos ministros.
Recife—Alagoas, 280,000, capital Maceió—Sergipe, 250,000, capital Aracaju—Bahia, 1,230,000, capital Bahia—Espírito-Santo, 53,000, capital Victoria—Rio de Janeiro, 850,000, capital Niterói—S. Paulo, 700,000, capital S. Paulo—Paraná, 800,000, capital Curitiba—S. Catharina, 130,000, capital Desterro—Rio Grande do Sul, 350,000, capital Porto Alegre—Minas Geraes, 1,350,000, capital Ouro-Preto—Goyaz, 200,000, capital Goyaz—Matto Grosso, 80,000, capital Cuiaba. Além destas províncias ha o Municipio Neutro, com a população de 300,000 habitantes, aonde está a cidade do Rio de Janeiro, capital do Império.

Tem o Brasil uma província eclesiástica com um Metropolitano, que é o Arcebispo da Bahia e onze bispos sufragâneos, divididos em 1124 parochias e curatos. Os bispos, designados em população e território, são os seguintes, começando do norte: Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro, S. Paulo, S. Pedro do Rio Grande do Sul, Marianna, Diamantina, Goyaz e Cuiaba.

A divisão judiciária compreende um Supremo Tribunal de Justiça, no Rio de Janeiro; quatro Relações em Tribunais de apelações, no Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro; quatro Tribunais do Comércio, nas mesmas cidades; comarcas e termos judiciais. As comarcas são de 1.°, 2.°, e 3.°, trinca.

Na divisão civil administrativa, estão as vinte províncias, designadas em território, população e riqueza. Cada província é administrada por um presidente delegado do governo geral, e tem uma assembleia, que representa o poder legislativo provincial. As províncias dividem-se em municípios (cidades e villas), à frente das quais estão as camaras municipais, eleitas pelo povo. As camaras municipais devem zelar e promover o melhoramento dos municípios; mas a sua ação
é nula por falta de rendas, e mais ainda porque se en-
volvem em negócios políticos, intervinha na apuração
das actas dos colegios eleitoraes, e exercendo outras
funções de idêntica natureza.

O governo do Brazil é monárquico, hereditário,
constitucional, e representativo. Consta do Pacto Fun-
damental ou Constituição do Império, promulgado pelo
Imperador D. Pedro I, e jurada em 25 de Março de
1824, e do Acto Addicional promulgado em 1834. O
monarca é o primeiro representante da nação, e toma
o título de Imperador Constitucional e Defensor Per-
petuo do Brazil.

A soberania nacional é representada pelos quatro
poderes políticos reconhecidos pela Constituição, e
estes poderes são: o legislativo, o executivo, o judi-
ciario, e o moderador.

É representado o poder legislativo por duas câmaras,
uma o Senado, composto de senadores vitalícios, eleitos
em lista triplice, e escolhidos pelo Imperador, e a outra
a Camará dos Deputados, eleitos de 4 em 4 anos, in-
compatíveis, somente em alguns casos, podendo contudo
receber títulos, condecorações, e empregos no exercício
das legislaturas. As suas principaes atribuições são:
decretar annualmente as despesas públicas, fixar as
forças de mar e suprimir empregos públicos, escolher
nova dinastia, no caso da extinção da imperante: ac-
cusar os ministros etc.—O poder executivo é exercido
por sete ministros responsáveis, a saber: do império,
justiça, estrangeiros, marinha, guerra, fazenda, e agri-
cultura. As principaes atribuições do poder executivo
são: a alta administração do Estado feita imediatam-
ente pelos ministros e mediatamente pelos seus de-
legados nas províncias, chamados presidentes, chefes
de polícia, inspectores das repartições fiscaes etc.; a no-
meação e demissão dos empregados geraes, mesmo os
de ordem muito inferior como os porteiros e continuos das repartições públicas; a apresentação para os benefícios eclesiásticos; a nomeação dos bispos; a direção das negociações políticas com as nações estrangeiras; a declaração da guerra; o movimento da força pública; a arrecadação dos impostos etc. — O poder judiciário é delegado a juizes perpetuos e jurades; estes pronunciam sobre o facto, aquelas aplicam a lei. Na classe dos juizes perpetuos estão os juizes de direito, nas comarcas, os desembarcadores, nas relações, e os membros do supremo tribunal de justica. Alem dos juizes perpetuos, ha os juizes municipaes, e substitutos que organisaem o processo crime, juizes excepcionaes, como os juizes dos feitos para as causas da fazenda; os juizes e tribunais do commercio, os audictores de guerra e marinha, o supremo tribunal militar, e os juizes e relação eclesiastica. — O poder moderador é exercido privativamente por S. M. o Imperador, e é a chave de toda a organisação politica. Tem por fim manter o equilibrio e harmonia dos outros poderes, obstando que um invada atribuições do outro, e comprometta a ordem, segurança e liberdade publicas. No poder legislativo, S. M. o Imperador exercê o poder moderador sancionando ou deixando de sancionar os decretos da assemblea geral, escolhendo senadores, adiantando ou dissolvendo a camera dos deputados; influe no poder executivo, nomeando e demittendo livremente os ministros; e, no poder judiciario, suspendendo e removendo os magistrados, moderando as penas impostas aos réus condemnados por sentença, concedendo amnistia etc.

A renda publica divide-se em geral, que é decretada pela assemblea geral, e destinada aos encargos geraes, cuja direcção pertence ao ministro da fazenda; em provincial, decretada pelas assembleas provinciais, para suas despezas peculiares, e em municipal, para
os encargos dos municípios. A receita geral arrecada na ano financeiro de 1871 a 1872 deu o computo redondo de 100.000 contos. No mesmo ano a dívida pública estrangeira, incluídos os empréstimos garantidos, orçava em libras 15.825.000; a dívida interna fundada em 283.976.200.000 e a dívida interna fluctuante em mais de 230 mil contos, incluindo-se o papel-moeda emitido, no valor de 15.806.740.000.

A instrução pública consta de três graus: científico ou superior, secundária ou preparatória, e primária. A primeira e dada por duas faculdades jurídicas em S. Paulo e Recife, pelas faculdades médicas da Bahia e Rio de Janeiro; pela escola central de engenheiros, pela escola militar, academia de marinha da corte, e seminários teológicos; a segunda pelos dois colegios (internato e externato) de D. Pedro II na corte; e escola militar do Rio Grande do Sul e lyceus das províncias; a terceira, por mais de 1880 escolas primárias em todo o império, a cargo das províncias. A instrução primária não é obrigatória, e por isso não é tão aproveitada como em alguns países da Europa, aonde os pais e tutores são obrigados a matricular os filhos e tutelados nas escolas particulares ou públicas, sob pena de multa pecuniária ou prisão.

O exército permanente de linha representa o número de 16,000 homens, e 1,550 oficiais, e em circunstâncias extraordinárias pode ser elevado a 32,000 homens. A marinha de guerra compõe-se de 76 navios armados, montando 290 peças com a força activa de 4,000 praças.

Existem no império cinco ordens honoríficas, a saber: três criadas pelo primeiro imperador, que são a do Cruzeiro do Sul, a de Pedro I, e a da Rosa e duas antigas portuguezas, a de Ariz, fundada por D. Affonso I, e a de Christo, por D. Diniz.
A agricultura, feita por braços escravos, está na sua infância. Simplesmente consistem os processos agrícolas em tocar-se o matto, demarcar-se as árvores, queimar-as, encoivar, plantar, capinar, e colher.

Não há nada mais fácil, e nada mais rotineiro. Com semelhantes processos, a população agrícola vive no estado nomado, as ricas madeiras são devastadas pelo incêndio, o clima torna-se irregular, e há uma perda incalculável de tempo, que representa imensos capitais. Só o sistema aratorio pode remediar tais males, e felizmente, no Império vão aparecendo tentativas de solidar progresso. Em 1838 fundou o exm. sr. conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá a primeira escola agrícola do Império; a escola prática de agricultura do Maranhão, pelo sistema aratorio; em 1860 decretou S. M. o Imperador os institutos agrícolas de Pernambuco, Bahia, Sergipe, e Rio; em 1864 fundou o exm. sr. Angelo Thomaz do Amaral a escola rural de D. Pedro II.

Nas províncias do Amazonas e Pará, onde o território e imenso, a população diminuta, os produtos naturais abundantes, a agricultura e quasi toda extractiva, e consiste em goma, elástica (borracha), cacau, salsa, puchê, castanhas, cravo, pimenta, baunilha, ipê-cacuanha, açúcar, óleo-de-cupuaba, e muitos outros. O algodão, a lapaica, o tabaco, e o assucar são cultivados em pequena escala, e no Pará a exportação do cacau regular em 300 mil arrobas, e a da borracha em igual quantidade. Na escola rural de D. Pedro II, dirigida pelo sr. Bruno de Goiânea, filho da província do Ceará e distinto discípulo da escola de Grignon, tem sido feita com feliz resultado a cultura pelo sistema aratorio, e no princípio do ano de 1864, existiam ali 24 educandos, activos, submissos, e com inclinação à vida que se destinam.
No Maranhão cultiva-se a cana de açúcar nas terras de Alcantara, Vianna e Guimarães, e o algodão no resto da província, tendo-se exportado em 1859 o número de 292 mil arrobas de algodão e 40 mil de açúcar. Em 1858, uma comissão, composta de dois lavradores, foi aos Estados Unidos, à custa da província, observar a cultura dos gêneros similares pelo arado. Na escola prática de agricultura cultivou-se pela primeira vez, em 1860, o algodão, o milho, e a mandioca em linhas, e com o arado. O mínimo da colheita do algodão pelo sistema aratorio, é o dobro da que se faz pelo sistema actual; e um escravo com o arado lava planta e capina, pelo menos uma quadra de 10,000 braças quadradas, em quanto pelo sistema actual, só quatro escravos preparam bem igual porção de terreno! Na cultura da cana de açúcar também já se emprega o uso do arado em algumas partes, principalmente nos engenhos dos srs. coroneis Antonio Onofre Ribeiro, de Alcantara, e José Coelho de Souza, em Guimarães, empreendedor da florescente colônia de S. Isabel, a qual tem 92 colonos, sendo 39 portuguezes e 33 brasileiros, que pelo trabalho aratorio, cultivam sempre o mesmo terreno, e vivem independentes e felizes.

No Piauí o solo, posto que fértil, e próprio em grande parte para a agricultura, é muito pouco cultivado, e a criação do gado bovino, muar, e cavalar é o objecto de maior commercio e riqueza da província. A cultura no Ceará é feita em geral por gente livre e labiada, e que pelo exemplo mostra que o trabalho não envergonha o homem, e que pelo contrario, o enobrece, enriquece e torna independente. Nisto consiste a prosperidade actual do Ceará e grande influencia que há de ter no futuro. O café, algodão, açúcar, solas, couros, goma elastica e cera
de carnauba são os seus produtos agrícolas. Não há muitos anos que a cera da carnaubeira é aproveitada, e hoje rende esta indústria mais de 400 contos anuais, não se contando o valor do consumo interno, e em 1860 exportou a província 147 mil arrobas de assucar, 77 mil de algodão, 56 mil de café.

No sertão do Rio Grande do Norte cria-se bastante gado, e nas serras e praias cultiva-se o algodão e cana de assucar, tendo sido em 1860, a exportação do assucar 147 mil arrobas. Nas varzeas e sertões acham-se numerosos carnaubais, de cuja cera fazem os habitantes grande comércio, e no sertão do Seridó existe em abundância a cochonilha insecto que dá o carmim, e, além disso, possui a província muito e excelente pau-brazil. Na Parahyba, os sertões criam e refazem bem os gados, mas o algodão e o assucar são os principais produtos, que formam sua riqueza e exportação, e conta mais de 160 engenhos de assucar, regulando a exportação deste género em 400 mil arrobas, e a do algodão em 300 mil. Em Pernambuco a principal riqueza agrícola é a cana de assucar, depois o algodão, e existem na província mais de mil engenhos de assucar, produzindo para cima de quatro milhões de arrobas.

O terreno fertilíssimo e substancioso de Alagoas produz todos os frutos tropicaes, e está coberto de soberbas matas de pau-brazil, e de madeiras de construção. Cultiva-se com preferência o algodão e a cana de assucar, e possui a província mais de 300 engenhos, e em 1860 exportou 289 mil arrobas de algodão, e 841 mil arrobas de assucar, no anno de 1860. Em Sergipe cultiva-se a cana de assucar, e em 1860 exportou 187 mil arrobas, e na Bahia também o assucar é o principal producto agrícola, sendo em 1861, a sua exportação 1,288,000 arrobas; e se-
gue-se depois, a cultura do fumo, e a do cacau, regu-
lando por anno a exportação do fumo em 300 mil ar-
robas, e em 14 mil a do cacau. Na província do
Espírito-Santo o solo é sumamente fertil, mas pouco
cultivado por falta de bracos; o café, algodão, assucar;
farinha de mandioca, e legumes são os principaes pro-
ductos agrícolas, tendo, além disso, alguns productos
naturaes que exporta como poaya (ipecaçuanha),
balsamo, e principalmente madeiras de marquinaria e
construção, com que abastece o arsenal da corte.
A cultura do Rio de Janeiro é o café em primeiro
lugar e depois a cana de assucar. Foi a planta do
café introduzida naquella província pelo chanceler João
Alberto Castello Branco, e desenvolven-se por tal-modo
a sua cultura, que no triério de 1855 a 1858 export-
taram-se mais de dez milhões de arrobas, represen-
tando um valor superior a 44 mil contos, sendo a
exportação pela alfandega do Rio de Janeiro 91% da
de todo o imperio. A exportação do café pela barra
do Rio de Janeiro comprehende o producto da lavoura
dessa província principalmente, e de uma parte das de
Minas, S. Paulo, e Espírito Santo. A província de São
Paulo produz bem todos os generos de cultura eu-
rópea, como a vinha, o trigo, e linho, porém o café é a
sua principal cultura, e depois o chá, assucar, fumo e
cereaes. O café exportado pelo porto de Santos, no
triério de 1858 a 1861, representa o termo medio de
1,230,876 arrobas, no valor de 1,974,106,8900. Cria
 também muito gado vacum, muar e suino, de cujo tou-
cinho e presunto faz um grande ramo de exportação.
Abunda em minas de ferro por toda a parte, principal-
mente nos montes metalíferos de Itapanema, e Araas-
suiava. As minas de ouro são pouco exploradas, mas
até o principio deste seculo deram 7,050 arrobas.
Não só no Paraná produzem bem a herva maté, o
algodão e o chá, como também o trigo, centeio, ceyada, aveia e outras culturas da Europa. A criação do gado é a maior riqueza da província, como também o matthe, que nas províncias do sul, e nas repúblicas belgas, é uma bebida tão usada e estimada, como o chá na China. Em 1859, exportou o Paraná 467,454 arrobas de matthe, no valor de 1,562 contos de réis. Em Santa Catarina, apesar de todas as vantagens do solo, a sua agricultura tem feito poucos progressos, e produz algum assucar, limão, café, aguardente, carnes xarqueadas, arroz, milho, feijão, e cebolas. No Rio Grande do Sul, nas partes guarnecidas de bosques, o terreno é fecundo, e produz todos os generos europeus. É a criação do gado bovino a principal riqueza da província e para isso prestam-se maravilhosamente as suas extensas e férteis campinas. Observa o Exm. Sr. Dr. F. L. C. Burlamaque, no seu interessante relatório geral da exposição nacional em 1861, que esta província possui, pelo menos, 200 mil vacas leiteiras, e que não exporta uma libra de manteiga, e nem um só queijo, perdendo por este modo, valores imensos na indústria leitífera. Depois do Paraná, é a segunda província productora de matthe e em 1859 exportou 438,865 arrobas, no valor de 1,600 contos. Ali tem vingado a colonização alemã com feliz resultado. Ha muitas colónias, principalmente a de S. Leopoldo, cuja população representava em 1859 o número de 15,295 pessoas, e o valor da exportação dos generos agrícolas foi em 1857 de rs. 822,837,500. Para que se forme uma idéia da importância agrícola de S. Leopoldo, diz o Exm. Sr. J. A. Fernandes Leão, presidente da província em 1859, basta saber-se que custando outrora cada prazo colonial (160,000 braças quadradas) 50,000 réis, hoje são avaliados, termo medio, em 1,000,000 réis.
A província de Minas, além de imensas riquezas minerais, é fertil para todo o gênero de cultura, e produz algodão, café, chá, e açúcar, e tem muita criação de gado vacum, lângero, e sumo, exportando em grande quantidade toncinho, graxa, e queijos deliciosos. Segundo o Barão de Eschwege, na sua obra *Phutus Braziliensis*, extraiu-se nesta província 35,687 arrobas de ouro, desde 1700 até 1820. Em Goiás abunda o pau-brazil, campeche, muitas plantas medicinares; gado, vacum e cavalar, e consiste a produção agrícola em agradável, açúcar, fumo e legumes, generos que não podem ser exportados, porque a despesa da condução excede ao valor do objecto. Matto-Grosso não só é província rica pelas suas minas de ouro, cobre e diamantes, hoje pouco exploradas, como também pela muita criação de gado. No século passado as suas minas de ouro deram em pouco tempo 3,107 arrobas. É rica em madeira de toda a especie e o arroz cresce nos campos espontaneamente. Ha terrenos aonde a cana de açúcar dura 20 annos, prodigio de vegetação que não se da em qualquer outra parte do Brasil, nem mesmo na ilha de Cuba. A ipecacuanha, a melhor do mundo, e o mate, que é tão excelente como o do Paraguay, assim como a borrach, a baunilha, a jalapa, e o cacau, são produtos naturaes. A exportação de Cuyaba para a beira-mar consiste principalmente em couros de boi, onça e veado, ouro em po, diamantes, e ipecacuanha, e são esses objectos metidos em sacos de couro, e transportados por mulas e cavalos. Ordinariamente o frete iguala ou excede o valor da mercadoria, e as viagens da capital da província para os centros comerciais do imperio duram tres, quatro, e seis meses. Tem sido isto a causa do atraso de Matto-Grosso, mas quando os seus rios forem navegados pelos barcos de
vapor, então esta grande e rica província ha de ser a terra de promissão do emigrante europeu, segundo a judiciosa opinião de Mr. L. de Libessart.

O Brazil ainda é novo para a civilisação, mas não é atrasado, pelo que respeita aos talentos, e meios de adquirir instrução. Muitas das suas cidades possuem homens estudosos, museus, bibliotecas e sociedades científicas. Na corte, além do Instituto Historico, presidido quasi sempre por S. M. o Imperador, existem as sociedades de Medicina, Auxiliadora da Industria Nacional, Instrução, e outras. O Brazil conta homens distintos nas sciencias, na politica e nas letras, como Fr. Jose Marianno da Conceição Velloso e Fr. Leandro do Sacramento, que exploraram a nossa botanica, e publicaram a Flora Braziliense, Dr. Jose Bonifacio de Andrade e Silva, Manoel de Arruda Camara, Bispo Azevedo-Coutinho, Viscondes de S. Leopoldo, e de Gayru, marquezes de Paranaguá, Marica, e Paraná, Alexandre de Gusmão, D. Romualdo, arcebispo da Bahia, e marquez de Santa Cruz, Evaristo da Veiga, Martin Francisco, Antonio Carlos, Paula e Souza, Bernardo de Vasconcellos, Monte Alverne, Gregorio de Mattos, Bazilio da Gama, Silva Alvarenga, Durão, J. Francisco Lisboa, Odorico Mendes, Gonçalves Dias e muitos outros.

FIM
Palácio do Governo do Maranhão, 16 de Novembro de 1865.—Tendo presente o seu ofício de 8 do corrente, em que Vm. me comunica haverem sido distribuídos pelas escolas primárias da província, os mil exemplares do LIVRO DO POVO, para esse fim oferecido por Vm. e anno passado.

Conforme Vm. solicitou, concedo-lhe autorização para distribuir pelas mesmas escolas no anno vindouro de 1866, igual número de exemplares.

Agradecendo a Vm., esta nova oferta, me e agrada vel olhado o por mais esta prova, que da do vivo interesse que tem pelo progresso do ensino popular na província.

Deus Guarde a Vm.—Lafayette Rodrigues Pereira
—Sr. Dr. Antônio Marques Rodrigues, Inspector da Instrução Pública.

LIVROS DO POVO

distribuídos gratuitamente pelas escolas primárias da província do Maranhão.

Por subscrição promovida pelo author, em

1862
Idem em 1863.
Oferecidos em 1864 e 1865 pelo author

1:800
1:400
2:000

Total

5:200